ETEB

Escola de Teologia Biblos

OS LIVROS DO EVANGELHO DE JESUS CRISTO & A HISTÓRIA DE ISRAEL

Módulo IV

ETEB – Escola de Teologia Biblos
Rua: Rodolfo Fraga – nº 29, Pitanga – Serra – ES
CEP 29.169-807. Tel.: (27) 99997-0398
E-mail: wpg.ev@hotmail.com
CNPJ. 21.185.447/0001-52

Copyright © 2022, Willian Pereira Garcia.
Copyright © 2022, Editora Milfontes.
Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.
Compra direta e fale conosco: https://espacomilfontes.com
comercial@editoramilfontes.com.br
Brasil

Editor Chefe
Prof. Dr. Bruno César Nascimento

Conselho Editorial
Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU) • Profª. Drª. Aline Trigueiro (UFES) • Prof. Dr. André Ricardo Vasco Valle Pereira (UFES) • Prof. Dr. Anthony Pereira (King's College, Reino Unido) • Prof. Dr. Antônio Leal Oliveira (FDV) • Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP) • Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS) • Prof. Dr. Arthur Octávio de Melo Araújo (UFES) • Profª. Drª. Caterine Reginensi (UENF) • Prof. Dr. César Albenes de Mendonça Cruz (EMESCAM) • Cilmar Franceschetto (Arquivo Público do Estado do ES) • Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG) • Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS) • Prof. Dr. Edson Maciel Junior (UFES) • Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto) • Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP) • Prof. Drª. Flavia Nico Vasconcelos (UVV) • Drª. Flavia Ribeiro Botechia (UFES) • Profª. Drª. Fernanda Mussalim (UFU) • Prof. Dr. Hans Urich Gumbrecht (Stanford University) • Profª. Drª. Helena Miranda Mollo (UFOP) • Prof. Dr. Heraldo Ferreira Borges (Mackenzie) • Profª. Drª Janice Gusmão (PMS-Gestão) • Prof. Dr. João Pedro Silva Nunes (Universidade Nova de Lisboa, Portugal) • Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES) • Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS) • Profª. Drª. Karina Anhezini (UNESP - Franca) • Prof. Dr. Leandro do Carmo Quintão (IFES-Cariacica) • Profª. Drª. Lucia Bogus (PUC/SP) • Profª. Drª. Luciana Nemer (UFF) • Prof. Dr. Márcio Seligmann-Silva (UNICAMP) • Profª. Drª. Maria Beatriz Nader (UFES) • Profª. Drª. Maria Cristina Dadalto (UFES) • Profª. Drª. Marina Temudo (Tropical Research Institute, Portugal) • Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP) • Profª. Drª. Marta Zorzal e Silva (UFES) • Prof. Dr. Nelson Camatta Moreira (FDV) • Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa (UVV) • Prof. Dr. Paulo Gracino de Souza Jr. (IUPERJ) • Prof. Dr. Paulo Roberto Neves da Costa (UFPR) • Prof. Dr. Rafael Cerqueira do Nascimento (IFES-Guarapari) • Profª. Drª. Rebeca Gontijo (UFRRJ) • Prof. Dr. Renato de Almeida Andrade (UFES) • Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR) • Prof. Dr. Rogério Naques Faleiros (UFES) • Profª. Me. Sátina Priscila Pimenta Mello (Multivix/ Estácio) • Prof. Dr. Sérgio Alberto Feldman (UFES) • Prof. Dr. Timothy Power (University of Oxford, Reino Unido) • Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP) • Prof. Dr. Ueber José de Oliveira (UFES) • Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (UFOP) • Prof. Dr. Vitor de Angelo (UVV) • Profª. Drª Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires) • Profª. Drª. Záira Bomfante dos Santos (CEUNES - UFES) • Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES) • Prof. Dr. William Berger (UFES) •Profa. Dra. Adriana Pereira Campos (UFES) • Profa. Dra. Carla Noura Teixeira (UNAMA) • Prof. Dr. Carlos Garriga (Universidad del Pais Vasco, Esp) • Prof. Dr. Claudio Jannotti da Rocha (UFES) • Prof. Dr. Claudio Madureira (UFES) • Prof. Dr. Daniel Mitidiero (UFRGS) • Prof. Dr. Edilton Meireles de Oliveira Santos (UFBA) • Prof. Dr. Gilberto Stürmer (PUC/RS) • Prof. Dr. Juliano Heinen (FMP) • Prof. Dr. Leonardo Carneiro da Cunha (UFPE) • Prof. Dr. Marco Antônio Rodrigues (UERJ) • Prof. Dr. Márcio Cammarosano (PUC/SP) • Profa. Dra. Mariana Ribeiro Santiago (UNIMAR) • Prof. Dr. Platon Teixeira de Azevedo Neto (UFG) • Prof. Dr. Ricardo José de Britto Pereira (UDF) • Profa. Dra. Viviane Coelho de Sellos-Koerr (UNICURITIBA)

Willian Pereira Garcia

Os livros do evangelho de Jesus Cristo & A história de Israel

Editora Milfontes
Vitória, 2022

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão
De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa
Imagem da capa:
Autor: *não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual*
Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração
Lucas Bispo Fiorezi

Impressão e Acabamento
GM Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Garcia, Willian Pereira
Os livros do evangelho de Jesus Cristo & a história de Israel/ Willian Pereira Garcia. -- 1. ed. --
Vitória, ES: Editora Milfontes, 2022. --
(Escola de teologia biblos ; 4)

Bibliografia.
ISBN 978-65-5389-031-2

1. Bíblia - Ensinamentos 2. Evangelho - Estudo e ensino 3. Jesus Cristo - Ensinamentos 4. Israel História I. Título II. Série.

22-124107 CDD-956.94

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Credo do Nosso Curso

• Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: O Pai, Filho e o Espírito Santo (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29).

• Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (II Tm 3.14-17).

• Na concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7.14; Rm 8.34; At 1.9).

• Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurá-lo a Deus (Rm 3.23; At 3.19).

• Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8).

• No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26; Hb 7.25; 5.9).

• No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (M 28.19; Rm 6.1-6; Cl 2.12).

• Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo (Hb 9.14; I Pd 1.15).

• No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7).

• Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade (I Co 12.1-12).

• Na Segunda Vinda pré-milenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira – invisível ao mundo, para arrebatar a sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; Segunda – visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (I Ts 4.16-17; I Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 14).

• Que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber recompensa dos seus em favor da causa de Cristo na terra (II Co 5.10).

• No juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20.11-15).

• E na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis (Mt 25.46).

Este credo é liberado pela Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil – CGADB.

Sumário

Comentário **13**

Introdução **17**

O Evangelho de Jesus Cristo: Análise Sintática do Termo Evangelho **19**

Histórico dos Livros do Evangelho 20
O Espírito Santo no ministério de Cristo Jesus 21
Simbologia dos Livros do Evangelho 22
Análise Teológica do Evangelho 23
Quebrando o conceito da religiosidade 26
O conceito da inspiração 27
Síria, uma região marcante 27
Edificando a fé da Igreja em Roma 28
Formalizando a fé de um notável homem 29
Uma visão diferenciada do Mestre 29
O maior favor de Deus aos homens 30
Conceito Cultural 30
Observação Conceitual 32
Os Valores das Linguagens no Evangelho 33
1 – Primeiro é necessário saber o que é figura de linguagem? 33
2 – Qual a necessidade em utilizar-se dessas figuras de linguagem? 34
3 – Como detectar se há de fato a presença destas figuras? 34
Compreendendo os Ensinos de Jesus Cristo 36
Uma Avaliação Quanto a Pessoa de Jesus Cristo 37
Os Métodos dos Ensinamentos de Jesus 39
O Sermão da Montanha – As Beatitudes 40
Alvos dos Ensinos de Jesus 45
Divisão dos Ensinos de Jesus 49
Resultado dos Ensinos de Jesus 55
Compreendendo os Milagres de Jesus Cristo 56

Etimologia da palavra: Milagre 56
Qual o Propósito do Milagre 56
Os Efeitos dos Milagres 58
O Alvo dos Milagres 59
Resistência de Operações 61
Milagres questionados – Jo 7.30 61
O milagre pela fé 62
A Incredulidade dos Homens 62
Viver o Oposto da Fé 63
Uma Visão Geral Dos Milagres de Jesus 63
Quando o Milagre Não Acontece 64
A Demora do Milagre 65
Desafiado pela fé 66
Um Milagre é Uma Dádiva 67
Compreendendo as Profecias de Jesus Cristo 69
Analisando o Significado da Palavra Profecia 69
A Visão Profética de Jesus Cristo No Evangelho 72
I – Perseguição na Visão Profética 72
II – Profecias de Características Escatológicas 74
Sistematizando as Profecias de Jesus Cristo 77
Após o Arrebatamento da Igreja 81
Sintetizando os eventos pós-arrebatamento da Igreja 82
O Evangelho e a Igreja 88
Compreendendo Outros Ensinos de Jesus Cristo 92
A genealogia de Jesus 93
Porque só em Mateus e Lucas? 93
A Tentação de Jesus no Deserto 94
Os Valores do Dízimo 95
Histórico Cultural de Dízimos 96
Explicando Sobre o Divórcio 97
A Importância do Batismo 99

A Ceia do Senhor 100
Conceituando a Ceia do Senhor 101
Valores dos Elementos da Ceia de Jesus Cristo 102
O pão como símbolo da carne 102
O vinho como símbolo do sangue 103
O valor das ofertas 104
Primeiro - Recebemos do Senhor Dádivas 105
Segundo - Porque Ele é o Dono da Vida 105
Terceiro – Porque é Voluntária 105
Amor ao dinheiro 106
O Perigo dos Falsos Juramentos 107
A Importância do Perdão 108
Apresentação de criança 108
Batismo com Espírito Santo 110
Batismo com fogo 110
Acerca do Joio e do trigo 111
Característica do Trigo e do Joio 112
Acerca de suicídio 113
Conclusão 114

História de Israel: Uma nação histórica com promessas futuras 115

Origem da Nação de Israel 115
A Inerrância do Antigo Testamento 117
Os pontos que definem a inerrância 117
Houve fontes auxiliares? 118
Israel e Seus Vizinhos 119
A Terra de Canaã 120
A Saída dos Hebreus do Egito 121
Detalhes de Moisés no Egito 121
O Início do Êxodo 122
A Páscoa ou Pessach 123

Saindo do Egito 124
Deus faz Aliança com o povo 126
O Povo de Israel as Margens do Jordão 127
Josué Estabelece a Entrada na Terra 128
O tempo do ministério de Josué 128
A conquista da terra 128
Fé, a arma contra os inimigos 130
A História dos Juízes 130
Rute – Uma História Atípica 133
Contexto dos capítulos de Rute 134
Capítulo – 1 135
Capítulo – 2 135
Capítulo – 3 137
Capítulo – 4 137
Os Escritos de I e II Samuel 139
Primeiro Samuel 139
A Monarquia de Israel 139
Monarquia Saulítica – *Marcada pela desobediência de Saul* 140
A solicitação de um rei 140
A confirmação de um rei 141
Saul desobedece mais uma vez 142
A introdução de Davi na monarquia 143
Davi no campo de guerra 144
Diversos Eventos na Vida de Davi 145
Os ataques de Saul contra Davi 147
Segundo Samuel 150
A História de Davi Continua 152
Mais detalhes da Davi na história 153
A Religião de Israel 155
Israel e seu histórico religioso 155
A História de Israel e Sua Divisão 157

Detalhes Quanto aos Livros de Reis 158
Detalhes quanto aos livros de Crônicas 159
A vida pós-exílio 160
A importância de Crônicas 160
A Divisão do Reino 161
Futuros Eventos da História de Israel 164
O Reinado de Jeroboão 165
Os Monarcas de Judá 167
O reinado de Roboão 167
O Período Interbíblico na História de Israel 168
O Governo Medo-Persa – 537-330 a.C. 168
O Governo Grego ou Alexandrino – 330-167 a.C. 169
O Governo Macabeu ou Asmoneu – 167-63 a.C. 170
O Governo Romano – 63 a.C até 476 d.C. 171
Conclusão 173

Referências 175

Comentário

Os quatro livros que são conhecidos como: O Evangelho de Jesus Cristo faz parte do princípio da coletânea de livros do Novo Testamento. Esse é o manual dos evangelistas. É a confirmação de todas as profecias. Não há como nós compreendermos as profecias veterotestamentária, se não compreendermos a mensagem do Evangelho. Nele conhecemos: nascimento, vida, obras, morte e ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Isso é conhecido e reconhecido até por Ele como: "Boas-Novas" – Mc 1.15.

Estudar teologia é além de uma necessidade um privilegio. Todos os servos do Senhor deveriam ter uma sólida formação teológica. Isto por se tratar de uma garantia de conhecimento e impermeabilidade de aceitação das doutrinas heréticas. Os elementos de estudo das Escrituras Sagradas, conhecidos como: Doutrinas Bíblicas tendem a desenvolver um conhecimento que, se praticado, pode ser a ferramenta necessária para salvação individual como coletiva do homem – I Tm 4.16.

Essa é a razão maior de Jesus ter levado homens a caminhar com Ele, para ver suas obras e compreender sua realização. Se eles não tivessem acompanhado Jesus, eles não teriam a inspiração do Espírito Santo na produção desses documentos – Jo 14.26. Sem a informação, os discípulos do Senhor não teriam essa oportunidade de serem instrumentos do Espírito Santo, numa dimensão sem antecedentes. O estudante poderá nesse módulo, compreender verdadeiros valores como:

- Uma Visão Panorâmica do Evangelho de Jesus Cristo.
- Estudar os Valores das Doutrinas de Jesus Cristo.
- Estudar os Valores dos Milagres de Jesus Cristo.
- Estudar os Valores das Profecias de Jesus Cristo.
- Estudar Assuntos Gerais dos Livros do Evangelho de Jesus Cristo.

Esses pontos somam os valores individuais desses estudos. Não estamos apresentando ao aluno algo replicado como em ouros centros de ensino teológico. Desejo apresentar algo com uma metodologia mais adequada, gerando uma abrangência maior e melhor de tudo o que devemos conhecer nesses escritos.

Será muito importante para os alunos se dedicarem nos estudos, lembrando que, é a dedicação individual de cada um, que garantirá o melhor nível de formação. O ETEB deseja que através dessa matéria, o estudante possa contribuir com a sociedade eclesiástica e gentílica, na comunicação de verdades correlacionadas com essa vida e com a vida eterna.

Estudar o Evangelho de Jesus Cristo deve ser visto como um privilégio, primeiro por ser um relato sistemático da obra da redenção, depois por ser esse o único documento legalizado que existe, para comprovar toda verdade acerca de Jesus Cristo. Todos os outros livros das Escrituras querem sejam no Antigo como no Novo Testamento, estão na condição de "falar acerca de Jesus". Só nos livros do Evangelho é que encontramos Jesus falando dos outros livros da Bíblia.

Além de estudarmos neste módulo os Livros do Evangelho de Jesus Cristo, conheceremos também, um pouco sobre a História de Israel. Esta não é uma opção de estudo, mas sim, uma obrigatoriedade de todos os estudantes das Escrituras Sagradas. Os israelitas foram um povo que o Senhor escolheu para através deles, revelar a Palavra Escrita e o Verbo encarnado. As leis divinas e as doutrinas que regem a Igreja foram em primeira mão, estabelecidas a este povo. Aqui, conheceremos um pouco da historicidade deste povo e o

que ainda lhes restam da parte de Deus, para serem reveladas. Meu desejo é que este estudo possa contribuir de forma especial em sua formação teológica. Amém.

Introdução

Um dos maiores privilégios que temos está em comunicar verdades de Deus pertencentes ao Cristianismo. Estas verdades ficaram marcadas na história. Em relação a minha pessoa, é uma honra pode falar e escrever algo acerca do ministério glorioso do Senhor Jesus Cristo. Há a preocupação presente nas mentes que produz matérias de ensinamentos teológicos, observando sempre, para que nada venha conflitar entre os valores históricos e teológicos do Evangelho de Cristo.

Toda fonte extraída da ação de Cristo, está revelando o que Ele efetuou para a redenção dos homens. Nas suas ministrações, vários homens ofereceram a oportunidade de pecadores conhecerem as Boas-Novas apresentadas pelo Senhor Jesus. Não estamos criando novas revelações ao Cristianismo, mas, desenvolvendo uma matéria que, certamente, estará auxiliando os estudantes do Evangelho de Cristo, a compreenderam melhor, tudo o que até já foi apresentado.

Houve vultos que fizeram do passado, uma canção apologética de rascunhos e esboços da maior de todas às revelações literárias já existentes: Cristo o Verbo de Deus. Ele é a maior e única razão desses livros valerem à pena de serem conservados para mudar a verdade da humanidade. Sem Cristo Jesus nas páginas do Novo Testamento, esses livros seriam meros manuscritos históricos.

O nascimento de Jesus, compondo-se de sua vida e ministério, culminando com sua morte e ressurreição, são bases que neutralizou o império da morte, trazendo vida para o homem – Ef 2.1. A

humanidade teve o privilégio de poder recepcionar o Criador na Sua humanização. A Judéia foi sem dúvida, o lugar ideal para iniciar este evento que geraria para os povos, líderes, pastores, evangelistas e mestres – Ef 4.11-12, com propósitos específicos de edificar os que estão sendo erguidos da queda edênica e redimidos pelo sacrifício do Messias de Deus.

O ministério de Cristo Jesus, além de ser fator glorioso é também a base da aliança neotestamentária. O Novo Testamento autoriza o homem, seja ele judeu ou gentio, a penetrar nos oráculos do Senhor por intermédio de Seu sacrifício. A Igreja que é a representante deste Senhor aqui na terra, deve contrariar todas às lógicas de ideologias, idolatrias e mitologias e minar na presença do Senhor em todas as áreas.

O Evangelho é a fonte de revelação dos valores do Cristo-Homem, oferecendo a Si mesmo para uma humanidade que não O desejará em tempo algum.

O resultado direto da evangelização foi à libertação do pecador em estado de queda. Mas, a ação deste Evangelho na vida do homem, dependerá da sua aceitação à oferta proposta pelo Senhor. Não é somente ler os livros do Evangelho de Cristo que resultará na libertação do homem. Há a grande necessidade de se adequar à sua mensagem. E este é o objetivo desta matéria, conduzir o estudante na compreensão desta mensagem, possibilitando, tanto o estudante quanto os que serão alcançados por ele, para que a compreensão do Evangelho resulte no ideal proposto pelo Senhor – Mt 28.19-20; Mc 16.15-17.

O Evangelho de Jesus Cristo

Análise Sintática do Termo Evangelho

O Evangelho (Gr. *euangellion*) tem seu verdadeiro significado: Apresentar as Boas-Novas de salvação. Esta é a razão de estudarmos esses livros. Conhecer os pontos históricos, além dos proféticos. Quanto a esses documentos, significa estar consciente da revelação de Deus por Cristo Jesus. É através ou pelos estudos destes documentos que nosso conhecimento se torna mais amplo quanto aos planos divinos exarados em todas às Escrituras veterotestamentárias.

Mateus, Marcos, Lucas e João, esses foram os homens que o Senhor separou para escreverem esses documentos conhecidos como: O Evangelho de Jesus Cristo. O homem só será obediente se este Evangelho for corretamente entendido e aceito. Cristo é a revelação de Deus o Pai aos homens. Ele é o Verbo que antes não era conhecido, se não indiretamente pelas formas de linguagem que são vistas nas Escrituras. A tipologia bíblica tem fatores cruciais que podem dar aos estudantes neotestamentários, a devida revelação do Antítipo de Deus: Jesus Cristo.

Vamos analisar esses documentos sistematicamente, incorporando todos os livros sinóticos em uma só estrutura. O não sinótico – *Evangelho segundo João* – nós estudaremos ele separadamente.

Histórico dos Livros do Evangelho

Estudamos muito e absorvemos pouco. O que pode comprometer um aprendizado, quando o assunto é formação teológica? Devemos entender que, na maioria das vezes, o comprometimento está simplesmente, no fato de ignorarmos detalhes que jamais deveriam ser ignorado. Um breve destaque na particularidade de cada um dos livros que revelam o ministério de Jesus Cristo, em sua historicidade, pode ser o necessário para uma melhor compreensão. Isso se faz necessário, para que, o estudante possa nortear-se na colocação do período cronológico em que eles foram escritos.

O tempo que Jesus decorreu no exercício de seu ministério, relacionado à Sua humanização, pode ser cronometrado entre o ano 30 d.C. e 33/34 d.C. Neste tempo, após sua ascensão, os discípulos iniciaram a propagação dos ensinamentos que lhes foram conferidos – Mt 28.19-20. Os limites que existiam foram minimizados pela obediência à voz do Mestre dos mestres – Jesus Cristo. Havia sempre uma Igreja sendo edificada em vários lugares da Ásia Menor, África e Europa. Todos passaram a conhecer os elementos presentes no ministério de Jesus Cristo, tanto pelos apóstolos quanto por outros missionários.

Todavia, os escritos que fomentaram toda esta estrutura deram início, após alguns anos, a expansão da atividade da Igreja. Esses escritos foram elaborados em uma datação aproximada como se segue:

a. O Evangelho segundo Marcos – Este documento foi escrito cerca de: 51 a 53 d.C. Seu autor é aceito pela maioria dos estudiosos e eruditos como sendo João Marcos. Ele escreve este documento sob a influência de Pedro, de onde recebeu as informações a cerca do ministério geral do Senhor Jesus Cristo. Destino deste documento: A Igreja localizada na Cidade de Roma.

b. O Evangelho segundo Mateus – Este documento foi escrito pela pessoa que está biografado em seu nome no livro,

aproximadamente entre os anos de 61 a 62 d.C. É um dos documentos mais lidos e estudados desde sua elaboração. O destino deste documento: A Igreja localizada na Judéia.

c. O Evangelho segundo Lucas – Não há como desacreditar a autoria desde documento de seu biografo Lucas. Ele é reconhecido pelas autoridades neotestamentária e creditado pela harmonia que existem entre a finalização do Evangelho e a introdução do Livro de Atos dos Apóstolos. É aceito que este documento foi escrito no ano de 64 d.C. O destino deste documento: O ilustre e exímio Teófilo, considerado uma autoridade entre os gregos de sua época.

d. Evangelho segundo João – O autor desta obra é reconhecidissimamente aceito como o apóstolo João. Esta obra teve sua existência no ano de 85 d.C. O destino deste documento: Aos irmãos que estavam situados na Cidade de Éfeso. A razão da existência deste documento ainda é muito discutida. Todavia, a idéia mais aceita é devido a uma dificuldade que existiam entre alguns doutores na Cidade de Éfeso, quanto à natureza humana e divina do Senhor Jesus Cristo.

Cada um destes documentos possuía uma singular importância para seus respectivos destinatários. Eles necessitavam conhecer a pessoalidade daquele que veio para cumprir a maior e melhor aliança de todos os tempos: O Novo Pacto. Legando com isto, a oportunidade de o homem poder ser reconciliado com o Criador.

O Espírito Santo no ministério de Cristo Jesus

A Doutrina de Cristo ou Cristologia pode ser conhecida em parte no estudo dos Livros do Evangelho. O Espírito Santo tem uma participação extremamente importante nesses escritos, mesmo que Sua Pessoa não seja tão mencionada como em outros escritos do Novo Testamento. Sem a presença do Espírito Santo no ministério de Jesus, provavelmente, nós não teríamos o devido e possível acesso

a esta Pessoa maravilhosa. Todavia, pelo fato de ter Ele – O Espírito Santo – feito parte integral na vida e obra de Jesus, nós que somos hoje, a Igreja do Senhor Jesus Cristo, temos a plena liberdade de nos relacionarmos com este Ser Divino, de forma livre, santa e amorosamente.

Simbologia dos Livros do Evangelho

Na qualidade de uma excelente revelação simbológica, esses documentos foram distinguidos pelos estudiosos do passado, como sendo:

• *O Evangelho de Mateus* – Apresenta Jesus como Rei dos Reis. Este é visto pela visão profética como o Leão. O Leão da Tribo de Judá – Mt 26.24; I Ts 4.16-18; Ap 14.14; 19.12. .

• *O Evangelho de Marcos* – Este apresenta Jesus como o Servo Fiel. Este é visto pela visão profética como o Boi ou Bezerro – Mc 10.16; Mt 8.17; I Co 10.16.

• *O Evangelho de Lucas* – Este já apresenta Jesus Cristo como o Filho do Homem. Neste caso, Jesus é visto aqui como alguém relacionado por natureza com os homens. Na visão profética, ele aparece com a aparência de um Homem – Lc 19.10; Rm 3.23; Cl 1.20.

• *O Evangelho de João* – Este é apresentado como o Filho de Deus. Quanto a este Evangelho, Jesus é visto como a Águia que Voa. João é o único dos discípulos do Senhor Jesus, que consegue vê-Lo em uma dimensão e ângulo diferente de todos os outros escritores neotestamentários – Jo 1.1-5; 32,33; Mt 3.16; At 1.5-8.

Esses e outros pontos relacionados aos livros do Evangelho de Jesus tendem torná-lo mais compreensíveis e mais amplos no que diz respeito a muitas e necessárias informações das quais precisamos receber. Destarte que, sem esses livros inseridos nas Escrituras, teríamos uma enorme dificuldade em entender o plano de Deus relacionado à redenção da humanidade. Não é possível

compreender quem foi Jesus, sem antes, analisar cuidadosamente essas biografias messiânicas.

Análise Teológica do Evangelho

Os estudos teológicos tem-nos facilitado em muito, na compreensão dos conceitos doutrinários e ideológicos das Escrituras Neotestamentária. Estes são em si, os recursos mais compatíveis com a necessidade de conhecimento que os cristãos têm acerca do fundador do Cristianismo. Esta analise não é algo opcional, pois não temos como compreender o que realmente foi feito em benefício da salvação do homem, sem que antes compreendamos a maneira que Jesus realizou Seu ministério, para garantir esta salvação.

Ao estudarmos esses livros, percebemos que há uma harmonia doutrinária e teológica em cada um deles. Essas doutrinas são fundamentais para o alcance da salvação do homem. Jesus veio trazer o conhecimento do Pai aos homens – Jo 17.3-8. Esse conhecimento dará ao homem a oportunidade de ser inserido no Corpo de Cristo – A Igreja.

Todavia, as boas-novas que são ministradas pelo Senhor aos homens, tem uma confirmação da vontade do Pai em resgatar sua obra caída. Esta obra caída foi danificada no Paraíso, localizado nas regiões do Éden. Todavia, o objetivo maior de Jesus haver Se humanizado está na questão de buscar os que haviam se tornado escravos do pecado.

Nesses livros temos doutrinas como:

• *Cristológica* – Esta doutrina se fundamenta especificamente, na revelação do ministério, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Aqui, o estudante poderá compreender todos os valores eternos da redenção, visto que, na Cristologia, encontramos o seu início antes da criação dos céus e da terra.

• *Teologia* – Esta é metodologia de se estudar o Governo Divino. Todos os valores presentes na natureza divina, relacionando: Os Atributos Naturais, Os Atributos Morais,

Os Nomes de Deus revelados na ocasião de Sua revelação veterotestamentária.

• *Hamartiologia* – Esta doutrina tem como objetivo estudar todos os processos do pecado e sua origem. Isso equivale dizer que, todos os danos causados pelo pecado, devem ser conhecidos pelos homens.

• *Eclesiologia* – Tem como base os fundamentos da Igreja. Os que são integrantes desta instituição, não devem ignorar a necessidade de conhecer a razão da existência da Igreja.

• *Soteriologia* – Esta é a doutrina que desenvolve todos os quesitos que conduz o homem a salvação. Na verdade, sem conhecer os valores da salvação, o homem torna-se vulnerável e pronto para perdê-la.

Existem mais outras bases teológicas, que na análise da teologia, podem favorecer nossos estudos gerando uma melhor compreensão sobre essas verdades. Cristo Jesus é pré-anunciado como o Único recurso da salvação do homem e, em Gn 3.15 temos a estaca inicial para esta revelação. Toda estrutura profética concorda na manifestação do Filho de Deus, estão exaradas nas páginas do Antigo Pacto.

A teologia do Evangelho de Jesus Cristo tem sido o maior recurso para que possamos compreender todos os detalhes pertinentes ao plano de salvação. Sem esta teologia nós estaríamos como os povos da antiguidade, marcando nossa história pela religiosidade e nunca por uma fé genuinamente espiritual, como Paulo declara em Rm 10.17.

Nos livros do Evangelho temos a revelação de como Jesus conseguiu abrir o caminho dos céus, para que o homem sem Deus pudesse encontrá-lo, em uma ocasião que não havia necessidade de religiosidade. Foram grandes os vultos da religiosidade daquela época como:

• *Os Saduceus*. Quem são os Saduceus? Do Grego: "*Saddukaios*", ou seja, Saduceus e significa: Os Justos, vindo a existir uns

três séculos antes de Cristo, e teve como seu fundador um personagem por nome de: "*Sadok*". Os Saduceus rejeitavam todas as tradições e leis não escritas, que os fariseus tanto prezavam; e consideravam as Escrituras como sendo a única fonte e regra da religião judaica.[1]

• *Os Fariseus*. Quem são os Fariseus? Do Grego: "*Pharisaios*", ou seja, Fariseus que significa: Os Separados. Esta era uma poderosa seita dos judeus, em geral opondo-se aos Saduceus, primeiramente mencionada por Josefo como existindo sob Hircano, cerca de 130 a.C., e já com elevada reputação. Jos. Ant. 13. 1.5,6.[2]

• *Os Herodianos*. Quem são os Herodianos? Em conformidade com o termo Grego: *'Herodianoi*, partidários de Herodes Antípas e, por conseguinte, defensores do domínio romano na Palestina; sendo que os fariseus não o eram. Os Herodianos constituíam consequentemente, um partido político antes que um partido religioso; embora pareça que muitos Saduceus tenham pertencido a eles; cp. Mc 8.15 com Mt 16.6. cp. Também Jos. Ant. 14. 15.10.[3]

• *Os Zelotes*. O significado deste nome é bem indefinido. Exemplo: *a) Alguém zeloso por alguma coisa*; *b) Ardentemente desejo*. Em sentido definido, alguém zeloso em prol da lei a das instituições judaicas.[4]

• *Os Essênios*. Este grupo não é algo mencionado nas Escrituras Neotestamentária; o nome tem como etimologia do grego – "*essaioi*" uma iniciação original de "*Issi'im*", uma forma de identificar o grupo por pessoas fora do grupo; Outra possibilidade está na aparente forma do nome Síria (*essaya* ou *essenoi*) e este do Aramaico: (*chasajja = piedoso*). Eles são, também vistos como *Jachad*, o que significa "união",

1 Cf. RICHARDS, Lawrence O. *Guia do Leitor da Bíblia*. Uma análise de Gênesis a Apocalipse capítulo por capítulo. 9 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

2 *Ibidem*, p. 953.

3 *Ibidem*, p. 409.

4 *Ibidem*, p. 397.

"comunidade" e, finalmente, por *esseni* no latim. Também se aceita a forma *esseniano* para denominá-los.[5]

• *Os Samaritanos*. Quem são os samaritanos? Os Samaritanos do Grego "*Samareites*", um habitante da região ou da cidade de Samaria; usado no NT para os descendentes de um povo que surgiu originalmente dos colonizadores pagãos enviados à região por *Salmaneser*, possivelmente com uma mistura a partir de israelitas isolados; II Rs 17.24.[6]

• *Os Galileus*. Quem são os Galileus? Do Grego – "*Galilaios*", um Galileu, um nativo ou habitante da Galiléia[7] – Mt 26.69; Mc 14.70; Lc 13.1-2; 22.59; 23.6; Jo 4.45; At 1.11; 2.7; 5.37. Este grupo não era bem aceitos entre uma boa parte dos judeus – Jo 1.47; 7.52; At 2.7.

É fundamental estudarmos um pouco sobre esses personagens, pois ainda há muita obscuridade quanto ao assunto. Houve muita perseguição sobre Jesus, quando nos referimos a esses grupos. Esses religiosos foram os que persuadiam e dominavam os valores da moralidade e da religiosidade nos dias em que Jesus veio para cumprir Seu ministério.

Quebrando o conceito da religiosidade

O ministério de Jesus caminhava na contramão de todos os conceitos religiosos de Sua contemporaneidade. Não havia nada melhor que estar aos pés de Jesus, para ouvir seus ensinamentos. Além de os homens se tornarem mais sábios, seus ouvintes eram gratificados com várias dádivas vinda dos céus, como: libertação de espíritos imundos, curas e maravilhas.

Nenhum destes grupos religiosos que atuavam nos dias de Jesus, conseguiu fazer o que foi feito pelo Senhor: *Trazer a verdadeira*

5 Cf. WIKIPÉDIA. *Essénios*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ess%C3%AAnios#:~:text=Os%20Ess%C3%AAnios%20ou%20Ess%C3%A9nios%20(Issi,foi%20mencionado%20por%20autores%20antigos.

6 *Ibidem*, p. 822.

7 *Ibidem*, p. 168.

paz aos corações dos oprimidos. Se, havia necessidade de paz entre eles, essa necessidade não se relacionava a uma mera ciência da religião. Jesus com suas mensagens e realizações de milagres, fez com que os homens despertassem em seus corações, uma das virtudes que muito agrada ao Pai: A Fé – Hb 11.6.

Esta fé veio ser à válvula de escape, permitindo que, por meio dela, muitos tivessem a oportunidade de viver uma história diferente. A religiosidade não consegue fazer o que Jesus fez e ainda faz: antes de ressuscitar uma vida que morreu, Ele ressuscitava a fé que não deixa morrer.

O conceito da inspiração

Cada um dos escritores dos livros que compõem o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo foram precisamente premiados com uma singular oportunidade de eternizarem os feitos do Mestre através de seus documentos. Embora, eles estivessem em regiões diferentes, seus escritos estão em plena harmonia. A história eclesiástica comprova plenamente, que os feitos de Jesus, foram inumanamente maiores do que os que são apresentados nesses livros – Jo 21.25.

A inspiração que os apóstolos e evangelistas tiveram, para que estas obras fossem construídas, é emanada do Espírito Santo. Destarte que, qualquer que desejar estudar esses documentos, na esperança de encontrar conflitos teológicos, certamente, estará correndo o risco de se frustrarem. Isso é devido ao fato de não haver qualquer vestígio de contradição, nem na questão cultural, religiosa, geográfica, política e social. Todas às informações estão plenamente harmonizadas com o tempo e os elementos que existiam na época.

Síria, uma região marcante

Mateus, em divina inspiração, identifica que havia uma grande necessidade em apresentar para uma nova geração de judeus e cristãos, todas às verdades acerca de Jesus Cristo. A forma oral de apresentar os ensinamentos de Jesus, Sua obra

que culminavam em maravilhas e milagres, não podia ser simplesmente conservada desta forma, pois correria o risco de se perder com o tempo. Escrever todas às atividades do Senhor em pergaminho foi o ponto de maior importância no ministério desses quatros evangelistas.

A região de Síria foi à plataforma de vários dos discípulos do Senhor Jesus. Embora, Pedro, Barnabé, Filipe, foram bem sucedidos naquela região, a proeminência ainda fica na atuação de Paulo. Antioquia de Síria veio se tornar o ponto inicial das viagens missionárias de Paulo. O Evangelho de Jesus Cristo veio obter uma notável aceitação entre os habitantes daquela cidade. O que animou a muitos em continuarem a pregar e ensinar este Evangelho. Antioquia de Síria foi tão importante para o Cristianismo, que foi justamente nesta região, que os servos do Senhor foram chamados pela primeira vez de Cristãos – At 11.26.

Edificando a fé da Igreja em Roma

O jovem Marcos pode compreender a grande necessidade que existia na Igreja que estava localizada em Roma. Os irmãos que ali havia, não tiveram a honra de conviver com o Senhor Jesus Cristo e, por esta situação, também não viram suas obras. Muitos dos que aceitaram o Evangelho de Jesus Cristo, que foi anunciado por Pedro em At 2.14-41, não tiveram mais informações além daquela ministrada. Pelo que nós podemos perceber os que se converteram ao Evangelho, nunca mais voltaram à Jerusalém para sacrificar, pois receberam o sacrifício permanente. Por quanto agora eles fazem parte da família de Jesus Cristo, o Servo Fiel – Mc 10.45.

Agora, eles corriam o risco de apostatarem-se da fé, por não terem informação suficiente, que venha cimentar a verdadeira fé na mensagem pregada sobre o Senhor Jesus. Suas vidas estavam à beira de um grande precipício. Este documento levou de forma abreviada, porém poderosa, informações que mudaram eternamente a vida de

muitos cristãos em Roma. Mesmo se, considerarmos que o livro que foi escrito por Marcos, é de resumida informação.

Formalizando a fé de um notável homem

Lucas, por sua vez, embora não fosse um Judeu, mas intercalou muito bem com os outros apóstolos e evangelistas, na busca do conhecimento das obras realizadas por Jesus. Na qualidade de um médico, segundo a tradição e Paulo – Cl 4.14, Lucas se dispôs a fazer um grande trabalho. Esse trabalho de Lucas deu aos irmãos de Antioquia da Síria – e, em especial, a pessoa de *Theóphilon*, uma ampla confirmação de tudo que fora pregado e ensinado pelos outros irmãos que testemunhavam com sinais e maravilhas em toda aquela região. Em especial o apostolo Mateus, que escreveu seu documento, estando localizado nesta cidade. Lucas trata em favorecer a apresentação da Pessoa de Jesus Cristo, como O Filho do homem – Lc 9.58; 17.30; 22.48.

Uma visão diferenciada do Mestre

João, variavelmente, é um dos homens, que seu trabalho foi produzido por uma necessidade que havia entre alguns dos que formavam à liderança da Igreja em Éfeso. A maior preocupação daqueles líderes se estacionava no desejo de apresentar uma real definição no que diz respeito à natureza de Cristo Jesus. Para uns, Jesus nasceu plenamente homem e assumiu a forma divina após o batismo. Para outros, Ele já nasceu plenamente homem, mas, também plenamente um Ser com natureza divina. Estas foram às bases que sobrepõe os valores teológicos destes documentos conhecidos como: Evangelho de Jesus Cristo.

João, diferente dos demais discípulos, ao escrever o documento que leva seu nome, estava posicionado em uma atmosfera totalmente diferente. Enquanto os demais discípulos contemplavam Jesus da terra para os céus, João O contemplava dos céus para a terra. Razão esta pelo a qual seu documento O apresenta como "Filho de Deus" – I Jo 4.15; Jo 9.35; 11.4; 20.31.

O maior favor de Deus aos homens

Jesus é o tema central das Escrituras Sagradas. Tudo que foi anteriormente dito sobre Ele, desde Gênesis até Malaquias, foi cumprido literalmente em Sua vida. Jesus mudou a história de um povo que não tinha esperança. Toda esta mudança estava condicionada à forma com que eles O receberiam – Jo 1.11. Para os que Lhe aceitaram e O seguiu tudo foi favorável – Jo 1.12. Para aqueles que Lhe rejeitou, nunca mais, uma oportunidade semelhante tornaria às ruas da Judéia; oportunidade como esta não lhes seria outra vez concedida.

Conceito Cultural

Os contemporâneos de Jesus Cristo, além de terem presenciado Sua atuação, puderam ver a confirmação exata de todas as profecias veterotestamentárias a Seu respeito. Embora, os escritores do Evangelho não se inibiram em apresentar as dubiedades éticas dos seguidores de Jesus, eles nos deram também o privilégio de conhecer os valores daqueles que foram alcançados pela fé na obra que Jesus realizou.

Não são poucos os que foram beneficiados com seu trabalho. Em Sua trajetória ministerial, Jesus realizou obras como:

→ *As Bodas de Caná* – Jo 2.1-11 – Pelo que se percebe, este foi seu primeiro milagre a ser realizado.

→ *A libertação de oprimidos por demônios* – Mc 1.21-28; Lc 4.31-37 - Não foram poucos que Jesus libertou deste tipo de opressão.

→ *A ressurreição de mortos* – Lc 5.1-11 – Dos que foram ressuscitados, três foram os que mais se destacaram: Lázaro; A filha de Jairo e o filho da viúva, residente na cidade ou aldeia de Naim.

→ *A cura de leprosos* – Mt 8.1-4; Mc 1.40-45; Lc 5.12-16 – Um dos mais notáveis milagres de Jesus, onde não só a cura ocorria, como, também a reintegração dos curados a sociedade.

→ *O poder sobre os elementos da natureza* – Mt 8.23-27; Mc 4.35-41; Lc 8.22-25 – Uma manifestação de Sua autoridade sobre a obra que é de Sua autoria.

→ *Retirando a deficiência física* – Mt 9.1-8; Mc 2.1-12; Lc 5.17-26 – Uma ação de misericórdia, em especial o enfermo no Tanque de Betesda.

→ *A cura condenada pela medicina* – Mt 9.20-22; Mc 5.24-34; Lc 8.40-56 – Uma mulher que revelou coragem e humildade e extraiu virtude de Jesus.

→ *Ele alimentou multidões* – Mt 14.13-21; Mc 6.31-44; Lc 9.10-17; Jo 6.5-15 – A multiplicação dos pães foi algo notório em todo o território da Judéia.

Poderia fazer aqui mais uma sequência de apresentações das atividades de Jesus. Todavia, quero apresentar para o estudante, que Jesus sofreu rejeições, embora tenha sido adorado e admirado sempre por uma grande multidão. Ele foi criticado devido os conceitos culturais da época, mistificados e minimizados da espiritualidade; eles não conseguiram ver o que de fato os fariam restaurados e purificados para a vida eterna – Jo 1.3-4.

Os lideres religiosos do judaísmo, tiveram suas visões vendadas pela ideologia e pelo dogmatismo desse judaísmo e, de outras variantes religiosas ativas na época. Isso lhes fez criar um ardil conceito quanto a Jesus, que não os permitiam aceitar ás verdades que Ele lhes ensinava.

O Antigo Testamento apresenta Deus nas alturas, revelando-se a Si mesmo pelas Suas multiformes revelações. No Novo Testamento, esse Deus (*na pessoa do Filho*) vem a terra e humaniza-se, para que Sua comunicação fosse compreendida na mesma sequência que Ele se comunicava com o Pai e O compreendia.

Nenhum conceito humano pode descentralizar às verdades que Jesus realizou e ensinou, e foram notificados pelos evangelistas selecionados pelo Espírito Santo para notificá-las – Jo 15.16. A

partir deste ponto, estaremos nos posicionando para vermos de outro ângulo esses documentos na sua forma panorâmica.

Observação Conceitual

É com muita oração, humilhação e busca na presença do Espírito Santo, que as observações nas Escrituras devem ser realizadas. Isso se deve ao fato de que em todas às Escrituras temos a presença do ministério de Jesus Cristo. O estudante conheceria este ministério, se não fosse pela ação do Espírito Santo. Pois é Ele quem perscruta todas às coisas, ainda às profundezas de Deus – I Co 2.10. Aqui, nos livros do Evangelho de Jesus Cristo, seja qual for à soma da busca, ela deve ser norteada pela ação do Deus-Espírito Santo.

As observações conceituais do Evangelho trazem a salvação e, ao mesmo tempo, traz o desenvolvimento da Luz do mundo – Cristo Jesus. Podemos desenvolver aqui outros fatores como:

a) As verdades doutrinárias que foram ensinadas por Jesus. Em suas divisões estas doutrinas destacam-se pela forma de linguagem que na sua maioria são parábolas e profecias.

b) As mais importantes apresentações de Sua personalidade, que podem ser aplicadas e formadas em seus seguidores, produzindo, assim, verdadeiros discípulos.

c) Pelas Suas ações, podemos conhecê-lo na estrutura humana e Divina. Isto é, se aceitarmos que Ele possui natureza humana e Divina. O Deus-Homem.

d) De igual modo, Ele declara toda necessidade da humanidade em torno da queda e da reconciliação. E, produz os elementos necessários para que esta necessidade possa ser sanada.

e) A Sua graça é o bem do homem; e como esta graça revela verdades consideradas, quer em si mesmo quer a respeito da glória do Senhor, e respondem a essa necessidade, todos os homens podem se privilegiar dela.

f) Enfim, a maneira como Seus atos declaram o amor do Pai revelado na vida do Filho, é singular em relação a todos os outros homens que Deus usou para revelar o projeto da salvação do pecador.

Todos os conceitos pessoais que somamos acerca do Evangelho, concorrem, em conjunto, para que o homem pecador possa, de forma consciente, se afastar de tudo que venha comprometer seu relacionamento com Deus. Isso quer dizer que, pelo Evangelho podemos ser plenamente santificados – Jo 13.10; 15.3; 17.17.

É importante entendermos que, quanto mais buscamos compreender as mensagens do Evangelho de Jesus Cristo, mas a verdade alcança nossos entendimentos. Quanto mais o estudante declara sua necessidade de conhecimento, mais a luz de Deus se revelará em Cristo. O Evangelho tem sua mensagem pura em relação a sua verdade. Verdade em que nos ocupamos em conhecer, para que, por esta verdade, seja removida toda ignorância e impureza de nossas naturezas, nos levando a ser salvos e salvarmos os outros necessitados – I Tm 4.15-16.

Os Valores das Linguagens no Evangelho

Em cada documento que apresenta às verdades do Evangelho de Jesus Cristo, encontramos pontos que devem ser plenamente compreendidos. Todavia, para que haja esta compreensão, devemos nos comprometer na busca das identificações linguísticas. Em toda Escritura Sagrada, há uma imensurável riqueza de linguagem figurativa. O estudante que ignora a necessidade de reconhecê-las e os valores de suas interpretações, certamente concorrerá para um estudo deficiente ou uma leitura desestruturar. Identificamos às formas de linguagem e buscamos conhecer seus valores individuais. Vejamos:

1 – Primeiro é necessário saber o que é figura de linguagem?

• A figura de linguagem está associada à diversificação de palavras que na sua utilização, se encarrega de conferir sentido às palavras. Isso se dá, quando se deseja falar algo indiretamente. Para isso, utiliza-se de uma comunicação codificada, no desejo de informar o que de fato tem-se a intenção de dizer.

2 – Qual a necessidade em utilizar-se dessas figuras de linguagem?

• Em especial pela forma como elas ornamentam a comunicação.

• Pela ação destas figuratividades, a comunicação torna-se mais atraentes.

• Esta metodologia de comunicação tende tornar possíveis, os termos vazios levando-os a serem mais concretos.

• Pelas figuratividades, a comunicação tende a cauterizar-se mais fácil na mente do ouvinte.

• Pela figuração na comunicação, podemos resumir um pensamento, fazendo-o mais abrangente.

• E, finalmente, podemos definir que, pela conjugação destas figuras linguísticas, os ouvintes se tornarão mais aguçados na meditação dos pensamentos.

3 – Como detectar se há de fato a presença destas figuras?

Podemos dizer que a comunicação necessita em alguma ocasião de subsídio para sua melhor condução aos informados. É justamente para isso, que muitos comunicadores utilizam-se dos recursos figurativos. Descrevem-se alguns pontos necessários para melhor identificação destas figuras de linguagem.

a. Sempre busque ler os textos que forem selecionados na sua forma literal. Quando esta leitura se sentir comprometida por uma informação que não seja tão clara, então há uma necessidade de buscar detectar esta figuratividade.

b. Detectado a dificuldade na interpretação, ou simplesmente no entendimento, o problema pode estar na figura de linguagem.

c. Há uma figura de linguagem conhecida como: Hipérbole. Esta transfere o absurdo para o texto, fazendo-o se tornar exagerado.

d. O adequado é, quando uma figura de linguagem está comprometida com o entendimento, ela pode ser auxiliada pela linguagem literal. Este conjunto de linguagem faz o texto tornar-se melhor esclarecido.

Entre essas figuras temos:

1. *Parábola*. Uma parábola é uma narração que é desenvolvida na intenção de explicar uma verdade complexa.

2. *Hipérbole*. Uma afirmação ou declaração que contem certo exagero é considerada como: Hipérbole.

3. *Símile*. Uma símile forma uma comunicação que tem como objetivo, desenvolver uma comparação em relação àquilo que queremos falar.

4. *Tipo*. O tipo é uma metodologia linguística que tem como objetivo utilizar-se de objetos ou algo que possa desenvolver uma comparação de outra coisa na sua forma igual ou semelhante.

5. *Símbolo*. Um símbolo se desenvolve quando age na base ou no princípio da forma ou analogia de uma sugestão.

6. *Síntese*. É uma metodologia linguística que tem como base fundamental a união de elementos diferente, concreta ou abstrata, para que possa desenvolver uma informação completa ou coerente.

7. *Metáfora*. Utilizar um elemento diferente de outro para desenvolver uma representatividade, é o papel da metáfora.

8. *Metonímia*. Falar de uma região para determinar uma ação de pessoas, desenvolve-se a metonímia.

9. *Sinédoque.* Quando eu digo que "todos os olhos verão..." não estou falando de todas as pessoas existentes, mas, sim, dos que estiverem centralizados na localidade do evento. Isso é uma sinédoque, falar do todo para descrever uma parte.

10. *Apóstrofe.* "A terra clamou pelo sangue de teu irmão". Isso é uma apóstrofe. Na verdade, o que Deus estava falando para Caim, é que seu irmão que foi feito do pó da terra, estava no mundo espiritual, insatisfeito de ter vivido uma morte tão prematura.

11. *Eufemismo.* Desenvolver uma palavra de consolo, quando temos a intenção de substituir o ruim pelo bom, quando criamos uma comunicação eufêmica, ou seja, o eufemismo é dar retrocesso a uma informação negativa.

12. *Ironia.* A maneira como o sujeito faz uma ironia, apresenta sua forma de criticar uma pessoa, sob a forma de um elogio.

Toda esta listagem que está apresentada ao estudante, servirá como recurso no entendimento das informações obtidas nas informações dos ensinamentos, discursos e profecias contidas no Evangelho de Jesus Cristo.

Compreendendo os Ensinos de Jesus Cristo

Quando os doutores e os escribas se reuniam nas sinagogas, eles tinham a intenção de transmitir aos ouvintes, informações históricas acerca de tudo quanto YHWH havia realizado em benefício de seu povo Israel. Os judeus desenvolvem sua fé (**הנומא - *emuná***) e paz (**סולש- *shalon***), olhando à ação de Adonai pelo retrovisor. Quando Jesus iniciou Seu ministério, Ele iniciou ensinando. Seus ensinamentos foram de encontro dos ensinamentos dos líderes judeus e minimizou toda articulação que eles formavam.

Nesta parte do estudo, o aluno compreenderá os ensinos de Jesus Cristo, deportando-os do tempo de Jesus para nosso tempo. Não há nada que Jesus ensinou que não possa nos conduzir para junto de Si. Embora, seja sabido que os ensinos de Jesus foram para os

judeus, mas os gentios puderam absorver verdades transformadoras que têm como objetivo nos regenerar e nos conduzir para a vida eterna.

Uma Avaliação Quanto a Pessoa de Jesus Cristo

Sempre é bom falar de Jesus, utilizando-se para isso, os métodos sistemáticos, que nos oferecem recursos diversificados para conhecermos mais sobre este Ser Maravilhoso que é Jesus Cristo. Os comentários, ou seja, as revelações que às Escrituras fazem de Jesus, tanto do Antigo como do Novo Testamento, tendem a nos capacitar em ver melhor sobre Nosso Salvador.

Entender Seu ministério nos faz aceitar e submeter-nos a Ele com menos dificuldade. Nunca será fácil para o homem, nutrir um comportamento idealizado, quanto às orientações de Jesus Cristo. Mas, não é impossível ao homem, tentar adequar-se a esses padrões. Cristo deseja que os homens sejam:

> a) *Mansos* – Gr. "*praus*" – Humildade para Deus é aquela disposição de espírito com a qual aceitamos sua forma de lidar conosco como sendo a melhor, sem, no entanto, disputar ou resistir – Mt 5.5; 18.4; I Pd 5.5. "NO grego clássico esta é uma palavra encantadora". A respeito dos objetos, significa "suave". É usada, por exemplo, a respeito de uma brisa ou uma voz suave. A respeito das pessoas significa "brando" ou "gracioso".[8]
>
> b) *Justo* – Gr. "*dikaio*" – Estado daquele que é como deve ser - Mt 3.15. No Hebraico, a palavra: "justo" é apresentada com o termo "*hâsîd*": que sig. "aquele que é piedoso", "religioso", "justo". Basicamente, "*hâsîd*" significa aquele que pratica *hesed* (misericórdia), assim deve ser traduzido por "misericordioso", "benigno", "piedoso", "santo", ou "justo". A primeira ocorrência bíblica da palavra está em Dt 33.8.[9] Esta palavra pode ser

8 Cf. BARCLAY, William. *Palavras Chaves do Novo Testamento*. 1 ed. São Paulo. Editora Vida Nova, 2010, p. 172.

9 VINE, W. F. UNGER, Merril F. WHITE. William Jr. *Dicionário VINE*. O Significado

definida também como algo que é procedente da ação correta, ou daquilo que é certo.

c) *Responsável* do "*Éfthynos*" – Este é o indivíduo que responde pelos seus próprios atos – Lc 2.49.

d) *Compreensível* do Gr. "*katanoitó*" Esta é a forma que alguém se manifesta com transparência, ou seja, alguém que é fácil de compreender – Lc 23.33-34.

e) *Obediente* – Jo 4.34. Esta palavra tem sua origem do grego "*hupakoe*" e sig. "obediência" (formato de hupo, "debaixo de" e "*akouõ*" "ouvir"), é usado: (a) em geral (Rm 6.16, primeira parte, "obedecer"); aqui a "obediência" não é personificada, como na parte seguinte do versículo, "servo [...] a quem obedeceis"10. Sendo assim, esta obediência é uma forma de revelar que o sujeito adquiriu fé segura nas palavra do Mestre Jesus.

f) *Humilde* – Jo 7.16. A palavra hb. "*tsana*" para humildade sig. "ser modesto", "ser inferior". Mesmo que haja diferença em níveis diversos entre um ser e outro, o ser humilde elimina as diferenças, se posicionando como igual.

g) *Amoroso* – Jo 15.13. O termo grego "*agapao*" sig. "tratar com respeito", "receber com alegria", "colher", "gostar muito de", "amar ternamente", "com respeito às coisas", "estar satisfeito, estar contente csobre ou com as coisas".[11] Esta é uma das qualidades daquele que demonstra amor pelo seu próximo ou pela criação do Senhor.

Esses requisitos que são vistos em Jesus, não é algo distante de nós homens imperfeitos pela presença da natureza do pecado. O próprio Espírito Santo se encarrega de formar em nós essas características – Gl 5.22-23.

Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento. 1 ed. Rio de Janeiro. CPAD: Casa Publicadora das Assembléia de Deus, 2002.

10 VINE, W. F. UNGER, Merril F. WHITE. William Jr. *Dicionário VINE... Op. cit*., p. 826.

11 STRONG, código – 25.

Os Métodos dos Ensinamentos de Jesus

O Evangelho do Senhor Jesus Cristo nos declara os valores e a importância do plano de Deus para a salvação do homem. O Evangelho pode receber nomes como:

a) *Evangelho da Salvação* – Pois está comprometido em todos os sentidos em direcionar o homem pecador ao local de sua salvação – Rm 1.16; Ef 1.13.

b) *Evangelho da Graça* – Esta é a forma que Deus revela o favor ao homem, declarando que, mesmo que este não seja merecedor, Ele está disposto a agir em seu benefício – At 20.24; II Co 11.7; I Co 15.10.

c) *Evangelho do Espírito Santo* – Em toda a estrutura das Escrituras Sagradas, o Espírito Santo é o participante na inspiração. Todavia, no Evangelho, Ele manifesta-se mais pessoal e transparente – I Pd 1.12; II Pd 1.21; Rm 15.19.

d) *Evangelho da Justificação* – Uma revelação em que este documento nos declara a substituição do culpado pelo inocente. Jesus como o inocente, assumiu o lugar do culpado – Gl 3.8; Rm 5.9; At 13.39.

e) *Evangelho do Reino de Deus* – Revela-nos que o Reino de Deus é bem mais expansivo e imaginário que os homens possam lhe atribuir. Mc 1.15; Lc 8.1; Mt 9.35.

f) *Evangelho da Vida* – A ponte entre a morte e a vida está no que Jesus construiu em seu ministério, para resgatar o homem pecador. Mc 8.35; II Tm 1.10.

g) *Evangelho da Reconciliação* – Uma vez que o pecado é a ofensa que o homem desenvolve contra Deus, Jesus veio e reconciliou este homem, removendo a ofensa e criando amizade entre a criação e o Criador – II Co 5.18; Rm 5.11; Mt 5.24.

h) *Evangelho da Expiação* – Nossos pecados nunca poderiam ser removidos, se o sangue do Cordeiro de Deus não fosse

derramado. Esta é a causa de sermos perdoados por Deus – Hb 9.22; Mc 13.10.

i) *Evangelho da Paz* – Após findar todos os conflitos espirituais, psicológicos e sociais, temos paz um com os outros. Isso, devido ao Evangelho de Paz – Ef 6.15;

Em conformidade com os requisitos deste Evangelho, sua principal funcionalidade é apresentar os valores pertinentes ao ministério a que Cristo Jesus veio executar.

Mateus 5-7.

O Sermão da Montanha – As Beatitudes

Em estudos de doutrinas de Cristo, gerando Bem-Aventurança, temos o início da mensagem do Evangelho (G. *euangelion*) proclamar boas noticias na metodologia de Jesus é algo renovador. Jesus conseguiu revolucionar este tempo, paralisando o tempo antes de seu nascimento, para iniciar um tempo depois de seu nascimento. Isso revela qual grande foi esta revolução.

A narração do texto em Mateus inicia da seguinte forma: "*E Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; E, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo*":

Em Lucas o ensino tem este começo: "*E toda a multidão procurava tocar-lhe, porque saía dele virtude, e curava a todos. E, levantando ele os olhos para os seus discípulos, dizia: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus*" – Lc 6.19,20.

1. Bem-aventurados os *pobres* (do Gr. *Ptochoi*) de espírito (Gr. *pneuma*), porque deles é o reino dos céus;

2. Bem-aventurados os que *choram* (do Gr. *Penthountes*), porque eles serão consolados;

3. Bem-aventurados os *mansos* (Gr. *Praeis*), porque eles herdarão a terra;

> 4. Bem-aventurados os que têm *fome* (Gr. *Peinontes*) e *sede* (Gr. *Dipsontes*) de *justiça* (Gr. *Dikaiosynen*), porque eles serão fartos.
>
> 5. Bem-aventurados os *misericordiosos* (Gr. *Eleemones*), porque eles alcançarão misericórdia;
>
> 6. Bem-aventurados os *limpos* (Gr. *Katharoi*) de coração, porque eles verão a Deus;
>
> 7. Bem-aventurados os *pacificadores* (Gr. *Eirenopoioi*), porque eles serão chamados filhos de Deus;
>
> 8. Bem-aventurados os que sofrem *perseguição* (Gr. *Dediogmenoi*) por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus;
>
> 9. Bem-aventurados sois vós, quando vos *injuriarem* (Gr. *Oneidisosin*) e *perseguirem* (Gr. *Dediogmenoi*) e, *mentindo* (Gr. *pseumenoi*), disserem todo o mal contra vós por minha causa – Mt 5.1-11.

É formidável que ao estudarmos os métodos de ensinos de Jesus, somos obrigados a aceitar que ninguém ensinou assim como Ele – Mt 7.29. Podemos entender porque o título de "Mestre" é tão frequentemente aplicado a Jesus. Seu ministério deve ser observado, sobre tudo, como maior formador de discípulo em toda a estrutura pedagógica da Bíblia. Não houve, não há e nem haverá ninguém que ensine com a excelência de Jesus Cristo – Mt 22.33.

Os livros que compõe o Evangelho de Jesus Cristo se ensoberbecem com os métodos e conteúdos daquilo que Jesus apresentou para seus ouvintes. Seus ensinos declararam elementos que comprometem a salvação, a justiça, o juízo e glória que está reservada para um tempo futuro. Jesus revela-nos que deseja que o homem viva em acordo com o projeto da criação: Ter uma vida de paz e prosperidade.

O presente estudo tem como base desenvolver uma informação sobre sua metodologia, que é adicionada frequentemente na comunicação com seus discípulos e ouvintes admiradores. Jesus aplicava ensinamentos claros e objetivos, possibilitando assim, uma melhor compreensão sobre os valores do Reino dos Céus.

O que é de fundamental importância aqui está em compreender os valores destes ensinamentos. Destarte que, a fé e a espiritualidade se desenvolvem pelo conhecimento da vontade de Deus. Vamos observar os valores de forma distinta:

→ *Bem-Aventurança* – Mt 5.1-12; Lc 6.20-23. As bem-aventuranças são descritas para os que observam um novo padrão de conduta de vida. Não existe esta alegria intensa, que é o significado de bem-aventurado do Gr. *makárion*. Uma melhor visão em relação às bem-aventuranças estão propostas no Salmo 1. Ali a condição necessária para se viver extremamente feliz (*makárion*), está na observação da Lei – A Palavra de Deus. Grandes vultos do cristianismo foram testemunhas experienciais de que a bem-aventurança precede a obediência a esta Lei. Jesus condicionou seus ouvintes uma oportunidade a adequarem-se a esses princípios a fim de que eles viessem viver esta vida de bem-aventurança.

→ *Ética Relacional* – Mt 5.13-16; Mc 9.49-50; Lc 14.34-35. "Sal" e "Luz" são duas metáforas que foram utilizadas por Jesus, para descrever o papel importante de seus discípulos na sociedade. Existem várias qualidades de sal e luz.

Vejamos alguns:

1º. *Sal refinado* – o famoso sal de cozinha;

2º. *Sal marinho* – este é o sal que procede da evaporação;

3º. *Sal kosher* – esse é o sal que tempera a carne;

4º. *Sal rosa* ou *sal do Himalaia* – esse é o sal que vive aos pés do Himalaia;

5º. Sal negro – também este é conhecido como *Kala Namak*. É encontrado nas regiões naturais da Índia;

6º. *Sal light* – este é conhecido pela forma opcional em relação ao sal comum. Este sal tem metade da composição de um sal natural.

7º. *Sal líquido* – este é utilizado em spray no preparo de alimentos, visto que com este é possível uma aplicação uniforme no alimento.

8º. *Sal grosso* – possui cristais maiores, tem os mesmos valores que o sal de cozinha, porém não passou pelo processo do refinamento.

9º. *Sal temperado* – este possui os valores favoráveis para o alimento. Ele tem composição de ervas e garante a adição de sabores diferenciados.

→ *Luz*. A luz (hb. רוא - 'or) é a responsável por vários efeitos na criação de Deus. Exemplo disso foi à criação da luz no primeiro dia – Gn 1.3. Desta forma, aprendemos que existe luz condicional e incondicional.

A luz incondicional existe bem antes da criação do sol, lua, estrelas e vento. Esta luz incondicional estava auxiliando ao Deus Criador na Sua maravilhosa ação ou tarefa de Criar o que veio existir do inexistente – "*E disse Deus: Haja...*" Gn 1.3,6,14. Quanto da luz condicional, esta é produzida pela força energética de três tipos de elementos da criação: "Água" – "Sol" – "Vento". Esses três elementos da criação produzem energia (*hídrica*, *solar* e *eólica*), que por sua vez, produzem luz. Assim é a vida dos que servem ao Senhor: Primeiro a Luz incondicional – Cristo Jesus; Após os recursos que geram energia: Arrependimento, Conversão e Regeneração. Quando esses elementos fazem parte da vida do pecador arrependido, ele passa a exalar luz para o mundo que está em trevas.

→ *Confirmação da Lei* – Mt 5.17-20. Quando falamos de lei, olhando para a luz das Escrituras, logo nos vem à mente a Lei de Deus – Decálogo e a Lei de Moisés. Todavia, o primeiro exposto da Lei de Deus ao homem, não se deu no Monte Sinal – Êx 31.18, mas, sim, no Paraíso – Gn 2.16-17.

Jesus veio para cumprir a lei (Mt 517), mas que lei? A primeira lei a ser afligida pelo homem foi à lei que Deus comunicou a Adão no Éden. Após ter comido da árvore proibida, Adão teve sua

consciência despertada pela lei. A lei da consciência. Quando esta lei se depara com o erro ela é automaticamente ativada, deixando o homem desconfortável com sua insatisfação. Jesus cumpriu toda a lei: Lei da Consciência, A Lei da Justiça, A Lei do Decálogo e A Lei de Moisés. Tendo em consideração que esta "Lei de Moisés" é uma sistemática da Lei de Deus – O Decálogo.

> → *Observação ao Antigo Testamento* – Mt 5.21-48. Jesus quando aplicava ensinamentos aos Seus ouvintes, Ele utilizava-se de recursos na *Toráh*. Com isso Ele podia confirmar Sua palavra dada aos judeus.

Um exemplo dos valores de Seus ensinos com a Palavra que estava à disposição dos homens é a seguinte fala: "*Ouvistes o que foi dito...*" – Mt 5.21 – "Não matarás", 27 – "Não adulterarás", 31 – Se repudiar de carta de divórcio", 33 – "Não jurarás falso", 38 – "Olho por olho, dente por dente", 43 – "Mamarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo". Essas observações de Jesus eram subsidiadas pela forma: "*Eu, porém vos digo...*" – Mt 5.22 – "Não se irritarás"; 28 – "Não olhar para mulher com coração impuro", 32 – "Não repudiar sem razão lógica", 34 – "Não jurarás por razão nenhuma", 39 – "Não seja resistente aos inimigos", 44 – "Amai e orei pelos vossos inimigos e perseguidores".

Alguns pontos que formavam uma meta de ensinamentos de alertas, Jesus utilizava como material de ensino. Esses alertas podem chamá-los de "*Pedagogia de Comportamento*". Aonde Jesus conduzia seus ouvintes a tomarem cuidados periódicos em relação aos prazeres e desprazeres da vida. Podemos listá-los da seguinte maneira:

→ *Homicídio.*

→ *Adultério.*

→ *Juramentos.*

→ *Vinganças.*

→ *Falta de Amor ao próximo.*

Nos dias do ministério de Jesus, sua humanidade foi uma mensagem que seguia na contramão de todos os ensinos e conceitos humanos existentes. Os homens não conseguiam viver na verdade o que Jesus vivia. E, isso não seria pelo fato de ser uma pessoa de natureza divina, pois toda sua vida humana, mesmo tendo uma natureza Divina, Ele esteve plenamente como homem entre os homens.

Alvos dos Ensinos de Jesus

A prática da Justiça – Gr. *dikaiosynen*, Mt 6.1; Rm 10.5; I Ts 4.6; Tt 2.14; I Jo 2.29; 3.7,10.

No ministério de Jesus, a justiça era algo que não podia ser vista como uma opção de vida, mas, sim, como uma necessidade. Os líderes do judaísmo ensinavam a justiça, porém ela não fazia parte moral deles. Esta justiça está voltada para a ação do homem. Na ação do homem, toda justiça poderá incorrer em coisas injustas. Na justiça divina, podemos adquirir muitas bênçãos. Todavia, a melhor e, maior de todas elas, está suprimida na salvação pela ação da graça de cristo – Ef 2.8-9. Essa é manifestada plenamente na justiça gerando a salvação – Tt 2.11. Todos os detalhes do Evangelho de Cristo são de grande importância. Entre esses detalhes, podemos incorporar os valores da Sua justiça: Se esta justiça não se manifestar neste Evangelho, nós jamais poderemos apresentá-lo aos homens.

A prática de esmolar – Gr. *eleemosune,* Mt 6.2-4; Lc 11.41.

Fazer ao próximo àquilo que desejamos que nos sejam feito, foi e ainda é uma das bases sólidas da política do Cristianismo. Não há produto mais favorável à mensagem do Evangelho, que a ação pessoal de cada indivíduo do Corpo de Cristo – A Igreja – Mt 23.19; Mt 5.24.

Em um modo grosso de se interpretar as Escrituras, podemos dizer que, no ensinamento de Jesus, os judeus apareciam como meros influenciadores, mas nunca como executores. Dar esmolas

não passava de uma ação de boas obras. Jesus conhecia as atitudes de cada pessoa que praticava esta ação de "*dar esmolas*". Realizar boas obras não significa que estamos garantindo nossa entrada no Reino dos Céus. A boa ação resultará para os salvos uma recompensa extra, que a Bíblia chama de "*Galardão*". A narração de Mateus explica em relação aos outros escritores, que a esmola era uma prática saudável na vida de todos os judeus que optavam pela justiça social – At 9.36; Rm 12.8.

A prática da oração – Gr. *proseuchomai, Mt* 6.5-8; Lc 11.2-4.

Orar é verbalizar um pensamento. A oração transfere um pensamento em verbo para uma terceira pessoa. Quando falo, desenvolvo uma comunicação permitindo que meu ouvinte passe a conhecer minhas particularidades. Na oração meu relacionamento com Deus torna-se mais favorável. A oração possibilita o orador desenvolver seu dialogo. É inadmissível que um cristão tenha dificuldade em se comunicar com Seu Criador. Levando em consideração que Jesus intensificou várias vezes esses ensinamentos – Lc 11.37; 18.1; 21.36.

O ministério de Jesus foi marcado pela oração (cf. Mc 6.46; Mt 26.36,44; Jo 8.1). Em nenhum texto do Evangelho, você ira encontrar Jesus condenando a oração. Desta forma, não podemos dizer que a oração é recebida se for somente feita de joelhos. Jesus não condenou os que oravam em pé, nem os que oravam nas esquinas, pelo fato de estarem orando. Ele reprovou a intenção que levavam eles a orarem. Muitas pessoas oram em voz alta, procurando serem vistos. Outras acreditam que suas orações serão ouvidas se forem feitas em alta voz. Todavia, o que irá determinar a verdadeira essência da oração é seu propósito e sua intensidade de intimidade com o Senhor. O Espírito Santo conduz o homem a falar com Cristo em oração em lugares secretos.

A prática do jejum – Mt 6.16-18.

O jejum deve ser visto hoje, como era visto no passado. Esses jejuns foram e ainda são muito utilizados pelos religiosos. O objetivo do jejum é de assegurar ao que jejua, a possibilidade de ter uma

vida mais resistente aos impulsos carnais. Deve-se jejuar de forma sigilosa, para que não haja publicidade desta oferta. Quando havia o jejum, havia descaracterização da parte do religioso, mostrando para todos que estava a jejuar. Jesus refutou todos os que jejuaram, no afã de produzirem glórias para si mesmo. Ele determinou assim, os padrões da prática do jejum.

Não poderia faltar nos ensinos de Jesus, toda e qualquer informação quanto da prática do jejuar. Mas, de fato, o que realmente significa o jejum?

a) O Jejum é simplesmente uma prática de abster-se de alimentação, seja sólido ou liquido.

b) É fundamental que o jejum seja praticado com propósitos específicos.

c) Além de ser favorável ao crescimento espiritual do indivíduo, o jejum também pode causar desintoxicação produzida por ocasião de muitos alimentos contaminados ou impróprios.

d) O jejum gera possibilidade de uma melhor consagração. Destarte que, quanto mais propósito para o jejum, mais alcance de resultados no universo espiritual.

e) O jejum pode ser dividido em: *a)* Jejum Absoluto, *b)* Jesus Normal e, *c)* Jejum Parcial, o que nos é recomendado pelas Escrituras Sagradas estão entre as letras A e B.

No período veterotestamentário, jejuar era visto praticamente como uma obrigação. Todavia, sua observação é bem diferente do que conhecemos hoje: Lv 16.29-31; 23.27. Este jejum passou a ser uma data oficializada – Jr 36.6. Paulo chegou a comentar sobre este jejum em At 27.9. Muitas coisas mudaram em relação a Israel e os judeus por ocasião dos exílios. Essas mudanças alcançaram a prática do jejum – Jr 52.6; II Rs 25.8-9; 25.25; Jr 41.1-2. Outras situações colocavam os judeus na prática do jejum.

Os valores espirituais – Gr. *pnevmatikón* Mt 6.19-21.

Para os homens que portam uma vida plenamente natural, as coisas espirituais parecem não terem muita importância. Todavia, para os espirituais, todas às coisas relacionadas aos céus são de incomunicável valor. O Senhor Jesus está comunicando uma doutrina para seus seguidores que vai de confronto a tudo que eles conhecem. Ter riquezas para o povo da antiguidade como para os nossos contemporâneos, são sinônimo de favor divino, consolidando assim, uma aprovação de vida espiritual em conformidade com a vontade de Deus. Todavia, os valores das coisas espirituais, não devem ser acumulados aqui na terra, mas, sim, lá nos céus.

Na visão de Jesus, em relação às coisas materiais tinham seus valores. Todavia, Ele não via qualquer necessidade da existência de preocupações diárias quanto a este materialismo, pois esta vida é cronológica. Nascemos já com nosso destino de nos encontramos com a morte. Desta forma, para Jesus, os homens deveriam se preocupar com os valores que lhe acompanharão para a vida eterna. Visto ser uma vida dimensionada no universo espiritual, nada mais correto do que exortar os homens em criarem valores espirituais. Jesus não é contrário à riqueza material, pois Ele abençoa materialmente seus filhos.

A diferença entre a luz e as trevas – Gr. *skoteinos* Mt 6.22-23; Lc 11.34-36.

Na criação de todas às coisas, o Senhor Deus realizou algo de muita relevância: Deus distinguiu as trevas pela presença da luz. Todavia, o que Jesus está fazendo aqui em seus ensinamentos está levando algo para mais distante que eles imaginaram: O que realmente Jesus tinha em mente como Luz e Trevas.

A análise dos dois senhores – Mt 6.24.

Jesus criou uma metodologia de ensinamento apresentando aos seus discípulos, como também aos meros ouvintes, a alternativa de poder se relacionar com o verdadeiro Deus. A preocupação do Mestre Jesus está relacionada a uma simples verdade: Quando nos dedicamos em servir uma pessoa, damos a ela o domínio sobre nossas vidas; o coração do homem fica possuído pela ação do senhor

que está recebendo a inclinação do servo. Somente ao Senhor Deus devemos nos inclinar e servi-lo.

O perigo da solicitude – Mt 6.25-34; Lc 12.22-31.

Os cuidados que diariamente temos para nos preparar para as coisas futuras, não devem fazer de nossas mentes uma deformada central de sectarismo. Jesus não ensinou aos seus discípulos, negando-lhes seus direito de terem ou de serem. Mas, os advertiu quanto da inútil preocupação quanto ao dia de amanhã. Não há necessidade de nos preocuparmos com aquilo que não existe. O dia de amanha ainda será criado pelo Eterno. Quando Ele criar o dia de amanhã, tudo que for necessário para o viver do homem, já estará embutido nesta criação.

Divisão dos Ensinos de Jesus

Uma das grandes manifestações do Senhor Jesus Cristo em seus três anos e meio de ministério, são amplamente destacadas pela forma como Ele inseria doutrinas nos corações de seus ouvintes. Nunca será demasiadamente desfavorável ao homem, conhecer os ensinos que Jesus Cristo se dispôs em comunicar. Destarte que, são esses ensinos que nos erguem diante do Senhor, quando ouvidos e obedecidos. Sendo assim, veremos aqui alguns dos diversos ensinos que estão reservados para os que Lhe buscam e O amam.

O juízo temerário é proibido – Mt 7.1-5.

O termo "julgar" do grego "*krino*", sig. "distinguir", "discernir entre o bem e o mal", "julgar na própria mente, quanto ao que é reto, próprio, conveniente", "julgar, ou seja, formar e expressar um julgamento, uma opinião, quanto a uma pessoa ou coisa, mais comumente desfavorável"[12]. Este julgamento atende as necessidades de resolver situações que estão comprometendo um indivíduo ou uma sociedade. O homem é um ser volitivo, que está capacitado pelo Senhor para aplicar a justiça entre os homens. Os judeus, nos

12 ROBINSON, Edward. *Léxico Grego do Novo Testamento*. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléia de Deus – CPAD, 2012, p. 581; 519. Obs: conferir.

dias de Jesus estavam utilizando de autoridade para aplicar a justiça com injustiça – Mt 7.1-2; Lc 12.57; Jo 8.15. Faziam julgamentos precipitados. Os ensinos de Jesus não eram preventivos, mas, sim, corretivos. As coisas estavam indo na contramão em relação ao Decálogo.

Os sacerdotes ensinavam aos judeus na sinagoga. Jesus ensinava no ar livre. Os sacerdotes utilizavam da Toráh como material didático, Jesus utilizava da Toráh e alguns outros recursos. Os sacerdotes não conseguiam atrair tanto a atenção do povo como Jesus conseguia. Isso não era devido ao fato de Jesus descumprir o sistema, mas, sim, pelo fato de Jesus utilizar uma metodologia diferenciada.

Os judeus precisavam entender que um julgamento errado acarretaria em juízo definitivo no final. Jesus os preparou conscientemente, pois pela Sua presciência, Ele haveria de ser julgado pelo sumo sacerdote e sacerdotes. Todavia, eles haveriam de julgá-lo com injustiça. Os ensinos de Jesus acarretarão para aquela geração, juízo e condenação eterna.

*Não deis aos c*ães as coisas santas – Mt 7.6; Lc 10.21.

Os ensinamentos de Jesus deveriam ser ouvidos e entendidos na frequência exata. Ninguém deveria buscar utilizar desses ensinos, para argumentos que desapropriariam seu conteúdo doutrinário. Os líderes da Igreja Primitiva passaram a reconhecer os ensinos que Jesus aplicou aos judeus, como doutrinas decorrentes para o Cristianismo. Todavia, os judeus reconheciam os gentios como cães. Eles, certamente, poderiam dizer que os ensinos de Jesus não eram para serem comunicados aos gentios (*cães*). Na compartilha dos valores do Cristianismo, os judeus não entenderam a entrada dos gentios na lista dos alcançados pelo sacrifício do Cordeiro de Deus.

Jesus faz as pessoas praticarem a oração – Mt 7.7-12; At 1.14; 6.4; I Tm 4.5; I Pd 3.12.

Jesus traz mais uma vez o estímulo à prática da oração. É fundamental saber qual o alvo da oração. A oração abre o leque

da comunhão entre Deus e o homem. Não há perfeita comunhão sem que haja uma boa comunicação. Simplificando o assunto, Jesus mostrou os valores da perseverança na oração. A oração deve ser um elemento vital na vida de todos os que servem ao Senhor. Na verdade, uma das maiores grandezas da oração está na revelação da verdade. Ninguém consegue orar com falsidade.

Os estímulos de Jesus estão em três áreas: *a)* Pedi *b)* Buscar e *c)* Bater. A petição deve ser confinada a vontade do Senhor; a busca de estar limitada aquilo que o Senhor disponibiliza e, o bater deve ser sempre na busca pela atenção do Senhor. Pedir somente a Deus, com a intenção de receber somente o que for dado por Ele e, bater somente na porta de Suas moradas. Não há qualquer necessidade do homem que poderá ser suprida se não for pelo Senhor. E isso está encontrado na oração.

As duas estradas – Mt 7.13-14; 10.10; Lc 9.3.

A preocupação do Senhor está na conduta da vida de seu povo. O Senhor sabe que existem caminhos que não devem ser ignorados, porém, não percorrido também. Os princípios de uma vida cristã não estão somente na condução pessoal para uma localidade denominacional, mas, sim, nos padrões que administram toda a conduta de vida do individuo. Somos convidados a termos uma vida polida em relação ao nosso comportamento diante de Deus e dos homens.

Jesus advertiu os cuidados das falsas doutrinas que existiam em seus dias, dando uma visão para as que ainda viriam surgir. Ele poderia evitar essas falsas doutrinas? Sim! Mas, por que não O fez? Simples! Devemos ter recursos para provar nosso amor e obediência a Ele! Ele não nos tira esta oportunidade, todavia Ele nos assegura de que, se obedecermos aos seus ensinamentos, nós não incorremos no perigo de perecermos na desobediência.

Os falsos profetas – Mt 7.15-23; 24.24; Mc 13.22; Lc 6.26.

A palavra profetizar procede do Hb. "*nabá*", e do Gr. *prophetizon*. Tanto no idioma Hebraico como no Grego, a palavra

traz consigo a mesma etimologia: "Falar antecipadamente". Ao longo dos tempos, muitos foram os falsos profetas que tentaram alargar seus pseudo ministérios, falando aleatoriamente palavras sem fundamentos de verdade. Todavia, os valores de uma profecia deveriam materializar-se posteriormente ao pronunciamento do *prophetes*, ou seja, aquele que pronuncia antecipadamente, os interesses do Senhor.

As palavras profetizadas devem atender aos interesses do Senhor. Se uma palavra com título de "*profecia*" não estiver compactada com a Profecia Bíblica, não se deve dar credibilidade. Toda profecia tem sua natureza em Deus – II Pd 2.21, visando assim, que os propósitos de Deus, tanto para realizar, como para proteger são manifestos pela palavra profética. Desta maneira, devemos evitar qualquer coisa que esteja na característica de heresias – Mt 24.11,24; Mc 13.22Lc 6.26.

Os dois fundamentos – Mt 7.24-27; Hb 6.1; Sl 11.3; II Tm 4.3.

Nos dias de Jesus muitos ainda entendiam a lei da semeadura. Sabiam que a consistência de uma ação, colabora para a existência de uma reação. Nada se estabelece no neutro, até porque, no universo espiritual não existe este ponto neutro. Ou fazemos obras positivas – Edificar sobre rochas – ou fazemos obras negativas – edificar sobre areia –, todavia haverá um reflexo de atitude.

Jesus ensinou com muita propriedade que, a garantia de um futuro sustentável está no que fazemos no presente. Ele estava extraindo de fatos reais elementos para seus ensinos. Naquelas regiões, era muito comum se construir à beira de leitos secos de rios. O maior problema estava nas surpresas que esses lugares sofriam com tempestades repentinas e enchentes fabulosas. Essas chuvas inundavam e enchiam repentinamente os rios fazendo-os transbordarem. As casas eram atingidas e se não houvesse um alicerce sustentável elas eram facilmente removidas pelas correntezas dessas águas.

Lembre-se que Jesus tem dois públicos neste ensinamento:

a. O Homem *Prudente – Gr. phronimos.* Esse homem prudente, no ensino de Jesus, é aquele que está agindo de forma consciente. Não faz nem fala sem que antes haja um conselho de orientação. Sabe que tudo que é efetuado nesta vida, produzirá repercussão.

b. O Homem *Insensato – Gr. moros.* Este homem nos ensinos de Jesus nunca terá bons resultados, pois suas obras são inconscientes; fora do estado da consciência. Não se confirma com o que é correto. Realizar algo desta forma é igual a fazer uma retirada de certa quantia de um banco e vir com a quantia exposta pela rua. Certamente estará possibilitando vivenciar um assalto. Isso é insensatez. Falta de juízo.

Lembre-se que Jesus tem dois públicos neste ensinamento:

a. *Aquele que escuta a palavra e pratica*. Nós não devemos ter outro pensamento, além do que teve Esdras em 7.10. Ele não só escutou como também ouviu. Deu atenção correta aquilo que estava vindo da parte do Senhor. Muitos problemas na vida de pessoas poderiam ser minimizados, se essas pessoas dessem maior prioridade aos ensinamentos das Escrituras Sagradas – Os 4.6.

b. *Aquele que escuta a palavra e não pratica*. Esse público é o de maior número nas arquibancadas. Os saguões e camarotes estão repletos desses públicos. Ouvem até corretamente, mas suas obras estão aquém de seus entendimentos – Mt 23.1-3. É algo frustrante.

Lembre-se que Jesus tem duas obras neste ensinamento:

a. *Casa edificada na rocha* Gr. *petra*. Não há como ignorar que Jesus de forma direta ou indireta, esteja falando de Si. Ele é a Rocha que estabelece nossos alicerces. Toda estrutura rochosa está ilimitada ao tempo. As intempéries da vida, em especial as que estão reservadas para um futuro bem distante, jamais concorrerá para uma história com o final infeliz. Esta casa pode estar representando o futuro do homem em sua forma metafórica. Todavia, com profunda equação de verdade.

Devemos nos preocupar com nosso futuro. Somos nós, quem construímos nosso futuro com elementos que produzimos

b. *Casa edificada na areia* – Gr. *ammos*. Nada que está edificado na areia pode ser sustentável. A vida que está construída sobre terrenos arenosos, deve se preparar para a qualquer momento sofrer uma alteração negativa. Se a chuva vier, as muitas águas desestabilizaram esta casa. Se for o vento, removerá as partes do alicerce. Temos aqui o homem que vive aleatoriamente sem se preparar para o futuro. Quando o tempo passar e chegar o momento da dependência, este homem não tem uma base apropriada para se refugiar.

Lembre-se que Jesus tem alguns elementos naturais neste ensinamento:

* *Chuva*. Pode estar representando fatores repentinos que nos sobrevém, gerando dores, prejuízos, perdas irrecuperáveis – Jó 5.10.

* *Rios*. Podem estar representando as consequências da vida. Nós devemos nos preparar para permanecermos em pé, quando os muros começarem a ruir – Sl 107.33.

* *Ventos*. Muitas de nossas histórias são conhecidas em lugares distantes. Não era para ser assim, pois nem todos conseguem administrar os fatores negativos de nossas histórias. Jó teve seus amigos, vindo de tão distante, justamente pelo fato das características negativas de sua história, ter sido narrada por pessoas que lhe conheciam – Jó 2.11.

O final dos ensinamentos – Mt 7.28.

Na concepção da pedagogia, todo o ensinamento está proposto a resultar em uma formação. Ou seja, a informação gera uma formação e a formação é apresentada pela transformação ou mudança de comportamento. Jesus deixou aquela multidão perplexa pela forma como Ele os fez conhecer verdades que até então não tinham sido proferidas por nenhum dos porta-vozes que havia na Judéia. Os judeus deveriam aprender a contextualizar suas vidas

com as Escrituras. Mas, como Paulo definiu: *Como, pois, invocarão aquele em quem não creram*? *E como crerão naquele de quem não ouviram*? *E como ouvirão se não há quem pregue*? Rm 10.14.

Tanto Mateus, como Marcos e Lucas, souberam explorar as bases fundamentais dos ensinos de Jesus. Eles aprenderam que, pelos ensinamentos de Jesus, os homens poderiam entender qual era o caráter de Jesus e, assim, poderiam buscar imitá-los. Seu caráter emitia mansidão e temperança; humildade e amor incondicional. Este é o verdadeiro sentido dos ensinamentos de Jesus em Mateus, Marcos e Lucas.

Resultado dos Ensinos de Jesus

Os ensinamentos de Jesus tornaram-se, a logotipo de destaque de seu ministério. Jesus sempre valorizou o ensino como ordenança – Mt 28.19-20; Mc 16.15-17. Em seus ensinamentos, Ele deu sentido a vários pontos da vida do homem: caráter, socialismo, espiritualidade, unidade e santidade. Seus ensinos foram a melhor forma de apresentar aos homens caídos, uma nova oportunidade de regeneração. Destacamos aqui que, sempre havia uma oportunidade de ensinar nas atividades de Jesus.

Uma das evidências de que os ensinos de Jesus são plenamente verdadeiros é a sua apologia contra o pecado e a possibilidade de conduzir o homem a um verdadeiro e sincero arrependimento. Homens que estão vivendo em eterno arrependimento são os que Deus usa com grande efeito. Jesus traçou metas de informação por um caminho que ainda não era tão bem utilizado: As suas parábolas são os fatores que o dizem.

Todo o trabalho de Jesus pode ser visto em Atos dos Apóstolos e nas Epístolas. As doutrinas que os apóstolos transferiram para a Igreja foram reflexos dos ensinamentos de Jesus. Paulo foi um dos que mais externou as doutrinas de Jesus. A Igreja foi e é formada ética e eclesiasticamente pela doutrina advinda dos ensinamentos de Jesus Cristo.

Compreendendo os Milagres de Jesus Cristo

Estudar sobre os milagres de Jesus pode ser para alguns, algo meio que infundamental, mas, para os que acompanham os passos do Mestre, sabem muito bem, que foi pelos milagres que a libertação de muitas pessoas iniciou a aceitação de Sua Palavra. Nosso foco aqui será à base da operação dos milagres de Jesus, visto que estes milagres foram intitulados por Ele, como um sinal que seguiriam aos que creem – Mc 16.17. Espero que esta aula tenha a oportunidade de dar a devida compreensão e necessária para o estudante, sobre esta parte do ministério do Senhor Jesus Cristo: A realização de milagres.

Etimologia da palavra: Milagre

Não há como iniciarmos esta parte do estudo sobre os milagres que foram realizados por Jesus, sem que antes venhamos compreender os valores do termo "*Milagre*". Entendamos: O termo "milagre" tem seus derivados nos idiomas: grego e hebraico.

a. *Hebraico* – Milagre (*mopheth)*. Significa: Operar sinais como maravilhas; A realização de milagres; a característica dos efeitos sobrenaturais.

b. *Grego* – Milagre (*teras)*. Significa: Uma ação com poder; a realização de algo sobrenatural; algo de muita extrema raridade.

Nesta condição, já podemos entender que milagre é uma ação Divina, que não tem nenhuma natureza com o mundo físico, embora a manifestação seja no mundo físico. Jesus tem uma mensagem para o homem relacionado ao milagre. O palco de ação de Deus não é na terra, mas, sim, nos céus. Quando algo acontece neste mundo físico, ele já aconteceu no mundo espiritual. Ou seja, quando uma cura ocorre na vida de um indivíduo na terra, ela já aconteceu na presença de Deus nos céus.

Qual o Propósito do Milagre

É muito importante para nós sabermos o porquê, a realização do milagre no ministério de Jesus Cristo foi estabelecido. As

realizações destas obras devem ser vistas como um dos elementos importante para Seu ministério, o que fez Lucas declarar, que Jesus crescia em: "*sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens*" – Lc 2.52.

a) *Sabedoria* – Conhecimento advindo de uma natureza própria.

b) *Estatura* – Forma natural de desenvolver o corpo físico humano.

c) Graça – No sentido lato da palavra, se diz daquele que faz boas obras para todos, sem observar para quem e quando é necessário se fazer.

Não há milagres sem que antes haja conhecimento da razão ou da causa do milagre. Antes de Jesus realizar um milagre, Jesus sempre priorizou o conhecimento. O milagre não antecede o conhecimento – Mt 28.19-20; Mc 16.15-17; Lc 10.1-15. Só então teremos a realização deste fenômeno. O milagre não tem somente como objetivo, gerar alívio para quem irá recebê-lo, mas para que os homens conheçam, algumas verdades como:

1. *O milagre deve apresentar os valores da natureza de Deus*. Um dia Jesus disse: "Esta enfermidade não é para morte"... – Jo 11.4. Uma enfermidade com propósito de glorificar ao Senhor.

2. *O milagre é um gerador da fé*. O milagre não é uma ação que busca exclusivamente o benefício do indivíduo, mas, sim, possibilitar à condição de uma fé genuína em um Deus plenamente verdadeiro, que tem como intenção primária resgatar o homem para Si.

3. *O milagre traz testemunho*. A fé que conduz o homem a viver às confirmações proféticas – Mt 11.2-5. João recebeu a confirmação de sua fé, quando Jesus declarou à realização de milagres.

4. *O milagre tem sua origem em Deus*. O milagre pode provar que a mensagem é resultante de uma ação sobrenatural de

Deus – Mc 16.15-17. Quando Jesus enviou seus discípulos aos confins da terra, Ele lhes deu a garantia de que os milagres seriam à prova de que o Evangelho estava sendo obedecido.

5. *O milagre pode indicar uma cura de relacionamento.* O milagre pode ser visto como uma ação positiva de que Deus está restaurando Seu relacionamento com o homem, perdoando assim seus pecados. Esse é o melhor e maior dos milagres: o perdão dos pecados.

Nos livros do Evangelho de Jesus Cristo, podemos entender que estamos diante de uma fonte, que é o condutor do conhecimento de toda verdade quanto à revelação do Filho de Deus como o Senhor que sara.

Os Efeitos dos Milagres

O milagre sempre causa uma grande perspectiva na sociedade. Não é de se admirar, que muitos iam até Jesus, simplesmente pelo fato dos sinais miraculosos serem realizados. Não houvesse sinais, não haveria seguidores. Os homens ainda não aprenderam valorizar aquilo que está acima do físico, acima do natural. A fé natural é a coisa mais difícil de passar pelo processo da conversão. Mas, vamos ver alguns efeitos que ocorreram na vida de algumas pessoas quanto aos milagres realizados.

→ Curo de um leproso Mt 8.1-1-4.

→ A cura de um servo do centurião – Mt 8.5-13.

→ A cura da sogra de Pedro – Mt 8.14-17.

→ Jesus apazigua a tempestade – Mt 8.23-27.

→ A cura dos dois endemoninhados – Mt 8.28-34.

→ A cura de um paralítico – Mt 9.1-8.

→ Jesus cura no Sábado – Mt 12.9-21.

→ A primeira multiplicação dos pães – Mt 14.13-21.

→ Jesus anda sobre as águas – Mt 14.22-36.

→ A mulher Cananéia – Mt 15.21-28.

→ A segunda multiplicação dos Paes – Mt 15.32-39.

→ A cura de dois cegos de Jericó – Mt 20.29-34.

O Alvo dos Milagres

Jesus realizou uma grande quantidade de milagres, e todos estão registrados nesses livros de Seu Evangelho. Estes milagres vieram ter significados importantíssimos, e que, ainda podem conduzir os leitores de hoje, como fora com os ouvintes no passado, a terem uma fé inabalável. Eles creram na ação do Senhor Jesus, pois podiam contemplar suas obras. Esses milagres revelavam poderes que eles ainda não haviam visto. Tudo isso era muito novo para todos eles.

Sempre que Jesus realizava uma ação sobrenatural, curando a deficiência de alguém, Ele declarava o alvo do milagre:

1. Em João 20.29.31, podemos entender que houve vários milagres que Jesus fez diante dos olhos de seus discípulos. Esses milagres tinham um propósito especifico: Dar condições a fé deles de ser fortalecida gradativamente.

2. Em Mateus 19.26, Jesus faz um esclarecimento muito importante quanto ao milagre, dando a entender que às coisas que ocorrem no mundo físico são reflexos de tudo que está ocorrendo no mundo espiritual. A ação de Deus está infinitamente além da ação do homem.

Em Caná da Galiléia – Jo 2.1-11, o Jesus realizou, não só deu o início em seu ministério de milagres, como também, deu à oportunidade de seus discípulos verem com quem realmente eles estavam se unindo. Aquele casal vivenciou o que realmente o Senhor desejava para todas às famílias. Vejamos alguns detalhes deste episodio.

• *E, ao terceiro dia (Gr. dia – hemera).* Na Bíblia temos alguns pontos relacionados ao terceiro dia: Os 6.2 – declara que, ao

terceiro dia ele nos dará vida; Êx 19.11 – No terceiro dia o Senhor irá descer diante de seu povo; Lc 18.13 – Jesus faz declaração de que Sua ressurreição ocorrerá ao terceiro dia; Gn 22,4 – ao terceiro dia Abraão levanta os olhos e de longe e ele vê o lugar do sacrifício; muitos são os pontos relacionados com o terceiro dia.

• *Gr. Bodas – Gr. gamos*. Esta é uma festa relacionada ao matrimônio. Uma aliança deveria ser comemorada a rigor sem qualquer tipo de irregularidades. Qualquer coisa que comprometesse a festa seria fatal. Seria uma humilhação para a nova família.

• *Não têm vinho – Gr. oinos*. Vinho é um sinônimo de alegria à luz das Escrituras. O vinho no casamento é um símbolo de honra, e se faltar o vinho, o novo casal é desonrado diante da sociedade. Jesus estava naquela festa. Quando Jesus está na construção de uma família, esta família jamais será desonrada.

• *"... seis talhas de pedra" – Gr. hex hudria lithinos*. Em conformidade às medidas nas Escrituras, existe uma informação de que uma talha tem à capacidade de receber três metretas – Jo 2.6; uma metreta geralmente equivale a 40 litros de água. Sendo assim, nesta transformação de água em vinho, Jesus transformou: 120x6=720 litros de água em vinho.

• *"... Tirai agora, e levai ao mestre-sala"*. – Gr. *antleo nun kai phero architriklinos*. O mestre-sala era um convidado principal que fazia realçar as honrarias das bodas. O noivo estaria na condição de privilegiado por ter em sua festa de núpcias um convidado de alta grandeza. Todavia, aquele rapaz não imaginava que o convidado de alta grandeza não estava assentado a mesa.

• *"E, logo que o mestre-sala provou a água feita vinho"*. "*dè hos egefsatos rô architriklinos tò hydror gegeniménon onios*". A especialidade deste convidado aprovaria ou desabonaria a qualidade da festa. Como o vinho é um símbolo de alegria, a alegria daquele novo casal dependeria da avaliação de um homem que deveria ser honrado primeiro, para depois honrar. "*chamou o mestre-sala ao esposo*". Observamos que o noivo foi recomendando para receber uma avaliação do vinho que havia sido servido ao mestre-sala. Todavia,

o rapaz não tinha qualquer argumentação, pois não tinha noção do que Jesus havia feito em sua casa. Algo que ainda é peculiar até os dias atuais.

Não só este milagre como todos os outros que Jesus realizou, tiveram o objetivo de glorificar ao Pai. Os homens passaram a conhecer o amor do Pai, pelas obras que Jesus realizava – Jo 17.24-26. Esse deve ser o objetivo de cada cristão, fazer tudo para glória do nome do Senhor.

Resistência de Operações

Embora, alguns leitores são apenas meros admiradores dos escritos distintos, o necessário é que nós aceitamos os Escritos Sagrados como a verdade: Cada um dos escritores do Evangelho de Jesus teve um ângulo de visão diferenciado das obras que Jesus realizou. Embora, fosse o marco de Suas ministrações, os milagres nem sempre foram aceitos pelos observadores céticos e conservadores como algo de legítimo valor e de honra para Deus.

Muitos desses personagens preferiram atentar para suas maneiras de leem e entenderem às Escrituras, ao invés de franquear uma melhor atenção ao que Deus estava fazendo. Quanto a isso, Jesus se pronunciou dizendo: "*... Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus*" – Mt 22.29; Mc 12.24.

Milagres questionados – Jo 7.30.

Aprendemos com o Evangelho de Jesus Cristo, que tudo tem um tempo e o propósito específico diante de Deus. O ministério de Jesus estava condicionado há um tempo, por esta razão, Ele não cessava de realizar suas obras. Mas, diante de tudo isto, não Lhe faltava perseguidores que não criam nas obras que por Ele eram realizadas.

Os fariseus queriam retribuir a Jesus e suas obras, com prisões e castigos. Todavia, mais comprometedor que os fariseus, foram os que recebiam os milagres e diziam: "*... Quando o Cristo vier, fará ainda*

mais sinais do que os que este tem feito?" - Jo 7.31. Eles estavam diante do Senhor Jesus e ignoravam Seu Messianato. Todos que vinham a Ele eram curados de todos os males. Podemos afirmar que a vida de uma inumerável multidão foi marcada pelos milagres que Jesus realizou.

Jesus foi visto e ouvido por multidões, que no afã de serem beneficiadas, não se preocupava com o tempo que fosse necessário dedicar para isso. Todavia, o coração deste povo não se limitou ao nível da terra. Não conseguiram ver Jesus na dimensão dos céus. O Filho de Deus, O Unigênito do Pai, tinha somente uma intenção ou propósito: Revelar a graça de Deus e Sua infinita misericórdia.

O milagre pela fé.

Quando Jesus veio de Decápolis, Ele curou várias pessoas. Mas, nada chamou tanta a atenção de Jesus, quanto à fé de um homem constituído de autoridade: "*Digo-vos que nem ainda em Israel tenho achado tanta fé*" – Lc 7.9; Mt 8.9; Lc 7.8. Pessoas são comovidas pela ação de Deus, quando possuem uma fé genuína em Sua Poderosa Palavra.

A Incredulidade dos Homens

A fé que os homens possuem, geralmente é confundida com uma fé espiritual. Todavia, a fé que o homem nasce com ela, é uma fé plenamente natural. Esta fé natural, não possibilita o homem ver e entender às coisas espirituais – I Co 2.14-16. É justamente esta fé que deve ser substituída pela fé espiritual – Rm 10.17. É por meio da fé espiritual, que os homens passam a conhecer os verdadeiros valores dos milagres realizados por Jesus Cristo.

No ministério de Jesus, Ele se deparou com muitos homens naturais – Mt 6.30; 14.31; Lc 12.28. Embora, nós vamos encontrar isso em todos os seguimentos, onde o Evangelho de Jesus era anunciado – Ef 2.8; II Ts 3.2; Rm 3.28. Jesus olhava para estes homens, e admirava de seus corações incrédulos. O termo admirar

tem sua origem no idioma grego - εθαυμαζε (Gr. *Ethafmaze*). Esse termo grego denota uma admiração negativa.

Os homens não entenderam a confirmação das profecias cumpridas em Jesus. Eles deixaram de recepcionar o Criador do Universo; o Criador do Infinito. Isso levou Jesus repetidamente em várias ocasiões dizer: "*Homens de pouca fé*" – Mt 6.30; 14.31; 16.18; Lc 12.28; Mc 9.23. Jesus precisa ter admiração pela nossa fé, não pela nossa incredulidade. Muitos estão diante do Senhor, conseguem vê-Lo, mas não conseguem viver o que Ele já determinou. Isso é falta de fé.

Viver o Oposto da Fé

Neste estudo sobre a fé operada nos milagres de Jesus, perguntamos: "É possí*vel uma pessoa que já testemunhou deste verdadeiro ato de Deus em Cristo Jesus, voltar ao estado de homem natural, agindo com incredulidade? Assim como ocorreu com alguns dos seguidores de Jesus, poderá ocorrer conosco hoje?*" – Mt 7.15 declara que um homem fez uma descrição do que estava ocorrendo com seu filho, e disse que os discípulos do Senhor nada puderam fazer.

> *Uma observação*: *Eles estavam com Jesus Cristo no Monte Tabor, ocasião em que oravam e Jesus transfigurou-se diante deles. Mas, isso não despertou neles a fé necessária para viver e agir por essa fé – Mt 17.3; Mc 9.4; Lc 9.30.*

Todavia, mesmo que sendo em primeira mão ignorado pelo pai do garoto, *pois ele foi primeiro aos discípulos*, Jesus estava ali para realizar mais um milagre e transformar a vida de um pai incrédulo.

Uma Visão Geral Dos Milagres de Jesus

Jesus Cristo quando estava cumprindo seu ministério terreno da salvação, realizou diversas curas, na vida de muitos que sofriam de doenças de todos os gêneros. As dezenas de vidas que formavam verdadeiras aglomerações confiavam na autoridade que estava

sobre Jesus, trazendo com isso, seus doentes para serem curados por Jesus - Lc 4.40. Nos livros do Evangelho de Jesus, temos um breve relato de todos às obras que Ele realizou:

- *Paralíticos* – Mt 4.24; Mc 2.3; Lc 5.18; Jo 5.3.
- *Leprosos* – Mt 8.2; Mc 1.40; Lc 5.12.
- *Cegos* – Mt 12.22; Mc 8.22; Lc 7.21; Jo 11.37.
- *Surdos* – Mt 11.5; Mc 7.32; Lc 7.22.
- *Mudos* – Mt 12.22; Mc 19.7; Lc 11.14.
- *Febre* – Lc 4.38; Mc 1.30; Lc 4.39; Jo 4.52.
- *Uma mulher com hemorragia* – Lc 8.43-44.
- *Um homem com a mão atrofiada* – Mt 12.9-10; 12.13.
- *Uma orelha cortada* – Lc 22.49-51.

Nesse tempo, Jesus mostrou para seus seguidores que Ele também é detentor de poder sobre a morte. Ele ressuscitou:

- O filho de uma viúva – Lc 7.14-15.
- A filha de Jairo – Lc 8.53-55.
- Lázaro – Jo 11.43-44.

Realizar milagres franqueava aos ouvintes do Senhor, uma nova ocasião da religião entre os judeus. Eles já ouviram falar de muitas operações de maravilhas entre seu povo. Mas, eles nunca tiveram uma época de concentração de milagres e maravilhas, como tiveram nos dias do Jesus humanizado. Nunca mais se ouviu falar de tamanhos números de ações sobrenaturais entre os judeus, como o foi nos dias de Jesus.

Quando o Milagre Não Acontece

Embora Jesus fosse detentor de Todo-Poder para realizar milagres e maravilhas, houve ocasiões em que Ele não pode fazer milagres entre alguns dos seus contemporâneos. Os milagres eram efetuados pela pessoa de Jesus, mas era confirmado pela fé dos

necessitados. Ele chegou a declarar o seguinte: "*E não fez ali muitas maravilhas, por causa da incredulidade deles*" - Mt 13.5; 17.20; Mc 6.6; 9.19; 16.14; Lc 9.41; Jo 20.27. Essas passagens nos apresentam que há, sim, a possibilidade de estarmos na presença do Senhor, e não viver os recursos que Ele comunicou para os homens. A Igreja é a única agência hoje, que está legalizada para realizar esta obra. Mas, também, viver esta experiência de não poder realizar os milagres, pela pouca fé que há entre os necessitados.

A Demora do Milagre

"*Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites*" – Tg 4.3.

Um dos segredos ou razões da demora em receber um milagre, pode estar justamente, relacionado na forma como este milagre está sendo buscado. A oração está relacionada à ação do Senhor na execução do milagre. Quando a oração está relacionada à forma correta de pedir, ela pode direcionar os favores do Senhor à vida do homem necessitado. Vemos aqui alguns pontos que podem fazer uma cura tardar em sua realização:

1. O ser necessitado pode estar pedindo errado – Tg 4.3.

2. O enfermo pode estar em um processo de restauração em seu relacionamento com Deus – Jo 9.31.

3. Não compreende ainda o que é cura por meio de milagre – Lc 15.1; Jo 8.27.

4. Não sabe definir um milagre – Mc 6.52.

5. Não tem fé para receber o milagre – Jo 4.48.

6. A enfermidade é de natureza psicossomática - .

7. A impaciência pode substituir a fé pela medicina – Lc 8.43.

8. Os traços dos que adoecem pode ser causado por uma culpa não confessada. A cura neste caso deve ser espiritual ou psicológica e não física – I Co 11.30; Lc 7.21.

9. O tempo da cura pode não ter chegado pela incapacidade de um individuo em administrar sua fé ao milagre – Hb 3.19.

10. A cura pelo caminho do milagre não depende somente da fé, depende da permanência na obediência – Jo 5.14; Lc 11.26.

Desafiado pela fé

Todos os homens têm seus declínios e inclineis. Isso prova que somos pessoas que estamos passiveis de viver em momentos de tristeza com alegria e em momento de alegria com tristeza. Isso é pecado? Não! Somos livres para rir e para chorar. O que não é sugerido fazer é está na orientação de Deus e ignorar os valores reais da vida.

Somos desafiados a todos os momentos em relação a nossa fé. Nos livros do Evangelho, muitas são às pessoas que foram identificadas como: "Homem de pouca fé" – Mt 14.31; Lc 12.28; Rm 14.23. Destarte que, Jesus presenciou pessoas que continuaram a sofrer suas enfermidades, mesmo em sua presença, e isso, por falta de fé. O milagre deveria dar a eles o entendimento do conhecimento do Filho de Deus. Jesus disse:

> Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não às digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai em mim; crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras. Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas, porque eu vou para meu Pai – Jo 14.10-12.

As realizações de Jesus poderiam conduzir os homens à fé, pelo simples caminho da operação dos milagres. Assim podemos definir:

> • *A Fé pelo conhecimento* – Ef 3.12; Gl 5.5; At 3.16; Hb 11.6. Desde quando temos o conhecimento da verdade que nos

faz entender às coisas espirituais, podemos definir: Nunca devemos olhar os desafios e vê-los maiores do que a nossa defesa. Conhecer às obras de Jesus é ponto fundamental para uma vida de realizações e testemunhos de milagres.

• *A Fé é uma base necessária* – Hb 11.1; Rm 1.17; Tg 2.18; I Tm 1.19. Assim como o sentimento do medo nos impede de agir, a fé deve nos impulsionar a fazer. Tudo que vivemos é porque recebemos pela bondade do Senhor – *inclusive os milagres* – que são subsídios para suplementar nossa vida espiritual. Esses elementos devem fazer parte de nossas vidas durante todo o nosso tempo que estivermos aqui nesta terra.

• *A Fé nos tira da emoção e nos conduz para a razão* – Rm 14.23; Tg 2.14; II Co 5.7. Emoção é viver no desequilíbrio da verdade. A razão torna a equilibrar às coisas. Se caminharmos sempre emocionados, qualquer coisa poderá mudar nosso pensamento. A razão não permite que caminhemos correndo riscos de cair em ciladas irreais. A razão é sólida. Ela vê o que de fato existe. Quando a fé está intrínseca com a razão, ela remove montanhas. Sabe por quê? Porque a fé não olha a montanha que esta cima do nível do solo, ela trabalha com as raízes.

Um Milagre é Uma Dádiva

Quando os evangelistas escreveram o Evangelho de Jesus Cristo, eles foram inteiramente inspirados pelo Espírito Santo – II Tm 3.16-17; II Pd 1.19-20. Se compreendêssemos as Escrituras, assim como Ela se revela, teríamos mais ações do Espírito Santo em nossas vidas. Até porque Jesus disse:

> Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas, porque eu vou para meu Pai – Jo 14.12.

Essa deveria ser a causa maior da nossa experiência com os milagres. Não que somos detentores de direitos sobre essa ação

sobrenatural de Deus. Mas, porque Ele nos garantiu pela Sua graça.

Os ensinos do Evangelho conduzem o homem a:

→ *Compreender a sua necessidade e aguardar no tempo do Senhor*. O crente precisa dar autenticidade a sua fé confiando nas providencias do Senhor.

→ *Compreender que o milagre é algo que confirma a obediência do novo cristão*. O cristão deve tomar sua própria decisão em adquirir as coisas espirituais. É possível que os dons espirituais sejam presentes na vida dos que obedecem ao Senhor, conduzindo o fiel às experiências sobrenaturais.

→ *Compreender que isso é uma necessidade*. É bem provável que haja alternativas para se chegar a uma cura, uma libertação, uma desintoxicação de elementos químicos, a uma dependência de medicamentos, a um tratamento psicológico; todavia, os ensinos do Evangelho nos fazem entender que tudo isso e muito mais, pode ser conquistado através do sobrenatural. Jesus fez isso.

Exemplos:

• Jesus *cura* o homem pelo poder do Evangelho – Mt 8.7; At 9.34; Lc 14.3.

• Jesus *liberta* o homem pelo poder do Evangelho – Rm 3.24; 8.2.

• Jesus *purifica* pelo poder do Evangelho – At 22.16; I Jo 1.7.

• Jesus *sara* as dores da alma pelo poder do Evangelho – Mt 8.16; Mc 9.20; Lc 2.27.

• Jesus *ensina* sabedoria pelo poder do Evangelho – Jo 7.14; Lc 13.10; Mc 1.21; Mt 21.23.

Quando Jesus ensinava e colocava uma verdade diante dos homens: "*homens de pouca fé*", Jesus não estava querendo confrontar os limites dos homens, mas, sim, dar uma oportunidade de eles entenderem que Ele estava corretamente certo, e que eles necessitavam

de possuir uma transformação de conceitos religiosos. A fé mutilada nunca poderá conduzir uma vida ao plano de ação divino.

O milagre que é a marca registrada do ministério do Messias, formaram o que em Mc 16.17 Ele chama de "*Sinais*". Sinais este que interferem na incredulidade do homem, relacionando-o aos atos de Deus por meio de seu Filho Jesus Cristo. O milagre está atuante na autenticação da fé de cada indivíduo que se manifesta diante do Senhor, com uma cópia da verdadeira fé. Fé autenticada é uma cópia daquela fé verdadeira que antes eram manifestadas, mas, que, foi ocultada pela incredulidade dos homens. Quando alguém encontra esta fé verdadeira, este alguém vai até Jesus com uma cópia e Jesus autentica esta fé. E, o carimbo de autenticação de Jesus, em muitas circunstancias, é um milagre de transformação do individuo.

Compreendendo as Profecias de Jesus Cristo

Todas às doutrinas das Escrituras são de fundamental importância para a compreensão dos homens. Deus se revela pela sua Palavra. Todavia, estudar as profecias das Escrituras, em especial as de ordem escatológicas, são pontos de desafios generalizados. Todos os membros do Corpo de Cristo, ou seja, a Igreja deseja conhecer e entender as profecias bíblicas. Porém, conhecer às profecias bíblicas, nem sempre é algo possível para um cristão, em especial, para os recém-convertidos.

Nesta parte da matéria: O Evangelho de Jesus Cristo, você aluno receberá informações que, certamente, resultarão em mudanças de pensamentos quanto às coisas futuras. Ao estudar esta lição, você perceberá que não há segredos que não possam ser interpretados em relação às profecias de Jesus, mas, sim, é necessário o aval do Senhor Espírito Santo para este entendimento. Desejo bons estudos e edificações. Amém.

Analisando o Significado da Palavra Profecia

O conteúdo das Escrituras que exige muito dos estudiosos é chamado de: Profecias! O que realmente significa o termo: Profecia?

Vejamos através do léxico grego.

> • Termo Grego – (προφητεύω)[13]. Profecia, um vaticínio de eventos futuros, predição, mas incluindo também do hebraico, temos a idéia de revelações, declarações, exortações e advertências proféticas, proferidas pelos profetas quando atuando sob a influência divina.
>
> • Termo Hebraico – Nevi'im ou Profetas é o nome de uma das três seções do Tanakh, estando entre a Torá e Kethuvim.

O ministério de Jesus Cristo está estruturado na forma correta da divisão de seu tempo – *Dispensação da Lei*. Nesta dispensação, a Palavra de Deus – *Tanakh* era divida em três partes: *a) Torah* – Ensino, ou Lei; *b) Tehillim* – liturgia; *c) Kethuvim* – profecias. Seu ministério está dividido também em três partes: Ensinos, liturgias e profecias.

Nesta lição, vamos buscar compreender ao máximo os elementos proféticos que foram evidenciados por Jesus. Levando sempre em consideração que Ele – *Jesus Cristo* – é o cumprimento de todas às profecias bíblicas. Estaremos estudando os eventos que estão intrinsecamente relacionados aos judeus. Essas profecias se tornaram uma lente de observação para fatos notáveis que concordarão com:

> • *A destruição do Templo de Jerusalém*. Esta profecia aconteceu nos anos de 70 d.C., por ocasião de uma árdua conspiração dos Zelotes contra o Império Romano. Durou plenamente até 14/05/1948. Ainda não ocorreu a repatriação por completo, mas está caminhando para isso. Até o momento deste escrito, o que temos se resume na restauração de parte do Estado Judaico.
>
> • *A Diáspora dos Judeus*. Esta é a forma que se denomina o acontecimento marcado na década de 70. A dispersão dos judeus para terras gentílicas, causando com isso, a evacuação em massa dos judeus da terra de Jerusalém.

13 ROBINSON, Edward. *Léxico Grego do Novo Testamento... Op. cit.*, p. 800.

• *A Repatriação dos Judeus*. A repatriação dos judeus será o marco mais harmônico entre o arrebatamento da Igreja e o início da última semana de anos do profeta Daniel. Isso, levando em consideração a restauração de toda a Nação de Israel.

• *O Arrebatamento da Igreja*. O arrebatamento da Igreja é o ponto ápice da mensagem do Cristianismo. A mensagem da Igreja, quando anuncia a morte de Jesus, que é a o fator primário da reconciliação, ela apresenta o desejo de Deus e da Igreja em poder ir morar eternamente nos céus.

• *A Grande Tribulação*. Esse é o tempo da purificação dos judeus, ou se, de Israel. A purificação de Israel é a única razão de ainda termos sete anos que pertence a Dispensação da Lei, e que deverá acontecer logo após a saída da Igreja da terra.

• *A Purificação dos Judeus*. Esta purificação, certamente ocorrerá, porém, para que ocorram os judeus deverão reconhecer o Messianato de Jesus Cristo. Na ocasião em que eles reconhecer que o homem que foi crucificado por seus ancestrais, era justamente o Filho de Deus profetizado pelo Antigo Testamento, ai Israel será purificado e livre do sofrimento.

• *O Milênio*. Este é o período reconhecido como a última Dispensação. Sendo a sétima e última Dispensação, após sua conclusão, que terá a duração de mil nos literários, ocorrerá o Juízo Final. Este tempo será o final de todos os tempos.

• *A Grande batalha Final*. A grande batalha, conhecida como: Batalha de Góge e Magoge marcará esta Dispensação como nada antes visto. Uma batalha pessoa de Jesus Cristo contra Satanás (*esta é uma forma alegórica de se referir ao momento final em que Satanás terá alguma ação entre os homens*), aonde o Senhor e Justo Juiz, conduzirá o Diabo para a eternidade no Lago de Fogo e Enxofre.

• *O Grande Trono Branco*. O *Grande* – quer dizer que o julgamento será universal, desde o ocorrido no tempo da

rebelião nos céus por Satanás e seus anjos (*demônios*), e da quede de Adão até o último a pecar no Milênio. Este julgará a todos, seja quem for, passará diante do Trono. O *Trono* – indica que o Senhor está acima de tudo e de todos, com pleno domínio; O *Branco* – está relacionado à Sua Natureza de Santidade e Justiça.

• *A Eternidade*. Este é o tempo em que viverão os salvos e perdidos. Os salvos estarão com o Senhor nos céus de glória; os condenados, por terem rejeitado o sacrifício do Senhor Jesus Cristo, será nas regiões já mencionada cima, ou seja, Lago de Fogo e Enxofre.

Todas às áreas de ensino profético desenvolvido pelo Senhor Jesus, foi justamente para dar aos Seus contemporâneos a possibilidade de uma mudança de comportamento, no afã de se livrarem desta ocasião sem antecedentes e precedentes – Mt 24.22; Ap 310.

A Visão Profética de Jesus Cristo No Evangelho

"*Eis que presto venho: Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro*" – As 22.7.

A visão profética de Jesus está na linha de frente em relação a todos os intérpretes desta parte das Escrituras. Ao iniciar seus ensinamentos proféticos no Evangelho, Jesus faz uma observação bem lógica:

I – Perseguição na Visão Profética.

Estudando os escritos neotestamentário em Mt 10.17-23, Jesus inicia uma fala profética relacionado às perseguições que seus seguidores sofreriam, por causa do Evangelho. Jesus deu alguns pontos a serem observados neste texto:

→ Acautelai-vos dos homens – v.17.

→ Entregarão e açoitarão – v.17.

→ Serieis as minhas testemunhas entre judeus e gentios – v.18.

→ Porque, naquela hora – v.19.

→ Um irmão entregará à morte outro irmão – v.21.

→ Não acabareis de percorrer a cidade de Israel, até que venha o Filho do Homem – v.23.

Esses são pontos que colocarão em fatos os acontecimentos que na sua maioria foram vistos até os anos 70 d.C. Embora, se estendem para o futuro, mas, há pontos que ainda irão acontecer no decorrer dos tempos, até chegar o futuro específico. Os judeus foram muito perseguidos antes da dispersão. Jesus os alertou quanto a isso – Lc 21.12; Jo 15.20; Mt 23.34. Não obstante a esses ensinamentos, os discípulos entenderam que a perseguição faria parte da existência da Igreja – II Tm 3.12. Jesus não escondeu nada de seus ouvintes, antes os alertou sobre tudo isso. Os pontos históricos retratam os seguintes fatos:

1. *Primeira Perseguição – Nero* 54-68 d.C. Quanto a este imperador, já é sabido de sua crueldade. No ano de 64 d.C., este maligno imperador, por um ato de desequilíbrio ou possessão, veio a cometer um crime ao patrimônio imperial, quando ateou fogo na casa imperial romana. Esse incêndio, segundo a história, teve uma duração de seis dias, vindo a destruir uma boa parte da Cidade de Roma. Esta responsabilidade foi atribuída aos cristãos. Desta época para frente, todas às pessoas que respondia pelo título de cristãos, corriam riscos de perderem seus bens, como também suas vidas.

2. *Segunda Perseguição – Domiciano* 81 d.C. O homem em si já é portador de uma natureza má. Alguns sobressaem com destaque a esta natureza. Domiciano é um autentico exemplo disso. Sua crueldade o levou a matar pessoas que pareciam de sua total confiança. Domiciano chegou a ceifar vidas de homens importantes, somente para tomar posse de seus pertences. Responsável por dezenas de mártires, compungido

pela maldade, conduziu o apóstolo João a uma caldeira de azeite fervente – o que não resultou em sua morte. Ninguém andava com segurança em seus dias. Os cristãos muito menos ainda, a não ser que renunciassem a fé.

Os mártires que se destacaram nos dias desse tirano imperador foram:

a) *Dionísio.*

b) *Protásio.*

c) *Quervásio.*

Entre estes e outros, as profecias que Jesus apresentou para seus ouvintes, foram ganhando e ainda ganham espaço na confirmação da verdade. O primeiro século do Cristianismo foi marcado por muitas confirmações de profecias preditas por Jesus, mas nada em dimensão relacionado a disporá – Mt 24.2; Mc 13.2; Lc 21.5.

II – Profecias de Características Escatológicas.

Como entender os eventos ocorrentes na humanidade, sem que antes, nos recorramos às informações proféticas? No Evangelho de Jesus, as profecias devem ser avaliadas, pois estas profecias que diziam respeito a Ele – *Jesus Cristo* - cumpriram-se plenamente na Sua revelação. As profecias que Ele profetizou, cumpriram, cumprem e se cumprirão fidedignamente.

a) *A árvore e seus frutos.*

Esta arvore não é uma referência de Jesus e nem da Igreja. Os textos de: Mt 12.33-37; Lc 6.43-54 estão revelando a condição da Nação de Israel. Uma nação que tem sua arvore genealógica em Abraão, mas que está dividida em várias escalas. A divisão de Nação de Israel se manifesta da seguinte forma:

→ Dividiram a Terra de Canaã – Js 14.5 – 1405 a.C.

→ Dividiram o Sacerdócio – Lv 7.35; Nm 13.26; 16.10 – 1403 a.C.

→ Dividiram o Governo de Teocracia para Monarquia – I Sm 8.6-10 – 1050 a.C.

→ Dividiram a Monarquia – II Cr 11.1, 17; 12.1; I Rs 15.6 – 931 a.C.

→ Dividiram a Nação em: Reino do Norte e Reino do Sul.

→ O Cativeiro dividiu o território pelos exílios: Norte em 722 a.C. e Sul em 605 a 586 a.C.

A profecia em relação a uma "Árvore com divisão de frutos bons e maus" é bem típico da Nação de Israel. Uma Nação que sofreu e ainda sofre várias divisões em sua história.

b) *O Sinal de Jonas* – Mt 12.38-42; Lc 11.29-32.

Embora, Jesus estivesse intercalando com os escribas e fariseus à cerca de sua morte e ressurreição, quando requisitado para uma demonstração de sinais para que viesse autenticar ou reconhecer seu Messianato, Jesus corroborou com eles em relação ao fato ocorrido com Jonas. Eles não entenderam no momento, mas posteriormente, tudo ficou bem esclarecido. Jesus faz uma ponte de informação revelando a dimensão do juízo que viria sobre eles, minimizando o juízo que já está estabelecido para: Nínive, Sodoma e Gomorra. Houve uma nova reivindicação quanto ao sinal, porém Jesus inferiu a mesma resposta, levando em consideração que a questão era a mesma – Mt 16.1-4.

c) *A confissão de Pedro* – Mt 16.13-20; Mc 8.27-30; Lc 9.18-21.

Uma observação não pode deixar de ser feita neste texto, antes de se comentar sobre a revelação da edificação da Igreja. Antes de a Igreja liberar espaço para que Israel seja o Templo de Deus restaurado, deverá haver uma confissão desta Nação em relação ao reconhecimento de Jesus como *Ha-Mashiah*. Após Jesus receber a confissão de Pedro, Ele confirmou Sua natureza Divina – v.18. Isso é uma das condições para Israel ter em si a conformação da revelação do Messias: A confissão.

d) *A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém* – Mt 21.1-10; Mc 1.1-11; Lc 19.28-40; Jo 12.12-15.

É sabido que Deus legou aos homens várias oportunidades de reconciliação. Estas oportunidades são chamadas de: Gr. *oikonomia* – dispensação, na linguagem teológica. Jesus está dentro de uma dispensação que podemos chamá-la de: dispensação de transição de governo. Quando a *Teocracia* foi substituída pela *Monarquia*, Deus foi rejeitado e substituído pelo homem – I Sm 8.7. Neste momento, estamos em uma nova transição de governo, onde o governo da monarquia foi substituído pelo *sacerdócio* e o sacerdócio agora está sendo substituído pela *ekklesiá*. Todavia, uma coisa é fato, mais uma vez eles rejeitaram o Senhor da aliança.

Na visão dos quatro evangelistas os fatos que estão ocorrendo aqui, estão em harmonia com a declaração de Dn 9.24-27. Daniel é informado de uma sequência de tempo dividido em três etapas: 1º – Sete Semanas, 2º – Sessenta e Duas Semanas e 3º – Uma Semana. A primeira etapa se cumpriu a partir de 539 a.C, com o Edito de Ciro, o Imperador da Pérsia. A segunda etapa provavelmente teve seu início após o ministério profética do Malaquias – 426-400 a.C. que ate a morte de Jesus em 33/34 d.C. soma-se os 434 anos. A terceira etapa só acontecerá após o arrebatamento da Igreja que estará ocorrendo no ano de: ???

Esta segunda etapa teve seu encerramento na entrada triunfal de Jesus em Jerusalém – Dn 9.26, pois, após este acontecimento de Mt 21.33-46; Mc 12.1-12; Lc 20.9-19, Jesus estará se preparando para aceitar o Gólgota.

e) *O lamento de Jerusalém* – Mt 23.37-39; Lc 13.34-35.

Jesus descreve a atitude das lideranças religiosas de Jerusalém, como responsáveis pela criminalidade dos profetas que vieram antes dele. "*... quantas vezes quis eu reunir os teus filhos*" v. 37. Deus sempre buscou fazer uma aliança de obediência entre os líderes de Israel, para que esta liderança pudesse conduzir este povo a Sua presença. Todavia, o que se vê realmente, na visão de Jesus, é que Jerusalém deverá esperar por uma ocasião em que Jesus voltará e Se

revelará para ela, para então assim, buscar fazer esta aliança de paz. A frase: "*Bendito o que vem em nome do Senhor*!" v.39. Descreve que Jesus Se manifestará por uma aclamação de Jerusalém. Isso só será visto, na cronologia da Escatologia ou profecias, no final da Grande Tribulação.

Sistematizando as Profecias de Jesus Cristo

Neste ponto em diante, o estudante receberá de forma sistematizada as informações doutrinárias de Jesus quanto às profecias escatológicas. Não será desenvolvida uma escatologia em nível da: "*Doutrina de Escatologia*", mas será desenvolvida uma exposição de cada fala profética de Jesus relacionada a uma exegese profética. As profecias nos livros do Evangelho detêm uma dinâmica que direciona o estudante aos cuidados individuais no sentido de ética e espiritualidade.

A purificação do Templo – Mt 21.12-13; Mc 11.15-17; Lc 19.45-46.

Embora, haja uma interpretação ou informação histórica quanto a esse fato, o que se sabe ou pode-se ensinar, é que Jesus precisou agir de forma áspera em relação aos que agiam inadequadamente no Templo, gerando com isso uma espécie de profanação. Profanar o Templo é um requisito de intolerância pelo Senhor e pelos sacerdotes zelosos. Os que faziam essa profanação acontecer, certamente, era homens que já não havia mais em seus corações, qualquer tipo de temor pela Lei do Senhor e por Sua santidade.

A purificação do Templo se deu em uma ocasião de grande movimentação em torno da Cidade de Jerusalém – *A Páscoa*. Havia uma festa e com esse evento, os homens traziam suas mesas de negociação para dentro dos átrios do Templo, realizando a venda de animais e a troca de moedas. Segundo o que é conhecido, os judeus deveriam contribuir com uma cota de meio ciclo de prata, sendo essa a quantia exata do imposto do templo.

A expectativa de muitos dos sacerdotes que já havia se tornado rico era enriquecer ainda mais. Para isso, negócios impróprios eram produzidos e o repugnar de Jesus tinha sua inteira razão e verdade. Há um confronto de ética religiosa entre os conceitos de Jesus e os sacerdotes que administravam às vidas da sociedade judaica.

É interessante que Jesus não só colocou para fora do templo os que vendiam como também os que compravam. Com isso, Jesus ensina quanto da irregularidade de se fazer – *vender* – e de tornar-se conivente – *comprar*. É lamentável que ainda hoje, em muitos lugares, esta prática ainda está em voga nos templos dedicados a cultos e adoração ao Senhor.

Mais uma observação no texto em destaque é que, Jesus não está direcionando esta ação a Igreja. Não! A Igreja ainda não existia – Mt 16.18. A Igreja só veio a existir literalmente a partir de Atos 2. Destarte que, para que houvesse purificação no Templo, necessário se fazia que Jesus utilizasse de uma breve severidade. Para muitos, isso pode até não ser algo compreensível, mas para aqueles que entenderam, Jesus estava corretamente certo, e a aceitação foi plena.

O elemento do juízo de Cristo: Uma *phragellion*, ou seja, um azorrague. Um chicote de utilização dos que trabalham nos cocheiros, realizando a organização de animais. Jesus utilizou deste mesmo instrumento. Eles já sabiam que este instrumento tinha uma ação que causava dores profundas na carne. Como instruções, podemos entender que Jesus estava dizendo que, na casa de Deus a purificação causa dores, mas é de grande necessidade.

A Destruição do Templo – Mt 24.1-2; Mc 13.1-2; Lc 21.5-6.

"*E, respondendo Jesus, disse-lhe: Vês estes grandes edifícios? Não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada*" – Mc 13.2.

Não há como negar que o Reino do Sul – Judá foi avisada em várias circunstâncias, quanto a eventos que ocorreriam relacionados à desobediência, rejeição ao Filho de Deus, e a

corrupção impregnada no corpo sacerdotal. Jesus foi uma voz que, além dos outros profetas, buscou conduzir este rebanho a caminhos justos.

Segundo os historiadores, aproximadamente no ano 66 d.C., após muitos movimentos, ameaças e ataques contra o Império Romano, movimento este motivado pelos Zelotes, houve uma reação vinda das forças militares romana, conduzidas pelo General Tito. Esta reação veio resultar na tão conhecida "*Diáspora*" que ocorreu no ano 70 d.C.

"*Tito Flávio Vespasiano Augusto (em latim* Titus Flavius Vespasianus Augustus) (*Roma, 30 de dezembro* de *39 — Aquae Cutiliae, Sabina, 13 de setembro* de *81) foi imperador romano* entre os anos de 79 e 81. Foi o filho mais velho e sucessor de *Vespasiano. Antes de ser proclamado imperador, alcançou renome como comandante militar ao servir sob as ordens do seu pai na Judeia, durante o conflito conhecido como a primeira guerra judaico-romana* (*67 — 70). Esta campanha sofreu uma breve pausa após a morte do imperador Nero* (*9 de junho* de *68), quando Vespasiano foi proclamado imperador pelas suas tropas (21 de dezembro* de *69). Neste ponto, Vespasiano iniciou a sua participação no conflito civil que assolou o império durante o ano da sua nomeação como imperador, conhecido como o ano dos quatro imperadores. Após essa nomeação, recaiu sobre Tito a responsabilidade de acabar com os judeus sediciosos, tarefa realizada satisfatoriamente após sitiar e destruir Jerusalém* (*70), cujo templo* foi demolido no incêndio. A sua vitória foi recompensada com um *triunfo* e comemorada com a construção do *Arco de Tito. Seu pai o associou, a partir de 71, ao poder tribunício*".[14]

Os judeus viveram errantes em terras estranhas, não podendo até hoje fazer realizar os sacrifícios de holocaustos, por ocasião de não terem o Templo. Jerusalém foi sitiada e o templo destruído. O Senhor Jesus os preveniu quanto a isso, mas às palavras proféticas de Jesus, assim como de todos os outros profetas, foram ignoradas até os dias de hoje.

14 Esta informação foi adquirida pela Wikipédia, sob a título de: Tito (Imperador).

O Princípio das Dores – Mt 24.3-14; Mc 13.3-13; Lc 21.7-19.

"*Mas todas estas coisas são o princípio de dores*" - Mt 24.8.

Nas profecias de Jesus, muitos seriam os acontecimentos que resultariam na restauração de Israel. É lamentável que ainda muitos teólogos consigam canalizar às profecias de Jesus para Israel, com eventos relacionados à Igreja que é algo totalmente distinto. Jesus não ministrou eventos como: "*Tribulação*", "*Princípio de Dores*", "*Grande Tribulação*", associando-os à Sua Igreja. Para a Igreja do Senhor, os eventos que devem ser vistos como confirmação profética para arrebatamento, são muito distintos até das fontes literárias. Os eventos relacionados ao arrebatamento estão em Atos e nas Epístolas.

Ao anunciar que esses conflitos futuros, deveriam ser como causadores de "*dores*", Jesus disse que eram somente "*princípios*". Isso significa que, haverá algo ainda em nível ou proporção muito maior. Porém, vejamos os elementos que serão a marca desse "*princípio de dores*":

→ Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada.

→ Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos.

→ E ouvireis de guerras e de rumores de guerras;

→ Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares.

O que estará para vir sobre o povo que rejeitou a graça do Messias, não se compara com nada antes registrado na história da humanidade – Mt 24.22. O tempo que antecede a Grande Tribulação foi evidenciado por Jesus, no afã de que, pela revelação pudesse ocorrer um arrependimento nacional. Todavia, não é bem isso que os evangelistas registram. A rejeição do Cristo é que fora de ordem nacional.

Nesta condição eles declararam:

• Preferem a crucificação de Jesus ao invés de Barrabás.

• Eles alijaram suas consciências em relação a Jesus.

• Revogaram para si às consequências deste alijo.

• Aplicaram a sentença máxima no Filho de Deus.

Os efeitos posteriores à "*Diáspora*" levaram muitos desastres construírem os dias dos judeus até que eles fossem em 1948 repatriados. Alguns ainda serão revelados e que poderão causar danos irreparáveis a este povo. Mas, o pior de todos os males que veio sobre eles, ainda é a destruição do Templo. Hoje, os judeus anseiam pela reconstrução do Templo, pois eles desejam sacrificar ao Senhor. E, o sacrifício não pode ser oferecido fora do Altar; e o Altar não pode ser construído sem a presença do Templo. Tendo o Templo, teremos o Altar. Tendo o Altar, teremos o sacrifício; tendo o sacrifício, teremos o perdão dos pecados, em conformidade com os critérios da Lei de Deus.

Após o Arrebatamento da Igreja

Serão estes alguns dos elementos que ocorrerão após o arrebatamento da Igreja:

→ Então vos hão de entregar para serdes atormentados,

→ E matar-vos-ão;

→ E sereis odiados de todas às nações por causa do meu nome.

→ Nesse tempo muitos serão escandalizados,

→ E trair-se-ão uns aos outros,

→ E uns aos outros se odiarão.

→ Surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos.

→ E, por se multiplicar a iniqüidade, o amor de muitos esfriará.

→ Mas aquele que perseverar até ao fim, esse será salvo.

→ E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas às nações, e então virá o fim.

Cada um desses itens citado a cima, tem uma forma de ser visto e avaliado. Todavia, o que mais deveria ser preocupante é o tempo em que esses itens serão presenciados em alto-relevo. Haverá uma grande probabilidade de partes de alguns desses eventos ocorrerem antes do arrebatamento. Mas, na sua maioria, ocorrerá após o arrebatamento.

E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará. Este é o ponto que deveria ser visto como o mais comprometedor. Embora, todos os eventos têm suas importâncias, a minimização do amor é o que mais compromete os fenômenos antes do arrebatamento. A iniquidade, embora não seja em si o pecado, mas, sim, a natureza do pecado. A fala de Jesus, quanto da multiplicação desta natureza – Mt 24.12, indica que haverá o fortalecimento ou domínio do pecado sobre o homem. Aquele que antes matava por uma questão de necessidade, autodefesa, militarismo, agora mata por prazer. Fortaleceu a natureza do pecado de matar. O amor perdeu sua fortaleza.

Sintetizando os eventos pós-arrebatamento da Igreja

• *Então vos hão de entregar para serdes atormentados*. Uma questão de religiosidade poderia até ser tolerada após o arrebatamento da Igreja. Porém, uma afronta às autoridades políticas poderá acarretar em castigos ainda não presenciados.

• *E matar-vos-ão*. A morte no período após o arrebatamento da Igreja, por uma questão de rejeição ao sistema de governo que dominará na ocasião o mundo, poderá resultar na vida eterna do que fora alvo deste homicídio. Morrer por rejeição ao governo desta época é algo que deveria ser mais que desejável.

• *E sereis odiados de todas às nações por causa do meu nome*. Se já temos provas o suficiente de que o amor esfriaria antes do arrebatamento da Igreja, após este arrebatamento a flama do

amor será ainda mais minimizada. O ódio dominará o coração do homem numa proporção descomunal.

• *Nesse tempo muitos serão escandalizados*. Do Gr. *skandalizo*, quer dizer: conviver com pessoas que desejam a todo vapor colocar obstáculos para prejudicar o próximo. Gerar ofensas contínuas ou produzir sedução ao pecado. Outros elementos estão inseridos nesta expressão. O que colocará em estágio bem maior após o arrebatamento da Igreja.

• *E trair-se-ão uns aos outros*. Nesse texto a palavra "*trair*" do Gr. "*paradidomi*" significa: "*fazer uma denúncia*" para vários propósitos. Seja no que diz respeito a uma denúncia favorável ou desfavorável.

• *E uns aos outros se odiarão*. A expressão: "*odiar*" do Gr. "*miseo*", desenvolve um entendimento de alguém que persegue outro com muito ódio. Alguém que detesta outrem. A perseguição de que Jesus se refere aqui, está na qualidade de um predador que busca sua presa para dilacerá-la.

• *Surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos*. O termo: "*Pseudoprophetes*" revela que alguém em nome do sagrado, transfere a mentira para os que lhes ouvem. Às profecias foram, são e será uma bússola para os que trafegam nas regiões espirituais. Desta forma, o que se espera de um profeta é que sua profecia possa direcionar o viajante a caminhos seguros. Se esta profecia for falsa, consequentemente o destino de quem é guiado por ela será a perdição. Israel e a Igreja estão passivas de sofrer perdas irrecuperáveis por consequência destas falsas profecias.

• *E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará*. O foco em destaque aqui está na terminologia "*iniquidade*" do grego "*anomia*". Esta é uma qualidade que se revela na natureza do transgressor. Não é somente o ato praticado da desobediência a Lei de Deus, mas no prazer natural de fazê-lo. Isso significa que esta natureza pode ser desenvolvida levando o pecado manifestar-se em uma dimensão não ainda vista.

Haverá um tempo em que o pecado não terá limites.

• *Mas aquele que perseverar até ao fim, esse será salvo*. Em especial podemos denotar aqui em destaque o termo: "*perseverar*" do grego "*hupomeno*". Aqui, há uma exortação para quem deseja fugir dos conflitos que resultarão na confirmação de uma sequência de profecias. A permanência dos perseguidos lhes garantirá o direito da salvação. Destarte que, esta salvação não será na mesma dimensão da graça, mas, sim na decisão do próprio individuo de renunciar sua própria vida, na esperança de ganhar à vida eterna com Deus.

• *E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim*. É notável aqui fazer destacar a frase: "evangelho do reino". A frase vista pelo idioma grego "*Euaggelion ton Basiléia*" transfere uma idéia do que realmente isso significa: Uma boa notícia que deverá ser anunciada com muito poder e autoridade. Esta notícia está relacionada a um Reino que não será removido de seu legítimo governo- Jesus Cristo O Rei dos reis.

A Grande Tribulação – Mt 24.15-28; Mc 13.14-23; Lc 21.20-23.

A visão de Jesus relacionada à este tempo de angústia e sofrimento, não foi bem compreendida pelos seus ouvintes ou posteriormente pelos leitores dos escritos neotestamentários. Ainda hoje existem os que buscam desenvolver este entendimento de forma diferenciada, utilizando-se para isso das linhas de interpretação que existem. Entre essas linhas de interpretações proféticas estão:

• *Os Tribulacionistas*. Esses são os que defendem que não haverá a grande tribulação. Pode haver algo relacionado a uma grande perseguição, mas nada relacionado na dimensão daquilo que se fala sobre um tempo conhecido como: Grande Tribulação.

• *Os Atribulacionistas*. Esses defendem que haverá um tempo de Grande Tribulação após o milênio. Eles acreditam que a

Igreja será arrebatada nesta ocasião, sendo assim, ocorrido à soltura de Satanás e os conflitos precedentes disso.

• *Os Meso-Tribulacionistas*. Esse grupo de interpretes faz sua defesa acreditando que a Igreja será arrebatada no meio da Grande Tribulação.

• *Os Pré-Tribulacionistas*. Os intérpretes da Bíblia que utilizam dessa linha de interpretação defendem que a Igreja será primeiramente arrebatada, para que posterior a isto inicie a Grande Tribulação.

• *Os Pós-Tribulacionistas*. Já esses têm uma visão um tanto quanto complexa, pois eles defendem que a Igreja vivenciará seu arrebatamento somente quando Cristo vier pela segunda vez para Israel. O que ocorrerá no final da Grande Tribulação.

Jesus deu ensinamentos proféticos para seus ouvintes, preparando-os para um tempo que na verdade está na classe dos acontecimentos singulares. A Grande Tribulação é um evento que desenvolvemos melhor suas sistemáticas na matéria de Escatologia. O aluno terá uma visão bem mais acentuada quando estiver estudando esta disciplina.

A Vinda do Filho do Homem – Mt 24.29-31; Mc 13.24-27; Lc 21.25-28.

Já estudamos e ensinamos quanto a este evento registrado em Atos dos Apóstolos: "Os quais lhes disseram: *Homens Galileus, por que estais olhando para o céu"? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir* – At 1.11. Jesus tem dois eventos que confirmará suas promessas:

a. *Primeiro evento de Sua vinda*. Esta primeira vinda será exclusivamente para a Igreja, visto que Ele virá buscar seu povo para os céus. Esse evento se dará em um tempo indefinido – Mt 24.50. Não à como prover o tempo do arrebatamento da Igreja Mt 24.36. Por mais que muitos já tentaram dar um tempo para esse evento, nunca alguém foi bem sucedido nessas previsões. Todavia, de uma coisa podemos estar certos: Sua vinda é fator iminente e por esta

razão, não temos como acreditar que não acontecerá nem podemos acreditar em qualquer tipo de profecias I Ts 4.13-17.

b. *Segundo Sua volta*. Esta é exclusiva para Israel. Porque Ele irá voltar? Por que um dia Ele veio e foi rejeitado. Quando os israelitas O reconhecer como o Messias, então Ele voltará, pois este reconhecimento levará a nação de Israel a clamar pelo Jesus que seus antepassados crucificaram – Zc 13.7. Os israelitas serão purificados todos em um só dia – Zc 13.1-2. O Senhor irá governar sobre esta nação – Zc 14.9. Neste momento, os judeus serão uma nação santificada para o Senhor.

O Grande Julgamento – Mt 25.31-46.

Este é um ponto dos ensinamentos de Jesus em relação às coisas futuras quer deveria ser também observado pelos cristãos. Jesus não colocou qualquer expectativa diante dos olhos de seus ouvintes, que pudesse dar a eles uma idéia irreal dos acontecimentos futuros. Jesus não diz que vai mudar o futuro, mas dá uma grande oportunidade de homens mudarem suas vidas, para não serem condenados naquele dia.

Vamos olhar para esse ponto do ensino de Jesus dividindo os personagens:

→ *Quando vier o Filho do homem na Sua majestade* – v.31. Em uma ocasião Jesus veio nascido de mulher – Gn 3.15; Mt 1.18, e entrou no seio da humanidade como homem, em estado de humildade e sem qualquer título de glória e honra. Mas, em Sua volta para os Judeus, Ele virá sobressaindo em toda Sua Glória e Majestade.

→ *Todos os anjos com Ele* – v.31. Esta é uma ocasião – Lc 2.13-14, que uma multidão de anjos anuncia o nascimento de Jesus; esta foi Sua primeira vinda para os judeus. Em Sua segunda vinda para os judeus, os anjos virão O acompanhando envolvidos em glória. Será uma visão incrível! Nada igual já foi visto desde que Deus criou o homem.

→ *Todas as nações se reunirão*. Uma prévia de como ocorrerá o Grande Juízo, no final dos tempos. Este será o momento em que determinará os efeitos da desobediência. Os homens receberão o que lhes será devido à suas obras – Sl 9.17; Ap 22.12.

→ *Ele separará uns dos outros* – v. 32. Na verdade o que acontecerá aqui, não podemos dizer que está plenamente relacionado aos santos e aos ímpios, no que diz respeito ao Juízo Final, pois os santos – *A Igreja* – não estarão nesta condição quando do Juízo Final. Mas, podemos deduzir que será a forma que ocorrerá em relação ao: "*Arrebatamento*" e o "*Juízo Final*". Primeiro o arrebatamento e logo após o juízo final – Dn 12.2. Ou, podemos entender que o texto esteja falando dos que irão nascer no período do milênio, e que na ocasião da soltura de Satanás, ele enganará muitos dos que não tiveram contato com ele. Esses podem ser os que a Bíblia chama-os de "bodes" separados das "ovelhas".

• *Primeiro grupo – as ovelhas*. Esse primeiro grupo, como já foi falado aqui, está representando literalmente os salvos pelo Senhor. Esse será recompensado pelas suas obras – Ap 22.12. O Senhor os porá em uma posição um tanto quanto interessante. Isso porque ao ser assunto aos céus, Jesus assentou a Direita do Pai. Podemos definir com isso que, os santos que forem vistos como vitoriosos, terão a honra de assentar à Sua direita nos céus. Como pode estar se referindo aos que nascerão na ocasião do milênio.

• *Segundo grupo – os cabritos*. Aos que forem confirmadas sua condenação, eles serão conduzidos no seu tempo determinado, para o julgamento e condenação eterna – Hb 9.27. Muitos que irão comparecer diante do Grande Trono Branco, não serão necessariamente os que seguirão a segunda ressurreição; haverá os que estarão vivos, pois nem todos irão morrer na Grande Tribulação, sem contar com os que irão nascer no milênio. Esses passarão por uma eternidade sem antecedentes e precedentes – Mt 13:42, 50; Lc 13.28. O sofrimento será sem ordem nem limites.

Posição dos que serão separados:

→ *A Sua direita as ovelhas* – v.33. Esta pode estar se referindo a condição dos vitoriosos do Senhor. Estar ao lado direito é estar na qualidade de pessoas honradas.

→ *A Sua esquerda os cabritos* – v.33. Esses podem estar se relacionando aos que serão condenados e sentenciados ao Lago de Fogo e Enxofre – Ap 20.14.

a. *Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita*: Vinde, benditos de meu Pai! – v.34. Mais uma vez estamos diante dos que, incansavelmente entregaram suas vidas para fazerem a vontade do Senhor. Pelos ensinamentos de Jesus, passamos a conhecer os valores que existem no sofrimento dos santos e às recompensas que estão sendo conservadas para aquele dia. Paulo um dia ouviu esta palavra: "*pois eu lhe mostrarei quanto lhe cumpre padecer pelo meu nome*" – At 9.16. O Evangelho quando anunciado e obedecido em sua integra, tem toda possibilidade de realizar os valores que o Senhor deseja encontrar em nós – Ap 3.8.

b. *Causas da entrada para tomar posse de uma herança* – vs.35-36. Os elementos que foram relacionados por Jesus em seus discursos, provam que às obras não salvam, mas que colaboram para a recompensa dos fiéis. Daí, muitos perguntarem: As obras que Jesus está falando é pregar e evangelizar? Nem sempre! Seria a resposta correta. Em Mt 5.1-8.1, Jesus está dando instruções aos homens, mas não ficou somente nisso, Ele alimentou a multidão – Mt 14.16; Lc 9.13. As recompensas pelo trabalho no Reino de Deus têm suas promessas – Mt 10.42; Ap 22.12.

O Evangelho e a Igreja

Por mais que muitos ainda insistam em afirmar que os ensinamentos de Jesus foram para a Igreja, a Bíblia é bem enfática em declarar que as coisas não foram bem assim. Vejamos:

* E ele, respondendo, disse: Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel - Mt 15.24. A Presciência de Deus

já O fazia saber que o Filho seria severamente rejeitado pelos judeus e abraçado pelos gentios. Desta forma, a oportunidade de Deus para Israel foi exclusiva. A Igreja que veio a existir fisicamente em At 2, veio conhecer este Jesus Maravilhoso e anunciá-lo entre os gentios. Desta forma, a mensagem de Jesus é para os judeus e não para a Igreja. Para a Igreja, o Espírito Santo inspirou homens a escreverem às Epístolas e Cartas.

* Porque o Filho do homem veio salvar o que se tinha perdido - Mt 18.11. O que se havia perdido? Lembre-se: Israel foi liberto da escravidão egípcia. Eles necessitavam de uma direção que os conduzissem para o cumprimento da promessa de Deus a Abraão – Gn 12.1-3. Todavia, o Senhor os colocou em uma direção segura, mas, eles, não deram ouvidos à voz do Senhor e se perderam. O Senhor Jesus veio, justamente para isso, para colocar este povo novamente no caminho da promessa. E, Jesus disse: Eu Sou O Caminho – Jo 14.6. Somente aceitando este Caminho, eles poderiam ter vivido o que de fato foi estabelecido pelo Senhor para eles.

* À perdida buscarei, e à desgarrada tornarei a trazer, e à quebrada ligarei, e à enferma fortalecerei; mas a gorda e a forte destruirei; apascentá-las-ei com juízo - Ez 34.16. O lamentável resumo de como os judeus se encontrava. Duas divisões têm aqui:

Primeira Divisão – Os periféricos

* *Os Judeus estavam perdidos* – Isso significa: a) Perdidos em seus pecados; b) Perdidos em suas promessas; d) Perdidos em seus pensamentos. Os judeus estavam andando como cegos sem terem um guia.

* *Os Judeus estavam desgarrados* – Isso significa que eles estavam espalhados e sem ter quem os ajuntassem. Jesus veio, justamente para isso, para arrebanhá-los.

* *Os Judeus estavam quebrados* – Estar quebra, tem o significado dos processos vividos pelo passado. Os 6.1-3 – faz uma declaração: "*Ele nos ferirá e nos sarará*". Os judeus perderam uma grande oportunidade de serem restaurados por Jesus.

* *Os Judeus estavam enfermos* – A maior de todas as enfermidades era dominante entre os judeus: Prática de pecados. O pecado estava comprometendo dia-a-dia a saúde espiritual dos Judeus. Eles precisavam de alguém que lhes sarassem todas as feridas.

Segunda Divisão – Excepcional

a. *Havia Judeus Gordos* – Orgulhosos e prepotentes; gananciosos e arrogantes. Muitos dos judeus que formavam a nata da sociedade estavam vivendo o extremismo da arrogância. Jesus já os havia advertido que os orgulhosos seriam abatidos.

b. *Havia Judeus fortes* – Esses são os ricos e detentores de altas patentes de autoridade. Eles eram os que determinavam os critérios da lei que arregimentava o governo da sociedade. Esta força, ou seja, este poder e governos, para Jesus não fazia qualquer tipo de diferença. Pois o verdadeiro Governo – Deus e a verdadeira Força – Jeová-Tsabaoth, será revelado no devido tempo, e eles conhecerão o que realmente Deus avalia sobre suas ações.

Esses textos devem declarar a intenção e objetivo do Messias em humanizar-se para vir resgatar o homem. Embora João 3.16, declara uma generalização quanto à humanidade. O termo mundo em 3.16 de João define:

A palavra: *kosmos* significa:

1) Uma organização ou constituição apta e harmoniosa, ordem, governo.

2) Ornamento, decoração, adorno, i.e., o arranjo das estrelas, 'as hostes celestiais' como o ornamento dos céus. I Pd 3.3.

3) Mundo, universo.

4) O círculo da terra, a terra.

5) Os habitantes da terra, homens, a família humana.

6) A multidão incrédula; a massa inteira de homens alienados de Deus, e por isso hostil a causa de Cristo.

7) Afazeres mundanos, conjunto das coisas terrenas.

8) Totalidade dos bens terrestres, dotes, riquezas, vantagens, prazeres, etc, que apesar de vazios, frágeis e passageiros, provocam desejos, desencaminham de Deus e são obstáculos para a causa de Cristo.

9) Qualquer conjunto ou coleção geral de particulares de qualquer tipo.

10) Os gentios em contraste com os judeus (Rm 11.12 etc).

11) Dos crentes unicamente, Jo 1.29; 3.16; 3.17; 6.33; 12.47; 1Co 4.9; 2Co 5.19.

Essa é a visão gramatical de "*mundo*" no texto em grego. Todavia, não creio que era na intenção de Jesus ao pronunciar, pois Ele veio para os judeus. Todavia, os valores dos ensinos do Mestre têm o poder de alcançar os tempos na sua forma indeterminada – Mt 24.35; Mc 13.31; Lc 21.33.

A Igreja edificada por Jesus – Mt 16.18, tem seu tempo determinado para cumprir sua missão – At 1.8. Depois de concluída sua missão, ela será levada aos céus, onde passará a eternidade com Deus – Jo 14.3. As profecias de Jesus tendem a colocar a mente do homem para raciocinar quanto das verdades proféticas que ocorrerão. Nada mais notável que isso! Porém, os valores proféticos no que diz respeito às profecias de Jesus, devem ser separados entre o tempo de Israel e o tempo da Igreja.

Estudar os ensinamentos de Jesus, sendo orientado pelas Suas profecias, é o mesmo que está sendo informado do futuro, estando-nos no imenso presente. Tudo isso ocorrerá na forma como Jesus já informou. Resta-nos tão somente compreendermos a seriedade

deste futuro, nos preparando para não sofrermos na desvantagem esses eventos que aniquilará com os homens.

Se a ordem do Senhor Jesus Cristo registrada em: Mt 28.19; Mc 16.15-17 forem cumpridas na integra, então o homem poderá se salvar deste tempo sem antecedentes ou precedentes. Esperando encontrar com Jesus nos ares – I Ts 4.13-17.

Compreendendo Outros Ensinos de Jesus Cristo

Já falamos de vários assuntos quanto aos ensinamentos de Jesus contido em Seu Evangelho. Aqui os assuntos serão diversos. No ministério de Jesus muitos foram os ensinos que Ele comunicou aos seus ouvintes. Fossem eles simpáticos ou antipáticos. Jesus sempre teve uma resposta, para qualquer tipo de interrogação. É viável lembrar que, até hoje, muitas dúvidas ainda pairam sobre a mente de uma grande multidão de leitores e estudiosos das Sagradas Escrituras.

É fundamental de que venhamos esclarecer alguns assuntos nesta lição, utilizando para isso de fontes próprias do idioma neotestamentário, ou seja, o grego. Esses assuntos são os que mais têm gerado dúvidas e controvérsias. Sendo assim, nossa maior intenção é dar ao estudante os valores que poderão ser agregados neste espaça da matéria.

Nesta lição estudaremos assuntos como:

a) A genealogia de Jesus

b) A tentação de Jesus

c) Dízimos

d) Divórcio

e) Batismo

f) Ceia

g) Ofertas

h) Amor ao dinheiro

i) Juramentos

j) Perdão

k) Apresentação de criança

l) Batismo com Espírito Santo

m) Batismo com fogo

n) Acerca do Joio e do trigo

o) Acerca de suicídio

A genealogia de Jesus

Em uma ocasião muito importante de minha história, quando minha vida foi alcançada pelo Evangelho do Senhor Jesus Cristo, passei a ter o excelente desejo de ler às Escrituras. A recomendação que me deram foi para que eu iniciasse a leitura pelo Novo Testamento. Sem qualquer forma de questionar, iniciei lendo o livro de Mateus. Todo o desejo que eu estava carregando em meu coração em ler às Escrituras foi minimizando ao ponto de eu desejar não mais ler a Bíblia. E sabe por quê? Por que fiquei indignado quando fui ler às genealogias de Jesus.

Ler genealogias nas Escrituras para muitos é de fato uma tortura, e "*Abraão gerou a Isaac, Isaac gerou a Jacó, Jacó gerou a Judá e Judá...*", esse desafio é tão importante para o leitor, quanto qualquer outro texto das Escrituras. Nós descobrimos o significado de muitos acontecimentos na história da Bíblia, justamente quando valorizamos as genealogias.

Porque só em Mateus e Lucas?

Se levarmos em consideração os valores simbológicos das apresentações de Jesus nos livros do Evangelho, veremos que:

Para Mateus Jesus deveria ser o Rei de Israel. Em especial podemos afirmar que não era somente Mateus quem desejava isso, mas, sim, os judeus. Mateus informou certos detalhes, levando em consideração

que ele também é judeu e sendo assim ele aguardava ansiosamente pelo Messias. Destarte que, na condição de Messias, Jesus poderia libertar Israel de todos os encargos pesados que houvesse sobre o povo. Encargos esses vindo do Império Romano, do Governo Herodiano e do Poder Sacerdotal. Jesus seria declarado como: Rei dos reis. Todavia, para Ele ser recebido como "*rei dos judeus*", Ele deveria provar sua origem vinda da descendência de Davi.

Para Lucas Jesus se revela como o Filho do Homem. Na intenção de Se apresentar como O Filho do Homem, Jesus deveria nutrir um relacionamento de igualdade com todas às pessoas. Esse foi o caminho que possibilitou que pessoas pudesse ter a revelação do Pai pelo Filho. Destarte que, além de Jesus ser teologicamente reconhecido como Deus, os homens precisavam vê-Lo como homem, para que este pudesse representá-lo dia do Juiz de toda a terra. Sua humanidade dava-Lhe o direito de ser o herdeiro do trono de Davi.

Pelas informações encontradas nas genealogias é que recebemos esses entendimentos. Nada nesse nível seria possível, se não fosse pelas genealogias. No afã de ensinar essas verdades é que Mateus e Lucas foram inspirados em escrever a genealogia de Jesus Cristo.

A Tentação de Jesus no Deserto

Tiago em certa ocasião disse o seguinte:

> *"Ninguém, sendo tentado, diga: De Deus sou tentado; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta". Tg 1.13.*

Se esta é uma palavra verdadeira, nos resta buscar compreender o que realmente Mateus quis declarar com as seguintes palavras: "*Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo*" – Mt 4.1. De acordo com o dicionário da língua portuguesa, a palavra "*Para*"[15] usa-se para exprimir finalidade ou propósito.

15 "*para*", Cf. DICIONÁRIO Bíblico. *Um guia de estudos e entendimento do Livro dos*

Sendo assim, já passamos a compreender esta tentação como algo um pouco diferente. O texto de Mt 4.1, nos fala da tentação de Jesus no deserto pelo Diabo. Mas Jesus não foi levado pelo Espírito ao deserto *para* ser tentado pelo diabo, pois nem Ele e nem o Espírito Santo, iriam colaborar com o inimigo neste triste evento e nas circunstâncias em que se encontrava com fome. A oração "*para ser tentado pelo diabo*", na Língua Grega em que foi escrito este texto, trata-se de uma oração reduzida de infinito subordinada adverbial consecutiva.

O tempo grego "*Peirasthenai*" exprime uma *consequência* ou *resultado* e não uma idéia final, como se acha traduzida. Portanto, a tradução deve ser esta: "*A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto de modo que foi tentado pelo Diabo*". Numa tradução livre a idéia é: e como consequência Ele foi tentado pelo diabo, exprimindo assim uma consequência ou resultado consequencial e não proposital. Veja como é importante a sintaxe na exegese de um texto. Espero que os alunos do Curso de Teologia se interessem mais no que diz respeito ao aprendizado da Língua Portuguesa e Grega para que não venham ensinar e pregar algo que Jesus Cristo e seus discípulos não ensinaram.

Assim, entendemos que Deus não pode ser tentado. Embora Jesus estivesse na qualidade de homem, mas havia em sua natureza um Ser plenamente Divino. E esse Ser divino deve ser plenamente reverenciado pelos homens – Rm 14.11; Fp 2.10; Ef 3.14.

Os Valores do Dízimo

Embora, para muitos o dízimo não seja uma ordenança neotestamentária, para outros este é um ato sob uma orientação imperativa. Dizimar é uma das maiores e melhores benção presentes na vida de todos os homens. Todos conhecem o valor estabelecido para o dizimo: Uma décima parte ou dez por cento. Estes valores foram vistos como ordenança imperativa, desde os séculos XXI a.C.

---

livros. São Paulo: DCL, 2010.

Os elementos que eram disponibilizados para o dizimo, podemos ver como variável ou diversificável.

Histórico Cultural de Dízimos.

Quando estudamos as Escrituras, nos tornamos detentores de grandes e preciosas informações. A Bíblia é completa em todos os sentidos. Neste ponto, estaremos destacando uma análise histórica da prática de dizimar. Levando em consideração que o dizimo sempre esteve associado ao sacerdócio, ao culto e a adoração ao Senhor. Seja ele, anterior ou posterior ao sacerdócio levítico. Embora, esse não seja a primeira linha ou ordem sacerdotal. O sacerdócio de primeira linha ou ordem vem de Melquisedeque.

Entre esses podemos citar:

a. Gn 14.20 – Abraão deu o dizimo de tudo devido o Senhor ter entregado em suas mãos seus inimigos. Esta ação de Abraão pode ser vista e aceita como um ato de adoração e gratidão ao Senhor. O ato de dizimar não pode ter outra intenção ou motivação.

b. Gn 28.22 – Jacó retornou para sua terra com muita riqueza, pois antes havia feito uma aliança com o Deus de Abraão e Isaac. Nesta aliança de Jacó com o Senhor, ele agregou a fidelidade em dizimar de tudo que o Senhor lhe colocar nas mãos, como valores. Ele entendeu que tudo vem de Deus e que tudo pertence a Ele. Sendo assim, o dízimo não é um ato de doação, e sim, de devolução.

c. Lv 27.32 – Nesta passagem o Senhor declara que tudo o que for dizimado, deverá passar pelo processo da santificação. Ou seja, não devemos dizimar de nada que seja impuro.

d. Nm 18.26 – Os dízimos deverão abençoar os ministros da Casa do Senhor e esses ministros devem representar a ordem imperativa do Senhor dando também seus dízimos como exemplo para os fiéis.

e. Dt 12.17 – Os dízimos, segundo esse ensinamento de Moisés, não deverão ser administrados pessoalmente pelos dizimistas. Os dizimistas não têm qualquer tipo de abono vindo do Senhor, que lhes assegurem ser abençoados pelos dízimos que particularmente administram.

f. Mt 23.23; Lc 11.42; 18,12 – Jesus deu uma palavra de orientação às autoridades de seu povo, para que eles, de forma consciente, venham realizar os cuidados dizimais e os cuidados espirituais, morais e sociais entre os judeus. Não é porque dou o dizimo que posso fazer o que bem desejar com as pessoas.

g. Hb 7.2,4 – Estamos diante de um testemunho e uma orientação. O testemunho está relacionado ao patriarca Abraão; a orientação está relacionada à qualidade do que foi dizimado: "pagou o dizimo tirado dos melhores despojos" v.4. Não devemos dizimar qualquer coisa. Não importa ser somente dez por cento, é preciso ter qualidades.

Deus está disposto a abençoar o homem, todavia, os que são dizimistas são possuidores de maior probabilidade em gozarem com mais autenticidade para essas bênçãos. Alguns personagens das Escrituras foram extremamente abençoados pela adoração dizimal. Assim, os ensinamentos de Jesus quanto à adoração dizimal, precisa e deve ser levado em efeito como uma doutrina de nível moral para a boa formação do corpo orgânico de Cristo, que é a Igreja.

Explicando Sobre o Divórcio

Nenhum assunto das Escrituras tem tanta repercussão como é o caso do divórcio. Esse assunto tem deixado muitas pessoas constrangidas e inseguras em relação a suas vidas espirituais. Tanto o Antigo, como o Novo Testamento se harmonizam quanto a este assunto. Então o que estamos precisando é compreender fatores da nossa atualidade, que foram conceitos e doutrinas ensinadas pelas respectivas lideranças da Igreja. Vamos olhar para o significado de divórcio na visão veterotestamentária:

> *Porque o Senhor, o Deus de Israel diz que odeia o repúdio, e aquele que encobre a violência com a sua roupa, diz o Senhor dos Exércitos; portanto guardai-vos em vosso espírito, e não sejais desleais*. Ml 2.16.

Perceba que, em poucas Bíblias o estudante irá ler a palavra "Divórcio" como neste texto. Esse texto tem sido o texto áureo para que muitos problemas surjam entre os líderes das igrejas atuais. Portanto, há uma diferença entre divorciar e repudiar. Porém, falaremos mais a frente sobre essas diferenças.

O divórcio à luz do Novo Testamento: "*Portanto, o que Deus uniu não separe o homem*" – Mt 19.6. Entendamos que o estabelecimento do matrimônio é uma união promovida por Deus, sendo assim, somente Deus poderá dar o aval de uma possível separação. O homem não pode separar o que ele não uniu. Todavia, não seja este o desejo do Senhor. Além de outra questão poder estar em voga: nem todo o casamento é da vontade do Senhor. Sendo assim, nem todo casamento é unido pelo elemento matrimonial que o Senhor estabeleceu.

No período veterotestamentário era muito comum homens hebreus se relacionarem em matrimônio com mulheres de outros povos. Todavia, á grande maioria desses homens são casados com mulheres hebreias e gentílicas, sendo assim, eles desejavam em alguns momentos se separarem dessas mulheres gentílicas para ficarem somente com suas mulheres hebreias. Ou poderia ser também o contrário. Neste caso, Moisés produzia uma carta dando legalidade na eliminação daquela aliança. Na verdade o divórcio é uma carta que comprova que a aliança pessoal do matrimônio está cancelada. Todavia, nem no Antigo quanto no Novo Testamento o divórcio deve ser visto como algo pacífico, pois ele gera muitos danos para a sociedade.

Jesus em momento algum está dando ênfase ou estimulando os casais a se divorciarem. O que na verdade Jesus está ensinando em Mateus 5.31-32 e 19.1-6, relaciona-se exatamente aos cuidados que os homens deveriam ter em relação ao matrimônio no passado – Dt 24.1-4.

O repúdio é a mesma coisa que o afastamento. Um homem ao repudiar sua mulher, ele somente se afasta dela, estando o mesmo ainda ligado a ela pela aliança do matrimônio. Por esta razão que Jesus disse: "*qualquer que repudiar sua mulher, e casar com outra, comete adultério; e oque casar com a mulher repudiada também comete adultério*" – Mt 19.9. O repúdio não é divórcio, o repúdio é somente o afastamento. Este ato não cancela o compromisso com o conjugue; por esta razão que qualquer outro relacionamento enquanto perdurar o repúdio, resultará em adultério.

A Importância do Batismo

Todas às diretrizes que o Senhor Jesus estabeleceu para sua Igreja, foi na intenção de criar uma nova moralidade entre os gentios que se tornarão igreja. Se para os judeus havia uma concentrada grade de rituais que deveriam ser observados com assiduidade, para a Igreja não foi diferente. Embora, para os judeus, o número de rituais e festas foi bem maior, mas não deixam de serem para a Igreja suas festas e rituais algo também de alta importância. Para a Igreja os rituais imperativos são:

a. Evangelização – Mt 28.19-20; Mc 16.15-17.

b. Batismo At 19.3; 22.16; Cl 2.12; I Pd 3.21.

c. Ceia – Lc 22.20; Jo 13.2; I Co 11.20.

Embora, há igrejas que concordem em batizar crianças, porém, nem todas às igrejas cristãs têm este costume. Se levarmos em consideração que o batismo é uma questão de consciência quanto a um estado de pecaminosidade, o homem que é convertido ao Senhor Jesus Cristo, assume a responsabilidade com a igreja, fazendo confissão de seus pecados e demonstrando este arrependimento no ato do batismo. Aqui o destaque é para o batismo.

O significado da palavra "Batismo".

A palavra "Batismo" do idioma grego "Baptizo", significa:

a) Mergulhar.

b) Imergir.

c) Submergir.

d) Afundar.

e) Limpar mergulhando.

f) Lavar.

g) Tornar limpo com água.

Segundo o texto no dicionário Strong online, podemos ver da seguinte maneira o batismo:

> *O exemplo mais claro de baptizo é o de um médico grego Nicander, que viveu aproximadamente em 200 a.C. Ele declara que o baptizo é como uma receita para fazer picles. Ele diz que para preparar picles, o vegetal deveria primeiro ser primei 'mergulhado' (bapto) em água fervente e então 'batizado' (baptizo) na solução de vinagre. Ambos os verbos descrevem a imersão dos vegetais em uma solução. Mas o primeiro descreve uma ação temporária. O segundo, o ato de batizar o vegetal, produz uma mudança permanente. Quando usado no Novo Testamento, esta palavra refere-se com maior freqüência à nossa união e identificação com Cristo que é o nosso batismo com água* – Mc 16.16.

Aprendemos que não somos batizados para sermos justificados e nem libertos. A justificação é mediante o sacrifico de Jesus - Rm 8.30 - e a libertação é produzido pela ação da Palavra de Deus - Jo 16.32 -, assim como a santificação – Jo 17.17. Desta forma, Jesus ensinou valores presentes no batismo que se ignorados ou rejeitados, podem causar perdas irrecuperáveis.

A Ceia do Senhor

Podemos dizer que a ceia é a última refeição do dia. No ministério de Jesus Cristo, a Ceia indicava que o tempo do trabalho já havia terminado. Um dia de trabalho merecia uma boa alimentação. Aquele momento estava reservado para uma última e marcante refeição, onde Jesus concluiria seus

ensinamentos para seus discípulos, estando ainda na condição humanizada.

O Senhor Jesus estabeleceu um ministério que culminou na Nova Aliança. A Nova Aliança é tão importante para os gentios, quanto a Antiga Aliança para os judeus. Todavia, esta não é uma aliança que pode ser comparada com a antiga, segundo Jr. 31.31-34.

A palavra Aliança e seus significados:

• Gr. "*kainos diatheke*". Pacto, acordo ou testamento.

• Hb. "*chadash b'eriyth*". Acordo, compromisso, construção, ordenança.

É aqui que está o comprometimento da Ceia do Senhor em relação aos homens que dela fazem parte. Todos os que fazem parte desta Nova Aliança devem ter simpatia por ela, devem se alegrar diante da oportunidade de poder assentar-se a mesa e participar deste ato tão solene e definitivo, pois ela é a Aliança da reconciliação do homem com seu Criador, ou seja, é por meio desta Nova Aliança que estamos em paz com Deus e com os homens.

Jesus, segundo os escritos do Evangelho em Mt 26.26; Mc 14.22-24; e Lc 24.30; instituiu esta Aliança, validando-a com seu corpo e seu sangue. Esta é a maior garantia que temos, de que esta Aliança não será invalidade, assim como foi a de Israel – Jr 31.31-34. Tudo que o homem precisa fazer é tão somente reconhecer sua necessidade de aceitar fazer parte desta Nova Aliança para que possa ter parte do Reino de Deus – Jo 6.53-56.

Conceituando a Ceia do Senhor

A Ceia do Senhor é um ritual que tem como objetivo apresentar uma ação em memória ao sacrifício de Cristo. Embora para muitos, a Ceia do Senhor tenha significados paralelos com a páscoa (*Pessach*) dos judeus. Teologicamente os rituais não se comprometem, por serem vistos de forma e propósitos diferentes.

Embora este termo "páscoa" do hb. "*Pessach*" venha significar

"*Saída*", "*Passagem*", ele está determinantemente relacionado a festas dos judeus. Não havendo assim, qualquer relação literal com a Igreja do Senhor Jesus. Para os judeus este ritual expressa o tempo da saída deles do Egito, todavia, não nos permite ver o Egito sair deles. O quer não pode acontecer entre os da Nova Aliança.

Valores dos Elementos da Ceia de Jesus Cristo

Dentre os mais diversos significados que encontramos nos símbolos, tipos e parábolas das Escrituras, os elementos que compõem a *Pessach* dos judeus, se diferenciam em extremo em relação aos elementos da Ceia do Senhor. Para a Primeira Aliança da *Pessach* dos Hebreus foram relacionados os seguintes elementos: *a)* Cordeiro, *b)* Pães Ázimos e *c)* Ervas Amargas. Para os cristãos, os elementos que fazem parte da Ceia do Senhor são: *a)* Pão e *b)* Vinho. E cada um desses elementos contribui respectivamente com o corpo de Cristo que é a Igreja:

O pão como símbolo da carne.

Na teologia sistemática, o assunto que mais tem relevo nesta questão, está relacionado à queda do homem. Essa queda trousse ao homem uma grande reversão de valores, ou seja, removeu à vida do corpo, enxertando nele a morte – Rm 5.16; Tg 1.15. Somente a vida retornando ao homem, poderá possibilitar-lhe dar a este o que Paulo declara quando diz:

> *E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção. Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados; Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade. E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra*

> *que está escrita: Tragada foi à morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória? Ora, o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo*. I Co 15.50-57.

Essa é a verdade que estava na mente de Jesus, quando Ele disse: "*Porque a minha carne verdadeiramente é comida...*", "*Quem come a minha carne... permanece em mim e eu nele*" – Jo 6.55,56. O pão na Ceia tem o símbolo da vida que é literalmente Cristo. Quem não comer da minha carne, significa dizer, que não me aceita ou reconhece o sacrifício que por Mim foi oferecido; quanto a este, não poderei ressuscitá-lo no arrebatamento da Igreja. Rejeitar o pão da Ceia é rejeitar o próprio Cristo. Por esta razão vale dizer que, Ele é a Vida e quem come dele tem a Vida Eterna– Jo 146.

O vinho como símbolo do sangue.

Desde a antiguidade o vinho tem uma importância singular na vida do homem. Embora seja produzido de uma forma nada fácil no passado, pois se cobrava muito esforço para trabalhar a uva, desde sua cultivação até a fabricação, muitos eram os processos que deveriam ser trabalhados e respeitados. Quando o vinho estava pronto, o produtor deveria escolher qual do tipo de vinho que desejaria beber.

> * *Primeiro: o vinho fermentado*. Esse era o responsável pela alegria em tempo rápido. Tudo aqui é em tempo muito rápido. A fermentação do vinho não demorava muito tempo para ser adquirida. Daí, a ingestão do vinho fermentado possibilitava uma alegria também mais rápida. Embora fosse uma alegria dolorosa, temporária e nada edificante. Mesmo assim, seu consumo era constante e em alto nível.
>
> * *Segundo: o vinho não fermentado*. Esse era o vinho que não podia ser colocado em condição igual ao vinho que sofreria a fermentação. Esse vinho deveria estar em um lugar reservado. Em especial, um lugar frio e hídrico. Nada melhor que um

> poço para conservar o vinho sem qualquer possibilidade de fermentação. Poderia passar anos ali que não fermentava. Sua duração em estado favorável é bem mais longa; sua conservação cobrava-se muita paciência e, sua ingestão não provocaria qualquer outro sentimento, que não fosse o de alegria e prazer.

O vinho que Jesus está oferecendo a Seus discípulos, certamente era um vinho plenamente sem fermento. Esse vinho resistiu todo tempo passado, até Sua manifestação aos homens no presente. Quando Ele manifestou-se, Ele veio sem fermentação, ou seja, Ele veio assim como Ele É. Sem que Sua natureza Divina fosse alterada. Embora, Ele veio como homem, mas, também, Ele Se manifestou com expressão de Deus.

Assim como o pão, o vinho é de alta importância para o cristão. Sua representação é o símbolo do sangue de Cristo, que tem o poder de remover o pecado do homem. Toda tristeza que o homem vive, é a consequência do pecado. Sem o sangue do Cordeiro o pecado reinaria na humanidade gerando morte eterna a todos os homens – Jo 1.29,36.

Quando Jesus deu de seu sangue para que os discípulos bebessem, Ele estava liberando o único antídoto que tem o poder de remover a culpa, que é transmissora de toda miséria na humanidade, para comunicar à vida que é o elemento mais desejado entre todos os homens. Todos desejam à vida. Jesus é a Vida. Seu sangue tem o poder de dar a justificação dos pecados, concordando com o pão que está contendo à vida eterna.

O valor das ofertas

Aqui encontramos quatro razões porque devemos ofertar na casa do Senhor. Embora já saibamos que a oferta é uma ordenança imperativa do Eterno – Ml 3.8-10, ela tem como objetivo revelar certas qualidades também.

Primeiro - Recebemos do Senhor Dádivas.

Toda dádiva é um presente de Deus ao homem. Isso é uma das formas que o Senhor Deus encontrou para agradar todos os que, de bom coração, se predispõem em obedecê-Lo. Essa dádiva deve retornar ao Senhor como ato de extrema gratidão pelos benefícios concedidos. Esse é o real motivo porque devemos ofertar ao Senhor. Porque Ele nos enche de dádivas.

Ofertar não é pagar ao Senhor com ofertas. Ofertar é louvar, é adorar e agradecer ao Senhor por tudo que Ele nos tem comunicado. Daí deve estar em nossa consciência que a oferta deve ser uma ação cultual e não obrigatória.

Segundo - Porque Ele é o Dono da Vida.

Se o homem tem consciência que a vida é do Senhor; e esta vida está sob Sua total administração, então a oferta deve ser apresentada ao Senhor, como O dono da vida. É Ele o Único digno de receber culto de gratidão pelos atos maravilhosos que tem operado. Sua ação é sem igual. Nos ensinamentos de Jesus quanto à oferta, não há um valor monetário definido para este ato – Mc 12.44; Lc 21.4. O que importa é ser a oferta uma ação de natureza voluntária depositada aos pés do Senhor.

Como não há possibilidade dessa oferta ser dada diretamente ao Senhor, ela deve ser depositada aos pés da liderança da Igreja do Senhor. A liderança é que vai dar o devido destino a esta oferta, utilizando para isso, a sabedoria que o próprio Deus concede a seus ungidos para melhor administrá-las.

Terceiro – Porque é Voluntária

Como não há valores pré-estabelecidos para ofertar, também não há elementos pré-estabelecidos para se ofertar. Existe requisito de qualidade para a oferta, mas, não o objeto que será a oferta. Se levarmos em consideração o tempo do sacerdócio israelita, às ofertas eram estabelecidas em conformidade com os rituais e as necessidades

da Construção do Tabernáculo. Todavia, se a oferta fosse fora do ritual ou da construção do Templo, o ofertante poderia ofertar o que estabeleceu em seu coração. Desta forma, a oferta pode ser em forma de alimentos, elementos e valores monetários. Destarte que, ela deveria ser em qualquer um dos planos oferecida com alegria e voluntariedade.

Qual o significado da oferta?

Uma oferta deve ser uma transferência do que há no coração do ofertante para o ofertado. Daí esta oferta passa a ser uma imagem do coração do ofertante. Um exemplo, a oferta de uma mulher identificada como: "*Mulher Viúva*" Mc 12.38-44; Lc 20.45-47.

1. *Primeiro* - esta mulher estava em um lugar que podia ser encontrada.

2. *Segundo* - ela sabia o valor do que possuía.

3. *Terceiro* - Jesus declara que viu o que os ricos ofertavam e o que a viúva ofertou.

4. *Quarto* – A oferta tem um lugar certo para ser depositada.

Sobre este ensino de Jesus, muitos ficaram entendendo o que e como ofertar e o verdadeiro valor de uma oferta. Seu significado está na intenção do ofertante. Uma oferta é uma revelação do que há em seu coração.

Amor ao dinheiro

Em uma ocasião Jesus disse: "*Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom*" – Mt 6.24, todavia, é lamentável que ainda percebêssemos que a grande maioria ainda não aprendeu na integra o que Jesus estava querendo ensinar. Vejamos uma forma de se reconhecer um servo do dinheiro ou Mamom:

• Gr. μαμμωνας – *mammonas*, esta palavra quer dizer, riqueza, tesouro ou dinheiro. É uma oposição a Deus. E por que é uma oposição a Deus?

• Gr. θεος – *Theos*. Deus aqui está relacionado a uma forma de Governo que é Único, todavia, administrado por três Pessoas que se revelam nas Escrituras Neotestamentária como: Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo.

O homem tem duas escolhas, ou deixa Deus Governar sua vida, ou o deus Mamom irá fazê-lo! Quando digo que podemos identificar um servo do dinheiro, quero dizer que, o servo só faz o que o senhor lhe ordena ou lhe permite fazer. Todas às vezes que eu digo: "*Não posso ir por que não tenho dinheiro*", "*não posso comprar porque não tenho dinheiro*", "*não posso viajar por que não tenho dinheiro*", estou dando ao dinheiro (*Mamom*) o governo de minha vida. Há uma tríplice exigência tanto de Deus como de Mamom:

a) *Amor*. "*Ou odiará um e amará outro*". Em muitos casos se expressa mais amor ao dinheiro que ao Senhor de toda a glória.

b) *Dedicação*. "*Ou dedicará um e desprezará outro*". Há mais expressa dedicação de tempo para se adquiri o dinheiro do que para se conquistar os benefícios do Senhor que é o Criador e Dono de todas as coisas – Sl 24.1.

c) *Serviço*. "*Não podeis servir a Deus e a Mamom*". A maioria das pessoas se inclina em adorar e cultuar ao dinheiro, ao invés de expressar essa adoração ao Senhor. Quando deixamos de amar e servir integralmente ao Senhor e sua obra, automaticamente comprometemos também o culto.

No ensinamento de Jesus, Ele estava querendo libertar os judeus da escravidão que mais tem aprisionado os homens e contribuído para uma perda de identidade: "A cobiça" – I Tm 6.10. Se o homem deixa de servir a este senhor (*Mamom*), ele ficará livre para tão somente servir e agradar a Deus, O Senhor dos senhores.

O Perigo dos Falsos Juramentos

Jesus deu ensinamentos precavendo os cuidados de se fazer juramentos aleatório. Porque não devo jurar? A Bíblia tem vários

momentos em que orienta-nos direta ou indiretamente acerca do juramento. Exemplo: Tg 5.12; Os 4.15; Js 23,7; Zc 8.17; Mc 10.19; I Co 13.5. O juramento pode ser lícito como ilícito. Isso se tratando de leis e acordos, condicionados a povos e culturas.

Se uma pessoa tem plena certeza naquilo que diz, ela não precisa realizar juramentos, desenvolvendo para isso uma fé em pessoas ou divindades. Nas Escrituras Sagradas – Lv 5.4, os elementos que conduzem a um juramento não podem ser feitos precipitadamente. Pois, devemos manter fidelidade em nossas colocações – Mt 5.37.

O homem, em especial os que professam o cristianismo, deve ter em mente que a verdade não é um veneno que precisa ser temido ou evitado. A verdade é uma das bases da formação do caráter do servo do Senhor. Em muitas situações, o desejo de aplicar um juramento é devido ao fato de o homem estar indeciso quanto ao que está falando, concordando e se comprometendo. Se, não for um tratado de extrema confiabilidade, então o melhor é não confirmar, do que, ter que fazer um juramento em nome de uma verdade.

A Importância do Perdão

Perdoar é um dos maiores desafios que está presente na vida dos homens. O perdão é favorável para realização de grandes projetos. Para quebra de conflitos e estabelecimento de uma vida saudável. O perdão traz muito mais benefícios, para quem o libera do que para quem o recebe. A culpa gera lesões, traumas e feridas que parecem incuráveis – Mt 6.14; 18.35; Mc 11.26. Uma culpa pode danificar uma vida inteira, mais um perdão pode salvar uma humanidade – Lc 23.34; Jo 19.30.

Apresentação de criança

Embora muitos líderes de Igrejas Cristãs Protestantes utilizassem-se de um texto bíblico em Lucas 2.22-35, para apresentação de crianças recém-nascidas. Esse texto é muito rico em

informações quanto às profecias e culturas da época, mas não tem propriedade para ser aplicado nas liturgias da Igreja. Lembrando que, os elementos deste evento não era somente apresentar a criança no templo.

Acontecia uma ação ritualística que todas as crianças do sexo masculino deveriam ser circuncidadas ao oitavo dia de seu nascimento. A circuncisão era a remoção de uma pele ou prepúcio que tem por objetivo cobrir a glande do órgão genital masculino. É um ritual já em exercício há milhares de anos, que os povos já o praticam em questões das mais diferentes. Para Israel a circuncisão representava ou representa obediência à Aliança de Deus com Abraão – Gn 17.12; 21.4; Êx 4.24-26. O propósito desse ritual é visto de diversos ângulos:

> a) Para os Egípcios se tratava de uma prática higiênica. Desta forma, podemos afirmar que a circuncisão é uma cirurgia bem antiga e que já era praticada pelos egípcios, desde sua VI dinastia.
>
> b) Para os povos de outras nações, a prática dava-se em função de melhor o desempenho sexual e auxiliava na produção do gênero. Isso não se relaciona a uma questão de religiosidade ou ideologia, mas, sim, de princípios técnicos e científicos da antiguidade, que para esses povos era algo extremamente fascinante.
>
> c) Para os hebreus se tratava em exclusividade, com a ideologia abraãmica. A prática da circuncisão dava aos herdeiros de Abraão advindo de Isaque e Jacó, a legitimidade de poder reivindicar sua participação nas promessas que o Senhor fizera ao patriarca em Gn 12.1-3.

Sendo assim, Jesus deveria estar em pleno acordo com a Aliança, visto que Ele deveria ser aceito pela sociedade. Descumprir esse requisito implicaria estar em desobedecia com a cultura judaica. Isso não favoreceria em nada o ministério de Jesus no futuro.

Para alguns críticos desta metodologia, realizar a

apresentação de uma criança na igreja, focando-se na leitura lucana, implicaria ter que observar esses rituais. E isso não está pré-disposto a nós, cristãos. Destarte que, a apresentação de uma criança na igreja deveria ser realizada simplesmente com a declaração do nome da criança e uma oração como ato de gratidão ao Senhor, pelo nascimento do mesmo e uma impetração de bençãos sobre os seus familiares.

Batismo com Espírito Santo

Em Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16 e Jo 1.33, faz declarações um tanto quanto inédita, pois ninguém antes teve essa autoridade de batizar o homem com Espírito Santo. O ato de Batizar já foi mencionado no inicio do ministério de João Batista, como prerrogativa oficializadora da justificação dos pecados, confirmando assim que o indivíduo arrependido estaria recebendo o perdão de seus pecados – Mt 3.6; Mc 1.5; Lc 3.3; At 2.38.

Esse batismo abriria um caminho para a efusão do Espírito Santo, legando assim o poder que possibilitaria a realização de obras sobrenaturais ainda não vistas antes. Na pregação de João Batista, a água era sua maior ferramenta, todavia, o Messias, era o único que poderia imergir esse pecador arrependido na essência e no poder de Deus – At 1.8. Rejeitar a Jesus Cristo, implicava literalmente em rejeitar o Espírito Santo. Essa rejeição resultaria em, falta de intimidade com Cristo e minimização de poder e autoridade para realizar a obra do Senhor. Não se esquecendo de que é o Espírito Santo quem leva o homem ao Filho – Jo 16.8, e o Filho quem leva o homem ao Pai – Jo 14.6.

Batismo com fogo

Esse é mais um problema a ser solucionado aqui, para que o estudante não se incorra em erros de interpretação exegética, levando seus ouvintes a receberem informações que a Bíblia não tem o interesse de apresentar. Já sabemos que o batismo com o Espírito Santo é algo somente realizado por meio de Jesus Cristo –

Ele é quem disse que rogaria ao Pai – Jo 14.16; 16.26. Já o Espírito Santo poderá vir na voz de Jesus para envolver os salvos no poder de Deus – "*Dinamis*" At 1.8, como na purificação da natureza desse pecador – Tt 3.5. É, justamente aqui, que passamos a compreender o real significado de "batismo com fogo".

A linguagem simbológica de fogo nas Escrituras relacionada ao Espírito Santo pode ser entendida de três formas. Vejamos:

1º. *Poder* – o fogo é forte e emite luz e calor; por isso muitas vezes representa o grande poder de Deus, que deve ser respeitado – Hb 12.28-29.

2º. *Destruição* – o fogo queima e pode causar muita devastação; da mesma forma, o julgamento divino é devastador – Is 66.15-16.

3º. *Purificação* – o fogo era usado para refinar metais, queimando todas as impurezas e deixando apenas metal puro; o fogo de Deus purifica dos pecados – I Co 3.13-15.

Sendo assim, podemos compreender que, o "batismo no fogo" está associado a Jesus. Ele veio com poder para nos purificar de nossos pecados e um dia voltará para trazer julgamento devastador sobre o mundo. Assim, o "batismo no fogo", afeta a todos. Uns para purificação e outros para destruição. Através do fogo divino, quem ama Jesus será como ouro refinado, mas quem o rejeita será como palha queimada no Juízo Final.

Acerca do Joio e do trigo

Embora seja aqui uma parábola, mas o entendimento desta parábola é de vital importância. Nesta parábola encontramos Jesus narrando uma realidade de seus dias. Os homens estavam permitindo que homens heréticos, insensatos, carnais, desafetuosos e imorais, viessem instruir os judeus que ainda lutavam para conservar a Lei do Senhor.

Uma questão apresentada aqui por Jesus pode, ser vista como as diferenças existentes entre obras e obras, pessoas e pessoas, lideres e lideres. Tudo está passivo de se ter duas partes: negativa

e positiva. Não tenhamos dúvidas de que Jesus está referindo a Si mesmo quando Ele define que está sendo semeado a: "*boa semente*" Gn 3.15. Todavia, há uma má semente sendo também semeada – "A "*Semente do mau*" – Gn 5.15. Essas "*duas sementes*" seria a causa de "*dois povos*" virem existir: "*os santos*" e "*os profanos*".

Até os dias atuais, esse joio e esse trigo vêm dividindo espaço no mesmo campo. Somente o verdadeiro Agricultor, saberá fazer a devida separação. O que se devem ter cuidados é para que o joio não venha se destacar além do normal e sufocar o trigo.

Característica do Trigo e do Joio

Existe uma grande semelhança entre o trigo e o joio. Quando estão em desenvolvimento, eles ficam bem semelhantes. Eles ao se desenvolverem têm semelhas múltiplas: suas hastes, seus pendões, suas folhagens e sua tonalidade. Seguem seus crescimentos em direção ao alto. Existe uma razão que leva muitos a dizer "é necessário separar o joio do trigo". Isso se deve ao fato de que um pequeno molho de joio pode danificar toda a estrutura do trigo – I Co 15.33.

Hoje podemos mais que nunca dizer que este joio e este trigo comungam de relacionamentos diretos na congregação dos justos – A Igreja. É justamente por esta razão que temos tantos problemas relacionamentais. E porque existem esses problemas? Vejamos:

1. *Primeiro* – Esse trigo deve ser visto como a Igreja do Senhor Jesus. Como tudo tem uma oposição, o joio deve ser visto como elementos malignos que exara-se entre os santos. O trigo obedece aos ensinamentos do Mestre, o joio tem prazer na desobediência e na destruição do corpo de Cristo – A Igreja.

2. *Segundo* – O trigo tem a natureza de Cristo. Todavia, o joio tem a essência de seu plantador – O Diabo.

3. *Terceiro* – O trigo terá um lugar seguro e de glória. Todavia, em se tratando do joio, seu lugar será no fogo que não se

apagará.

Todo esse processo de juízo e glória será realizado pelo próprio Senhor. É Ele quem faz a separação desses dois tipos de sementes. Porque é Ele quem faz a separação? Simples! Porque é Ele quem plantou o trigo. Ele diz que conhece suas ovelhas e por elas Ele é conhecido. Sendo assim, a única Pessoa que pode fazer essa separação de forma segura e justa é O Senhor.

Acerca de suicídio

Em se tratando de suicídio entramos em um assunto que é de alta complexidade nos circuitos da interpretação bíblica. Sabemos que a Bíblia declara: "Não matarás" – Êx 20.13; Dt 5.17; Ti 2.11; Mt 19.18; Lc 18.20. Essa é uma lei que condena o homem que tira a vida do homem. Seja por uma ação voluntária ou involuntária. O cuidado em se evitar o crime de matar é que Deus tem o domínio de todas as coisas em Suas mãos – I Cr 29.11; Sl 24.1; Jr 32.17; Cl 1.16. A vida também é dele – Jo 5.26; Ele é o Senhor de todas as coisas.

Matar uma pessoa é interceptar um projeto divino. Deus tem um projeto com o homem. Ceifar uma vida é levar a efeito o cancelamento de benefícios que poderá ser de necessidade de toda uma sociedade. Além disso, temos:

a) Uma lei que condena o crime de matar. Sabemos que o sacrifico do Calvário é poderoso para perdoar todos os pecados dos homens. Mesmo o de matar.

b) Existe um critério para o perdão. No Calvário Jesus liberou o perdão para todos os pecadores a que viesse arrepender-se de seus pecados.

c) Deve-se olhar para o tempo do arrependimento. Existe o tempo de pecar e o tempo de se arrepender – Ec 3.

d) Existe o lugar de se manifestar esse arrependimento. Quando o homem está convencido pelo Espírito Santo sobre seu erro, esse homem deve aproveitar o momento da ação do Espírito Santo é confessar seus pecados – Pv 28.13; Jo 16.8.

Esse é o memento da decisão.

e) Existe o julgamento definitivo. Em Hebreus 9.27, está declara que ao homem há uma lei de morrer somente uma só vez, seguindo assim o juízo ou julgamento.

Todavia, para o pecador que comente esse tipo de crime contra a própria vida, mesmo que haja o arrependimento após o crime, ele não poderá ser perdoado. Isso porque após a morte o que ocorre é o julgamento – Hb 9.27. Não há como ser absorvido do crime após morrer.

Conclusão

Jesus concluiu seu ministério na terra, dando aos homens exemplos nítido, de que os homens poderiam fazer toda a obra que Ele desenvolveu, na mesma dimensão que Ele atuou, fazendo tudo para glória de seu nome. Só há uma coisa que os homens não foram requisitados fazer, como foi feito por Jesus: Morrer para salvar o pecador! Essa é uma obra intransferível! Somente Ele e mais ninguém poderia morrer por causa desse pecador. E Ele o fez. Louvado seja o nome de Jesus Cristo!

História de Israel

Uma nação histórica com promessas futuras

Estamos dando início a um estudo que tem como propósito, conhecer a história de uma nação, que viveu, sobreviveu e vive apoiada em alianças eternas de Deus. Estudar sobre Israel não é remover dos escombros do passado um amontoado de informações sobre um povo comum, que viveram de forma comum, sob as expectativas de um Deus comum. Israel é uma nação que foi e ainda é conduzida por promessas proféticas, cujo elemento primordial está em confirmar a fidelidade de Deus com Sua Poderosa Palavra.

Não foram poucos os que escreveram quanto a esta nação, e não haverá limites para ainda se escrever. Haja vista que, independente de quem seja o povo, todo o conteúdo literário que se refere a Israel, parece chamar a atenção do mundo. Isso porque, muito do que está para acontecer ainda no futuro da humanidade, tem consonância com a vida dos israelitas. E, é sobre esta nação que nos dedicaremos em estudar nesta matéria.

Origem da Nação de Israel

Quando buscamos conhecer a origem da Nação de Israel, não podemos ignorar que o ponto de partida está em Gn 11.26-32. Foi, justamente na família de Terá que um menino nasceu, e lhe foi dado o nome de Abrão. Abrão cresceu e se casou com Sarai, uma mulher esplendidamente linda, porém, estéril. Em decorrência da

morte de Harã, Terá decide sair de Ur dos Caldeus, para morar na terra de Canaã. Todavia, quando ele chega à Cidade de Harã, sua decisão foi a de ficar naquela região, e não dar prosseguimento para Canaã.

Em Gn 12.4 encontramos Abrão tomando a decisão de ir para a Terra de Canaã, em conformidade com a ordenança do Senhor, estando ele ainda em Ur dos Caldeus. A ordem do Senhor que foi dada a Abrão, aconteceu estando ele em Ur dos Caldeus, porém, todos os elementos desta ordem ou aliança, só podem ser vistos em Gn 12.1-3. Os dias de Abrão em Ur estavam para se findar, porém, não era para ele sair da terra com sua família e nem com seus parentes. Todavia, por uma questão bastante obvia, seu pai foi quem decidiu partir e isso foi justamente no tempo em que esta palavra do Senhor veio para desafiar a fé do futuro patriarca de muitas nações.

É assim que se inicia a História de Israel. Os primeiros componentes que irão dar origem a esta nação, iniciam uma migração desde as regiões do Oriente (Mesopotâmia), com destino ao Ocidente (Palestina). Tudo isso acontece em meado de 2100 a.C. Não há como rejeitar que a história dos israelitas tem seu início em uma época onde os assim chamados: pré-históricos ou pré-descendentes de Israel ainda viviam como seminômades peregrinando sobre o solo palestino.

Todavia, os antecedentes de uma nação, não podem ficar fora da história da nação. Sendo assim, todo o conteúdo bíblico que confirma a historicidade desta nação, está contido nos caps.12-50 de Gênesis. No início desta segunda parte de Gênesis, mais precisamente em Gn 12.4, temos o começo ou princípio de todo este fenômeno. Havia em Canaã uma promessa Divina de que aquela terra seria a herança dos descendentes de Abraão. Embora, os elementos que formaram as raízes dos israelitas viessem de uma região semita, a terra de Canaã, em conformidade com a vontade soberana do Senhor, já pertencia a uma parte desta descendência. Todos os que habitavam em Canaã, era como se estivessem habitando em uma terra de forma ilegítima. Uma terra cujo proprietário permanente

ainda estava para chegar. E, esses proprietários da Terra de Canaã eram: Abraão, Isaac, Jacó (Israel) e seus doze filhos.

A Inerrância do Antigo Testamento

Todo e qualquer comentário histórico deve ter seu início em bases confirmativas, mesmo que essas confirmações sejam plenamente sob os aspectos da especulação. Somente desta forma o comentário pode ter sua estrutura apreciável e aceitável. Destarte que estamos tratando de uma historicidade onde às preliminares se unificam na formação de uma nação, a base desta historicidade é sem dúvidas, a Bíblia Sagrada. Todas às disciplinas estudadas e conhecidas pela teologia bíblica têm suas estruturas nas Escrituras Sagradas. Com a história dos israelitas não poderia ser diferente, visto que, os acontecimentos que antecedem e precedem a formação desta nação são comentadas pela Palavra de Deus.

A historicidade que revela a formação da Nação de Israel está submetida, determinantemente, aos registros bíblicos veterotestamentários. É pelo Antigo Testamento que podemos compreender tudo que foi feito pelo Senhor e tendo com isso a cooperação de homens que, posteriormente foram chamados de judeus e cristãos.

Os pontos que definem a inerrância

O ponto determinante na construção de qualquer estudo sobre a historicidade de Israel é sem dúvida, a confiança que se deve ter nas Escrituras como elemento definido em plena verdade. Hoje, os que amam e defendem as Escrituras de forma pessoal e apologética, não possuem o que é conhecido como "biógrafos", ou seja, os primeiros escritos que foram produzidos pelos homens que Deus usou para escrever a Sua Poderosa Palavra. Todavia, mesmo não possuindo os primeiros exemplares das Escrituras, os teólogos e estudiosos concordam de forma harmoniosa e intrínseca, que os escritos que foram conservados através dos séculos, são dignos e fidedignos de confiança, assim como eram os primeiros escritos.

O que não podemos abrir mão é em aceitar que os escritos veterotestamentários são em forma de estrutura, a maior e melhor fonte que possuímos para adquirirmos o conhecimento de como tudo teve seu verdadeiro princípio. Em se tratando da Nação de Israel, a Bíblia como é um Livro composto de plena inerrância, nos outorga uma informação inerrânte em relação à origem do povo israelita. Mesmo que para alguns céticos esses escritos não sejam dignos de tamanha confiança histórica, para os que declaram sua fé em Deus, não há qualquer dificuldade em aceitar como verdade inquestionável todas as informações que recebemos da Bíblia, a Palavra de Deus.

Houve fontes auxiliares?

Todos que conhecem a Bíblia e se dedicam em estuda-la aceitam plenamente que Moisés é o autor dos primeiros cinco livros do Antigo Testamento. Esses cinco livros são conhecidos pelos israelitas como "*Toráh*", porém, na Septuaginta eles são vistos como "*Pentateuco*". O que resta aqui é resolvermos uma sentença que desafia os comunicadores do conteúdo desses livros, em especial, o Livro de Gênesis, se Moisés recebeu todas essas informações através de uma revelação, ou se ele se dispôs de alguma fonte histórica ou genealógica para obter as informações que em Gênesis estão contidas.

Para alguns, Moisés se valeu de algumas fontes escrita ou oral. Para outros, Moisés se estribou em fontes genealógicas que alimenta a origem do povo semita e não somente de israel. Nos dias de Moisés a arqueologia não era uma atividade existente, até porque não havia necessidade de desterrar os elementos históricos da civilização, pois tudo estava ainda em estilo de construção. Resta-nos então aceitar que Moisés teve do Senhor, em alguns casos uma revelação; em outras questões ele possuía informações confiáveis. Porém, seja de qual forma que foi Moisés teve de Deus a inspiração para escrever esses cinco livros, mesmo que para isso, houve alguma forma de fonte histórica auxiliar.

Israel e Seus Vizinhos

As diferentes classes de povos ou pessoas já podem ser amplamente identificadas em relação a Israel, no tempo de 1405 a.C., quando os israelitas estavam acampados as margens do Rio Jordão. A localização em que eles se encontravam é descrita pela Bíblia como "Região de Moabe" – Dt 1.1-5. Nesta ocasião, Moisés estava vivenciado a transferência de liderança para Josué, pois ele não atravessaria às águas jordânicas com seu povo hebreu. Tudo isto iria acontecer antes que este povo recém-formado em nação viesse tomar Canaã e passar a possuir esta terra.

Israel teve várias experiências de ordem singular, o que não aconteceu na vida de outras nações. Provavelmente, outras nações tiveram experiências até fenomenais, porém, as experiências que Israel tivera, foram, além de singular, foram sobrenaturais, pois o Senhor foi o responsável pela execução de todas elas. Alguns exemplos podem ser destacados aqui:

a) O povo Hebreu saiu de uma terra, sem ter que levantar uma espada se quer para pelejar pela sua liberdade –.

b) O povo Hebreu caminhou em direção a uma localização, recebendo os cuidados dos mais diversos do Senhor, até chagar a limite de suas resistências –.

c) O povo Hebreu viu todo o exercito do Egito perecer diante de seus olhos, sem que um de seus homens tivesse morrer em campo de batalha –.

d) O povo Hebreu ficou acampado na planície do Sinai, e ali foram formados em nação, em apenas um dia –.

e) O povo Hebreu agora será conhecido como Nação de Israel, recebendo este título devido a uma aliança que o Senhor fez com o patriarca Jacó, que teve seu nome mudado para Israel –.

f) A Nação de Israel caminhou pelo Deserto do Sinai por quarenta anos, e neste tempo, não tiveram fome, não tiveram sede, não ficaram enfermos, não sentiram frio por falta

de vestimentas, não precisaram de um guia humano para conduzi-los pelos caminhos desconhecidos –.

g) A Nação de Israel foi à única nação na história da humanidade que tem um registro em que o Senhor fez o sistema solar ficar imóvel até que seu exército vencesse uma batalha –.

Todas às nações por onde Israel passava, já estavam sabendo do zelo que o Senhor tinha por este povo. Quando eles ficaram acampados diante de Canaã, mais precisamente, diante da Cidade de Jericó, os moradores sabiam que algo estava para acontecer e os favorecidos seriam, certamente, a Nação de Israel. Uma nação que o seu Deus pelejava por suas causas sem ter qualquer resistência que o pudesse parar.

A Terra de Canaã

Quando se analisa a Terra de Canaã, logo nós percebemos pela sua geografia que esta terra se encontra em uma localidade extremamente estratégica. Quando olhamos para o lado Ocidental de Canaã, nos deparamos com o Mar Mediterrâneo, nos dando a possibilidade de acesso às regiões da Europa. Não é necessário muito esforço para que sejam localizadas ao extremo Sul, as fronteiras com o Egito, terras que pertencem o Continente da África. Olha para o lado oriental, logo é possível ver as regiões da Mesopotâmia que é assim chamada pela presença de dois grandes rios: o Eufrates e o rio Tigre, que são os responsáveis pela hidratação de uma grande parte do Crescente Fértil no Oriente. A Terra de Canaã faz um elo de rotas comerciais entre todos esses povos, sem dizer, da posição estratégica de defesa de seus inimigos.

Esta terra foi habitada de forma errônea pelo descendente de Cã, e houve uma ramificação de povos em sua extensão, que foram os responsáveis de terem contaminado todo este solo com seus pecados de idolatria. Não foram poucos os povos que desejaram ter o pleno domínio desta região. Em relação à história da Bíblia, tanto os egípcios, como os romanos, os gregos, os filisteus, os amorreus,

os moabitas, os edomitas, os idumeus, os assírios, os babilônicos, os medas e persas, como os sumérios e os acadianos. Todos lutaram e alguns ainda lutam pelo poder e domínio desta terra.

O que todos esses povos não sabiam, era que uma nação que ainda não existia, seria a herdeira de todo este território. Todos os que lutavam por ela, um dia iriam ver o Senhor entregar esta terra nas mãos de uma pequena e recém-criada nação. Foi nesta terra que teve o início a história de uma nação que teria como governo o Supremo Deus.

A Saída dos Hebreus do Egito

O tempo em que os hebreus ficaram no Egito foi marcado por diversas situações, das quais, muitas nós não conhecemos. Todavia, as que chegaram até nossos conhecimentos, o nascimento de Moisés parece ser uma das mais importantes. Nesta ocasião, o povo estava vivendo sob uma pressão tremenda do governo faraônico. Os hebreus tiveram que servir a várias dinastias faraônicas, trabalhando na construção de diversas obras. Tanto a Bíblia nos informa, como também está registrado pela história que os hebreus construíram duas cidades no Egito: A Cidade de Piton e a Cidade de Ramissés, sob uma pressão de escravidão – Êx 1.11. E de acordo com as Escrituras Sagradas, quanto mais o povo era escravizado, mais ele se multiplicava – Êx 1.12-13.

Foi, justamente neste tempo, que os egípcios perceberam que esta evolução numérica dos hebreus poderia lhes trazer graves problemas no futuro. No v.12 encontramos a palavra: "inquietavam" ou "enfadavam" que no hebraico é "*kootz*" e sig. "detestar", "ter horror", "um sentimento doentio". Este era o sentimento que os egípcios nutriam pelos hebreus, o que não se imaginava nos dias de José.

Detalhes de Moisés no Egito

Não podemos dar continuação a esta narração da história de Israel, sem que antes, venhamos abrir um breve espaço para

falarmos de um ocorrido fenomenal que Deus realizou no Egito: As Dez Pragas! Quando Moisés saiu do Egito por ocasião de ter matado um egípcio, ele sentiu que sua atitude foi de fato uma praga em sua vida. Nesta ocasião, Moisés estava com 40 anos de vida. E, foi justamente esta morte que levou Moisés a fugir, porém, não na direção de Canaã. Esta fuga de Moisés ocorreu, aproximadamente, no ano de 1486 a.C.

Moisés esteve pelo espaço de 40 anos nas regiões de Midiã, onde pode formar uma família, casando-se com a filha de um midianita, por no me Jetro ou Reuel, que em Êxodo 18.5-12 indica ser ele conhecedor do Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Assim, Moisés adquiriu um novo modelo de vida, pois aprendeu ao pastoreio. Em certa ocasião, ele pastoreava o rebanho de seu sogro nas regiões do Sinai, quando o Senhor Lhe apareceu em uma sarça ardente, e Ele se revela como o Deus de seus ancestrais. O Senhor lhe disse que o tempo de cumprir a promessa feita a Abraão de remover seus descendentes do Egito havia chagado. O que Moisés não imaginava, era que a ferramenta que Deus iria usar para libertar seu povo, seria ele.

O trauma de Moisés estava na possibilidade de o Faraó que reinava o Egito quando ele cometeu o crime e fugiu, estivesse ainda vivo. Provavelmente, quem governava o Egito no tempo da fuga de Moisés era Tutmose III, que começou seu reinado após a morte de Tutmose II em 1504 a.C. Ele ainda era um jovem rapaz e mais novo que Moisés. Na mente de Moisés, ele ainda estava vivo e reinou o Egito, quando o Senhor lhe impõe a missão de libertar os hebreus. Só que bem antes de sua chamada, este Faraó estava morto – Êx 2.23. Não somente o faraó, mas todos que poderia ser uma ameaça para Moisés – Êx 4.19.

O Início do Êxodo

Após ter sido recomendado pelo Senhor a ir ao Egito para remover da lá os hebreus, Moisés está sob uma grande responsabilidade de comparecer diante do Faraó, para lhe dar as

devidas orientações do Senhor. Não somente Moisés está sob esta missão, como também seu irmão Arão recebeu do Senhor a tarefa de se posicionar como um auxiliar de Moisés. O Faraó da ocasião, segundo a história respondia pelo nome de "*Amenotepe II*". Quando ele ouviu que o Deus dos Hebreus estava requisitando que o povo fosse ao deserto para Lhe oferecer culto, os sentimentos deste faraó não foram nem um pouco satisfatório.

Segundo o comentarista do Livro História de Israel no Antigo Testamento, este Faraó estava em plena atividade de campanha para dominar ainda mais territórios. Ele diz: "Este poderoso rei conduziu uma campanha em Canaã em seu terceiro ano (aprox. 1450) e uma outra em seu sétimo ano, provavelmente em 1446, coincidindo com a tradicional data do êxodo. Não é difícil imaginar que a dizimação do exército de Faraó no mar de Juncos pode ter ocorrido após essa sétima campanha e que, após tamanha desmoralização, um total desinteresse por uma aventura imediata se abateu sobre o reino, especialmente para o norte".[15] Os relatos históricos estão em plena harmonia com a revelação bíblica acerca de todos esses acontecimentos – I Rs 6.1.

A Páscoa ou Pessach

Antes de o Senhor aplicar a última praga sobre o Egito, Moisés foi orientado pelo Senhor a realizar um ritual que ganharia o home de "*Pessach*" – Êx 12.1-11. Este ritual segue o povo de Israel até a atualidade, sempre tendo em mente seu verdadeiro significado: "passagem" ou "saída". Após o Êxodo do Egito e entrada na terra de Canaã, os israelitas fizeram uma alteração quanto a este ritual, realizando ele durante um período de sete dias da semana, começando pelo dia 15 de Nisan, que é o primeiro mês do calendário judaico.

Embora, não irei comentar aqui sobre os significados teológicos de cada um dos elementos que compõem este ritual, pois já possuímos uma matéria onde analisamos esses detalhes

15 HERRILL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. 4 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 55 *et seq.*

sistematicamente, mas, somente estou me referindo a este assunto, para compreendermos melhor os detalhes que anteciparam a saídas dos hebreus do Egito. Não podemos nos esquecer de que, tanto para o período do Êxodo, como no decorrer da história, a saída dos hebreus das terras egípcias foram acontecimentos singulares e inesquecíveis. É justamente o ritual da Páscoa que garante que o Êxodo jamais seja esquecido pelos descentes de Israel.

Saindo do Egito

Não é possível dar ao aluno uma exatidão quanto ao trajeto que Moisés usou para iniciar a caminhada em direção a Terra de Canaã. Até por que, a primeira informação que temos, não é de que Moisés levaria o povo a Terra de Canaã, mas, sim, ao Deserto do Sinai, para o povo sacrificar ao Senhor – Êx 5.1. Mesmo assim, podemos imaginar sua rota pelas informações que encontramos em Êxodo (cf. Êx 13.17-22; 14.1-9). Moisés e todo o povo se depararam diante do Mar Vermelho (ou Mar de Juncos), em uma região que era um golfo, conhecido atualmente como "Golfo de Suez".

O local desta travessia jamais poderia ter-se dado a pé se não fosse à poderosa mão do Senhor agir em favor deste povo. Na mesma trilha dos hebreus, seguiu o exército de Faraó e pera sua decepção, nenhum deles sobreviveram a esta tentativa de alcançar aqueles que o Senhor estava atuando para salvar. Uma das perguntas de Faraó foi lhe respondida, porém da pior maneira possível: Quem é o Senhor, cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tampouco deixarei ir Israel – Êx 5.2.

Agora, iremos percorrer os mesmos cominhos que percorreram os israelitas, após terem vivenciado o sobrenatural ato do Senhor na abertura do mar Vermelho até os pés do Monte Sinai:

a) *Primeiro*: Eles estavam com suas forças físicas esgotadas, mas, lá na alma, suas esperanças estavam renovadas diante do ocorrido da travessia – 13.17-22.

b) *Segundo*: Embora, para todos os hebreus, a presença do mar Vermelho viesse parecer o início de uma grande derrota para eles, pois, além do mar ao leste, havia ao norte e sul deserto que os cercavam por todos os lados, e a presença do exército que vinha do oeste com ameaças sobre suas vidas. E foi assim que a revelação da presença do Verdadeiro Deus foi anunciada – 14.1-18

c) *Terceiro*: Embora, o momento parecesse ser atormentador, ou seja, uma noite que parecia não ter mais fim, os hebreus foram confortados por saber que o Senhor estava com eles – 14.19-20.

d) *Quarto*: Do mar Vermelho ao deserto de Sur, após três dias de caminhada chagaram a Mara e através de uma árvore do deserto o Senhor proveu água potável para seu povo – 15.22-25.

e) *Quinto*: Após terem saído de Mara, passado pelo território de Elim, eles chegaram ao deserto de Sim, que estava entre Elim e o Sinai, onde tiveram a provisão de carne (codornizes) e pão (maná) – 16.1-36.

f) *Sexto*: Quando o povo saiu do deserto de Sim, em direção ao Sinai, eles acamparam em Refidim, porém ali não havia água para o povo beber. Mais uma reivindicação do povo a Moisés que se sentia oprimido pela cobrança que vinha sobre ele e ele foi consultar ao Senhor. Novamente, mais uma ação sobrenatural: A rocha libera água para dessedentar o povo – 17.1-7.

g) *Oitavo*: Algo de inusitado estava para acontecer em Refidim. Amaleque veio para pelejar contra o povo hebreu que ali estava acampado, porém, a Josué foi dada uma ordem de escolher alguns homens e ir à defesa do povo, e ele juntamente com Hur e Arão iriam subir o monte e ali Moisés estendeu suas mãos aos céus e Josué teve uma grande vitória contra os homens de Amaleque – 17.8-16.

Após terem vivenciado uma grande vitória sobre os egípcios nas águas do Mar Vermelho, agora os hebreus vivenciam outra grande vitória após terem bebido da água da rocha. Parece que foi nesta ocasião que Josué recebeu o título de comandante geral do exército de Israel (cf. v.14).

Deus faz Aliança com o povo

Não é uma novidade que os filhos de Israel saíram do Egito cercados por um grupo de outras pessoas que não fossem descendentes originais. Este grupo de pessoas foi identificado como "Vulgo" – Nm 11.4-7. Quando falamos que Israel desejou voltar ao Egito, atraído por suas iguarias, podemos estar enganados, pois, o texto citado define que são os não-israelitas que anelavam por isso. É aceito por diversos comentaristas das Escrituras, que estes "Vulgos", eram pessoas legitimadas do Egito e que foram atraídos pela forma como o Deus de Israel reagia em função desse povo.

Após tudo o que foi realizado pelo Senhor, chegou o momento de Israel conhecer a Legislação que os daria a oportunidade de moldarem-se aos padrões da Teocracia que eles ainda não conheciam. Em Êx 20.1-17 Deus entrega a Sua Lei a Moisés de forma oral, porém, em Êx 31.18 encontramos o Senhor entregando a Lei Escrita em tábuas de pedra a seu servo Moisés. Além das Dez Legislações de Deus, o Senhor entregou a Moisés algumas leis que estão relacionadas à: Leis Cerimoniais, Leis Sacrificiais, Leis de Rituais, Leis Morais e Leis Ministeriais.

O Tabernáculo estava sob a responsabilidade de Bezalel, o filho de Uri, filho de Hur da tribo de Judá (Êx 31.2) e Aoliabe, filho de Aisamaque, da tribo de Dã (Êx 31.6) que, mesmo sem verem o que Moisés viu, foram capacitados pelo Senhor para fazerem toda obra de fundição, obra de linho torcido, obra de prata e bronze, para que o Senhor pudesse habitar entre eles no deserto do Sinai.

O Povo de Israel as Margens do Jordão

Moisés já havia estado na liderança de Israel por uma longa jornada de 40 anos. Quando ele com o povo chegaram às regiões de Moabe, após terem enfrentando uma longa jornada pelas terras de Edon, a conclusão de que Moisés chegou era que os filhos de Israel deveriam entrar em Canaã pelo leito do Jordão. A localização em que estavam os colocavam defronte com a Cidade de Jericó, que por sua vez, era bem protegida por uma grande muralha. Porém, Moisés não atravessaria o Jordão com os filhos de Israel – Nm 20.11; Dt 1.37; 31.2.

Mesmo que o Legislador do povo não fosse atravessar o Jordão, ele deveria dar as devidas orientações de como seria e para quem seria dividida a terra que eles passariam a possuir. Sabendo desta atitude de Moisés, os representantes das tribos de Ruben, Gate e a Meia tribo de Manassés, foram até Moisés e declararam suas intenções em permanecerem aquém do Jordão (cf. Nm 32.1-5). Moisés entendeu que eles desejavam a terra em que estavam, pois havia em suas posses muito gado e aquela terra era ideal para a pecuária. Sendo assim, Moisés dividiu a terra da seguinte forma:

> a) *A localização de Gate*: Os filhos de Gate ficariam com as terras de Dibom, Atarote, Aroer, Atarote-Sofã. Jazer. Jogbeá, Bete-Nimra, Bete-Harã. Todas essas cidades eram fortes e já havia bastantes currais para o rebanho.
>
> b) *A localização de Ruben*: Os filhos de Ruben ficariam com as terras de Hesbom, Eliabe, Quiriatarim, Nebo, Baal-Meom e Sibna. Essas cidades mais tarde receberam outros nomes pelos filhos de Ruben.

Em relação à meia tribo de Manassés, os que pertenciam ao comendo de Maquir, ficaram na região do sul, conhecida como Gileade, que fazia fronteira com as terras de Ruben e Gate. Os que estavam sob a liderança de Jair, ficaram a parte do norte, onde se localizava Argob, que pertencia a Ogue. Este grupo que estava com Jair ficou no norte em localidades como Maaca e Gesur, acima do Lamurque, passando a chamar a terra de Havote-Jair – Dt 3.13-14.

Josué Estabelece a Entrada na Terra

Chegou o momento de maior expectativa para o povo de Israel: A entrada na terra de Canaã. Em conformidade com os relatos de Dt 34.1-7 Moisés recebeu uma ordem do Senhor de ir até ao cume do Pisga, Monte Nebo, que fica localizado frontalmente com Jericó, e ali Moisés viu toda a terra de Canaã; ali Moisés morreu e o Senhor sepultou seu corpo em um vale que está localizado próximo de Bete-Peor, estando ele com a idade de 120 anos. Josué agora está com a responsabilidade de levar o povo a finalizar o processo da conquista da terra, assim como o Senhor havia prometido.

O tempo do ministério de Josué

Josué inicia seu ministério com a idade de 80 anos, e por um período de 30 anos ele comanda o povo de Israel na tomada da terra. Estando com a idade de 110 anos, Josué morre e é sepultado em Timnate-Sera, nas montanhas de Efraim, ao norte de Gaás – Js 24.29-30. Sendo assim, podemos dizer que o tempo da conquista da terra fora de 30 anos. Josué escreveu detalhes importantes da entrada dos israelitas em Canaã, que hoje nos ajudam a entender a razão de ter o povo ficado no deserto por 40 anos.

A conquista da terra

Todos os que estão vivenciando esta conquista, são israelitas que nasceram no deserto, ou seja, uma segunda geração, excetuando Josué e Calebe. Todos os que saíram do Egito, cerca de 40 anos atrás, não tiveram a oportunidade de entrarem na terra, justamente por causa da incredulidade – Hb 4.2. A peregrinação só terminaria quando todos eles tivessem morrido na jornada Sinaítico – Js 5.6.

O general de Israel foi orientando pelo Senhor como deveria agir nas preliminares da conquista da terra (cf. Js 1.10-15; 3.1-8; 4.1-5; 6.1-10; 20-27), mantando todos que habitavam ali. Porém, em Dt 7.1-3 está uma ordenança do Senhor, que os filhos de Israel não deveriam se formalizar em qualquer tipo de relacionamento

com aquele povo. Em relação a esta questão, MERRILL explica que:

> Essa política foi aplicada de forma semelhante após a derrota de Seom e dos amoritas na Transjordânia (Dt 3.6). Moisés também tinha exortado Israel a colocar algumas das cidades cananéias sob *herem*, explicando que isso significava que eles não poderiam fazer acordo nem se unirem em casamento com eles (Dt 7.1-3). Pelo contrário, Israel deveria destruir seus altares, pedras sagradas, os postes de Aserá e as imagens (v. 5). A razão era que Israel, mesmo sendo um povo separado por Deus, poderia retornar ao paganismo através da influência dos cananeus (Dt 20.17,18). É óbvio que *herem* às vezes limitava-se à destruição completa do povo, não se aplicando às cidades propriamente ditas. E exatamente este o significado das palavras de Moisés quando disse que Jeová entregaria a Israel cidades que eles não haviam edificado casas cheias de bens e cisternas que eles não haviam construído (Dt 6.10,11; 19.1).[16]

Em todos os sentidos, o Senhor não estava agindo para destruir, mas, sim, para construir uma nova história, sob um novo povo, com uma nova política. BRIGHT define esta questão, fazendo a seguinte análise:

> Todavia, não há nenhuma razão para se duvidar de que, como o descreve a Bíblia, foi um acontecimento brutal e sanguinolento. Foi à guerra santa de Iahweh, com a qual ele deu a seu povo a Terra Prometida. Ao mesmo tempo, devemos nos lembrar de que o *herem* foi aplicado apenas no caso de certas cidades canaanitas que resistiram. De modo algum a população da Palestina foi exterminada. Ademais, há muitas razões para se acreditar que inúmeros elementos dessa população — especificamente hebreus, mas também de outras origens — fizeram causa comum com os israelitas e lhes prestaram toda a ajuda.[17]

Neste momento, o que realmente deve ser levado em consideração é que o Senhor está cumprindo a promessa que foi por Ele feita aos seus servos no passado (cf. Gn 12.1-3; 15.4-5; 17.1-8; 18.1-18; 22.12-18; 28.10-15). O povo somente teria que confiar e obedecer ao Senhor, pois era Sua Poderosa Palavra que estava sustentando todo o início desta história.

16 HERRILL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. 4 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 108.

17 Cf. BRIGHT, John. *História de Israel*. 1 ed. São Paulo: Editora Paulus, 2003.

Fé, a arma contra os inimigos

O personagem humano de destaque nesta história, sem dúvida alguma é Josué. O nome "Josué" sig. "YHWH é Salvação". No idioma grego, este nome é mencionado como "Jesus". Podemos assim dizer que Josué serviu de um modelo veterotestamentário, para revelar o que realmente seria a primazia do ministério do Senhor Jesus Cristo: Salvar o homem e lhe garantir um novo lugar de habitação – Jo 14.1-3.

Diante de tantos conflitos para que os inimigos de Israel fossem derrotados, o Senhor se manifesta em campo da batalha e se identifica como: "Príncipe do exército do Senhor" – Js 5.13-15. Temos aqui uma "*Theofania*", onde Cristo se revela fisicamente (não confundir com Sua humanização), por esta razão, encontramos Josué se inclinando diante dele e O adorando, e Ele recebendo esta adoração. O que jamais seria possível se fosse apenas um dos milhares e milhares dos anjos do Altíssimo.

Tanto Israel como os moradores de Canaã, teve que conviver com uma nova forma de ver a ação de um Deus Verdadeiro. Para os cananeus, esta era uma experiência nada convencional; para os israelitas, esta era uma oportunidade de ampliar uma fé verdadeira e desconhecida até então. Os israelitas deveriam crer que nada que fosse conquistado ali, seria fruto de suas habilidades ou potencialidade de suas espadas. O Senhor era quem peleja por eles, outorgando assim, a possibilidade de eles habitarem em uma terra, que está segura por alianças verdadeiras.

A História dos Juízes

Não há como falarmos da história de Israel, sem que para isto façamos referência aos juízes que julgaram as tribos desta recém-criada nação, e que, por questão de desobediência já estavam vivendo as opressões dos povos vizinhos. Em cada tempo ou ocasião, os filhos de Israel se encontravam em oposição ao Senhor, por causa da idolatria, da violência, das injustiças, dos relacionamentos com mulheres de outros povos, e por esta questão o Senhor se afastava

do meio do povo e o povo se via em dificuldades e aflições diante dos inimigos.

Para que estas situações fossem resolvidas, a cada tempo o Senhor levantava um homem ou uma mulher, e com esta escolha o Senhor julgava a causa de seu povo. Podemos conhecer os juízes que foram escolhidos pelo Senhor, antes de comentarmos de forma individual algo sobre cada um deles:

• *O primeiro*: *Otniel* – Jz 3.9-11. O nome Otniel sig. "Leão de Deus". Ele foi filho de Quenaz, irmão mais moço de Calebe, Otniel casou-se com Acsa (Acsa em hb. sig. Tornozeleira), a filha de Calebe; ele foi o primeiro juiz de Israel, o qual, depois da morte de Josué, livrou os israelitas da opressão de Cusã-Risataim.

• *O segundo*: *Eúde* – Jz7- 3.15-30. O seu nome sig. "Eu agradecerei" ou "Eu serei louvado" ou "completo, união"; o nome Eúde só é visto além do Livro de Juízes em I Cr 8.6. Eúde foi juiz benjamita uma das tribos de Israel que libertou o povo da opressão de Moabe. O outro benjamita foi filho de Bilã, e provavelmente não é a mesma pessoa I Cr 8.6.

• *O terceiro*: *Sangar* – Jz 3.31. Seu nome sig. "espada". Foi filho de Anate e, um juiz de Israel; com uma aguilhada de bois ele feriu 600 filisteus e libertou a Israel.

• *O quarto*: *Débora* – Jz 4.4-24. Seu nome sig. "abelha". Em Gn 35.8 temos a ama de Rebeca que a acompanhou desde a casa de Betuel e tinha este nome; em juízes Débora foi uma profetiza que julgou sobre Israel; *Baraque* = Seu nome sig. "relâmpago" ou "raio" filho de Abinoão, de Quedes, que, incitado por Débora, uma profetiza de Efraim, libertou os israelitas do jugo de Jabim ao derrotar os cananeus na planície de Jezreel. (Vale lembrar aqui, que a glória desta vitória foi dada a Jael – Jz 5.24-27).

• *O quinto*: *Gideão* – Jz 6.11-8.32. Seu nome sig. "o lenhador"; um dos juízes de Israel que os libertou dos Midianitas.

• *O sexto*: *Tola* – Jz 10.1-2. Seu nome sig. "verme vermelho ou escarlate". Temos aqui uma analogia ao ministério de Cristo Jesus.

• *O sétimo*: *Jair* – Jz 10.3-5. Seu nome sig. "ele esclarece". Um descendente de Manassés que venceu muitas cidades durante a época da conquista; o gileadita, um juiz de Israel por 22 anos durante o tempo dos juízes; pai de 30 filhos.

• *O oitavo*: *Jefté* – Jz 11.1-12.7. Seu nome sig. "a quem Deus libera". Filho de Gileade, e um juiz de Israel.

• *O nono*: *Ibsã* – Jz 12.8-10. Seu nome sig. "sua brancura (literalmente seu estanho — como branco)"; um juiz belemita da época dos juízes.

• *O décimo*: *Elom* – Jz 12.11-12. Seu nome sig. "terebinto, poderoso". Segundo filho de Zebulom; juiz de Israel nascido em Zebulom.

• *O décimo primeiro*: *Abdom* – Jz 12.13-15. Seu nome sig. "servil". Um juiz de Israel na época dos juízes; talvez o mesmo que 'Bedã'.

• *O décimo segundo*: *Sansão* – Jz 13.1-16.31. Seu nome sig. "como o sol". Juiz famoso de Israel, renomado pela sua força física.

• *O décimo terceiro*: *Eli* – I Sm 4.14-18. Seu nome sig. "elevadíssimo", "exaltado", "o Altíssimo" ou "O meu Deus é Excelso".

• *O décimo quarto*: *Samuel* – I Sm 3.1-25.1. Seu nome sig. "pedido de Deus" ou "Deus ouve". Foi juiz, sacerdote e profeta.

Esses foram os homens que se destacaram em uma época onde a *Theocracia* era predominante em Israel. Desta forma, o Senhor escolhia homens e por meio deles, defendia o interesse de seu povo.

Os juízes fazem parte da história de um povo que surgiu de impossibilidades. Desde que Abraão foi convidado pelo Senhor para iniciar um projeto, onde ele não poderia nunca ter imaginado que

seria possível, sua descendência passou a viver eventos contínuos de sobrenaturalidade. O nome "*juízes*" em hebraico é "*Shof'tim*". Esses foram homens que Deus escolheu e os capacitou para atuar em tempo de crises espirituais. É aceito que este tipo de crise é a mais difícil de ser administrada. Todavia, através desses personagens, o Senhor amparou os israelitas com conquistas inimagináveis.

Rute – Uma História Atípica

Embora, seja o livro de Rute uma pequena literatura entre tantas de alta magnitude, este livro nos traz um testemunho de como Deus pode agir diante de um coração determinado em Lhe servir de forma incondicional. Mesmo que este livro esteja dando continuidade à história de Israel, em Rute encontramos a maior tipologia do ministério que a Igreja do Senhor Jesus Cristo viria executar em tempos muito distantes.

O que realmente nos informa este livro? Bem, em princípio, devemos entender que estamos em um tempo que precede os dias de Josué e antecede os dias de Samuel. Sendo assim, a historicidade de Rute pode estar entre os anos de 1200 a 1150 a.C. Até por que, devemos analisar a genealogia no final do livro – Rt 4.18-22. Entre Boaz e Davi, temos quatro gerações. Se levarmos em consideração trinta anos para cada um dos personagens, teremos um total de cento e cinquenta nos, o que está em evidencia com a datação do inicio da monarquia em Israel que foi em 1050 a.C.

A história de Rute é uma verdadeira travessia que divide os dias dos juízes com o tempo de Samuel. Diante do senário introdutório desta literatura, podemos entender que o povo não estava vivendo um problema com outros povos, mas, sim, com ordens naturais e climáticas. O que se pode ressaltar neste livro é:

> → *Primeiro*: *Nem todos estavam perdidos*. Embora, havia muita ação pecaminosa entre os israelitas, nem todos estavam na mesma qualidade de pecadores. Os pecados que marcavam esta época podem ser identificados como: pecado de idolatria, desequilíbrio concupiscível, violências generalizadas. Mesmo

diante de todos esses conflitos de relacionamento entre o povo e Deus, o Senhor estava nutrindo os fiéis com bênçãos insondáveis.

→ *Segundo*: *Nem todos viviam as benesses do Senhor*. Uma coisa é o povo ser alvo da misericórdia de Deus, outra coisa é o povo ser alvo das benesses do Senhor. Mesmo que uma maioria estava andando na contramão da vontade de Deus. Uma dessas questões pode ser vista na casa de Elimeleque. Não foi somente a fome que assolou as bases de sua família. Outros males sobrevieram que afetou todo um complexo psicológico. Mas, diante de todo este impasse, tanto Noemi como Rute, puderam viver uma ação graciosa advinda da parte do Senhor.

→ *Terceiro*: *Nem todos que são de fora, ficam de fora*. Na saída do povo das terras egípcias, um grupo de pessoas infiltradas entre os hebreus foram à razão de muitos pecados. Diferente de Rute, uma moabita que não possuía as promessas feitas a Abraão, entrou na terra de Israel, integrou-se ao povo de Deus, se converteu a fé dos israelitas em um Deus que antes não conhecia, creu em Sua Fidelidade, e passou a usufruir de riquezas antes não possíveis. Nem todo mal, termina em mal para nossas vidas.

Diante de tudo o que podemos aprender neste pequeno livro, é que o Senhor não tem qualquer dificuldade em recompensar uma fé genuína, uma fé incondicional, uma fé que permite seu possuidor acreditar fielmente em algo que não existe, como se este algo fosse mais que uma realidade diante de seus olhos – Hb 11.1-6.

Contexto dos capítulos de Rute

Não seria viável finalizar um comentário sobre este livro, sem que para isto, uma visão panorâmica fosse feita sobre cada um dos quatro capítulos aqui contidos. Sendo assim, veremos os assuntos que os envolvem:

Capítulo – 1

Entre tudo que poderíamos compreender como ação na vida de uma pessoa, como de toda uma família, nada se compara a família de Elimeleque. Uma família que residia em uma terra que fora conquistada através de uma aliança entre Deus e a árvore genealógica de Israel: Abraão. Nada se faz justificável alguém migrar de um local onde Deus estabeleceu como "terra que mana, leite e mel", justamente por questão de uma seca.

O resultado desta tomada de decisão resultou em casamento dos filhos de Elimeleque (Marlon e Quiliom) com mulheres moabitas: Rute e Orfa. Noemi teve a triste experiência de vivenciar a morte de seu marido, assim como também de seus dois filhos, e ter que tomar a árdua decisão de voltar para sua terra natal. Impulsionada pela dura realidade da vida, Noemi aconselha suas duas noras a que retornem para seus lares paternos, e busquem construir uma nova família. Todavia, o que ela jamais imaginaria, era que Rute jamais a deixaria voltar desacompanhada num trajeto de 75 quilômetros, entre Moabe e Israel.

Capítulo – 2

A história de Rute em terras israelitas não inicia como uma mulher empalhada em uma zona de conforto, passando todo o tempo em lamentar perdas e desastres. Rute é uma mulher aguerrida e não se intimida pelas circunstâncias. Ao amanhecer do dia seguinte, Rute declara que vai ao campo para apanhar os grãos que eram deixados para trás. Ela chega ao campo que pertencia a Boaz, o parente de Elimeleque. Podemos acreditar que foi o próprio Deus quem a direcionou para este local, onde uma nova etapa da história de Rute teria início.

Quando Boaz chega ao campo para uma inspeção rotineira, ele avista a jovem Rute e logo um interesse sobressalta em seus sentimentos pela jovem até então desconhecida. A pergunta que faz Boaz: "De quem é esta moça?" – Rt 2.5, logo nos sugere que Boaz não a conhecia e que algo havia lhe despertado o interesse por ela. O que

podemos destacar aqui, que fez a grande diferença entre Rute e os demais que respigavam:

a) *Primeiro*: Boaz ficou muito satisfeito com a fidelidade de Rute em relação à Noemi. Ele não acreditava que uma jovem moabita fosse tão especial como esta que estava em sua frente.

b) *Segundo*: Boaz providenciou cuidadosamente recursos impares para Rute, fazendo assim as seguintes recomendações (cf. Rt 2.8-9):

• Rute não deveria ir colher espigas em outro campo.

• Rute não poderia deixar as regiões que mediam as terras de Boaz.

• Rute deveria ficar junta com as demais moças que segavam naquele campo.

• Rute deveria saber que os demais homens daquele campo não poderiam fazer qualquer coisa que a incomodasse.

• Rute não deveria sair nem para beber água em outro lugar. Ela deveria beber da água que já estava disponível aos trabalhadores de Boaz.

c) *Terceiro*: Boaz coloca Rute para alimentar-se juntamente com os demais, incluindo ele. Paul Hoff diz que "As pessoas significavam para ele mais que o dinheiro e uma boa colheita".[18] Hoje, não é tão fácil encontrarmos pessoas que valorizem mais o ser humano que os recursos que ele pode gerar. Lembramos que o Senhor Jesus sempre deu mais valor ao homem, do que suas próprias habilidades. Paulo se refere a isto, quando escreve Fp 2.3-5.

Um detalhe importante aqui, é que Boaz faz parte dos que tem o direito e o dever de agir como "remidor" de Noemi, e consequentemente, de Rute – Rt 2.20. Uma esperança nasceu no coração de Noemi, dando-lhe a certeza de que o Senhor estava fazendo algo para que Rute pudesse ser recompensada pela sua

18 HOFF, Paul. *Os Livros Históricos*: a poderosa atuação de Deus no meio do seu povo. 4 ed. São Paulo. Editora Vida, 2003, p. 97.

fidelidade. A palavra "remidor" do hb. "*g'eullah*" segundo STRONG, sig. "parente", "redenção", "direito de redenção", "preço de redenção". Enquanto que a palavra hb. "*go'el*" sig. "contaminação", "impureza" (STRONG, 01352, 01353). Todavia, é utilizado o termo "*go'el*" para se referir ao "resgatador" ou "remidor".

Capítulo – 3

Estamos em uma ocasião muito especial, pois a sega havia terminado. Era o momento mais que oportuno de Noemi ver acontecer à remissão das terras de Elimeleque, como também, a construção de uma família entre Boaz e Rute. Que Boaz já estava interessado em Rute é mais que óbvio, desde a primeira vez que ele á viu. Podemos entender que este mesmo sentimento pairava sobre o coração de Rute quanto a Boaz. Agora, era só Rute entender o que a cultura israelita relacionava sobre este assunto e seguir doutamente as diretrizes de Noemi – Rt 3.3-5.

O resultado de sua obediência às orientações de Noemi será a possibilidade de Boaz realizar a remissão sem que haja para isso qualquer dificuldade. Embora, estamos comentando sobre um ponto histórico na vida de Rute, não podemos deixa de comentar que, esta é uma das questões que a Igreja deve também observar. O Espírito Santo nos orienta em tudo o que devemos fazer, para que no final de nossa história aqui na terra, ela possa ser confirmada por Jesus Cristo assim como foi projetada pelo Pai.

Capítulo – 4

Este quarto capítulo faz a finalização da literatura do Livro de Rute. Nele nós encontramos alguns rastros de como o Senhor conduziu esta jovem mulher a uma posição de excelência. Ao passo que fazemos uma breve leitura no texto, algumas tradições são apresentadas que nos auxiliam na compreensão da cultura de Israel. Entre esses pontos culturais, destacamos os seguintes:

a) Uma terra não poderia ficar sem um remidor. Sendo assim, o parente mais próximo do antigo dono da terra

deveria compra-la, para que outro não viesse e dominasse sobre a propriedade, levando ao esquecimento a memória do antigo dono. Esta era uma forma de preservar a identidade do povo.

b) Além de fazer esta remissão (a compra a terra), o remidor deveria aceitar se casar com a esposa do parente morto, em especial se ele não tivesse tido filhos antes de morrer. Nesta questão, o primeiro filho que nascesse deste casamento, deveria ser considerado filho do parente falecido, e herdeiro do que ele havia deixado.

c) O ato de o remidor por direito descalçar os sapados na presença da sociedade, era uma declaração de que não estava interessado ou condicionado a possuir a herança do parente falecido. Sendo assim, o parente que possuía o direito secundário deveria confirmar seu interesse diante do desinteresse do primeiro parente. Esta confirmação era feita com a retirada dos sapatos. Este ato implicava em dizer que este parente não deveria nem se quer pisar nas terras do parente falecido, pois agora ela foi redimida por outro.

Nesta ocasião, Boaz que já havia revelado seu interesse por Rute, estava determinantemente pronto para assumi-la como esposa. O casamento fora realizado e no tempo determinado, Rute deu o primeiro filho a Boaz. Noemi sem qualquer ressalva aceitou tomar conta do filho-neto, e assim, todos passaram a elogiá-la. Rute foi integrada no povo de Israel, sendo comparada a Raquel e Lia que o Senhor aceitou que fizesse parte da casa de Abraão, Isaque e Jacó.

Esta é a razão pela qual encontramos no final do livro uma genealogia, embora iniciada sobre a pessoa de Perez, que foi o filho que Tamar deu Judá. Esta genealogia finaliza na pessoa de Davi, que é considerado o rei mais justo que a monarquia de Israel possuiu. Este caráter de Davi, provavelmente foi herdade de sua bisavó Rute.

Os Escritos de I e II Samuel

Estamos entrando em um tempo que será marcado por diversas situações marcantes na história de Israel. O Livro de I e II Samuel foram escritos para nos mostrar como Deus acompanha de perto o trajeto de seu povo. É bom que entendamos que na construção da Bíblia Hebraica, o livro de Samuel é uma só obra. Somente na Septuaginta é que iremos encontrar este livro sendo dividido em dois rolos.

Primeiro Samuel

Esta obra tem como autoria a pessoa de Samuel. A introdução deste livro narra um conflito que havia na família de um homem chamado Elcana da linhagem de Efraim – 1.1. Este conflito só termina quando Deus permite que Ana, a esposa de Elcana dá a luz a uma criança que veio se chamar: Samuel. Este foi prometido ao Senhor, e passou a servir ao Senhor assim que foi desmamado.

Samuel possuía uma personalidade singular. Havia outros jovens de sua idade, porém, ninguém que nutria a personalidade que Samuel. Este serviu ao Senhor como um verdadeiro patriota, assumindo as posições de sacerdote, profeta e juiz. Os dois livros que levam o nome de Samuel, narram eventos marcantes ocorridos na história de Israel. Entre esses eventos, citaremos o período da transição de governo Theocrático pelo monárquico. Este monarquia foi dividida em três períodos: a) Monarquia Saulítica – marcada pela desobediência de Saul; b) Monarquia Davítica – Marcada pela obediência e integridade de Davi; c) Monarquia Salomônica – Marcada pela glória da riqueza e pela idolatria.

A Monarquia de Israel

Não seria mais viável ter Deus como Governo pleno, ao invés de uma monarquia, onde o povo deveria mais dar do que receber? Não seria melhor estar sujeitado a um Governo que tem o domínio de todos os governos mundiais, que estar subjugado por uma

monarquia onde os limites seriam a terra de na qual se vive? Ou seria mais viável ter uma monarquia temporária, ao invés de ter um Governo Soberano e Eterno? Bem, a história monárquica de Israel irá revelar que as escolhas do homem, sempre que se conflitam com as escolhas de Deus, a perda e o fracasso são mais garantidos que o sucesso e as vitórias.

Monarquia Saulítica – *Marcada pela desobediência de Saul.*

Este período monárquico tem seu início com uma queixa que podemos assim dizer, está em plena harmonia com a finalização do Livro de Juízes: "Também os filhos de Israel partiram dali, cada um para a sua tribo e para sua família; e saiu dali, cada um para a sua herança. Naqueles dias não havia rei em Israel; porém cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos" – Jz 21.24-25. Esta é a questão mais aceitável entre os comentaristas da História de Israel, como sendo a causa de o povo ir até Samuel e requisitado para eles um rei – I Sm 8.1-5.

A solicitação de um rei

Após o povo representado pelos principais de Israel terem solicitado um rei a Samuel, Samuel foi colocar esta solicitação diante do Senhor. A princípio o povo argumentava que a razão seria que Samuel estava já bastante velho; outros entendiam que seus filhos eram incapazes de liderar em seu lugar, devido os desvios de caráter que havia neles. Todavia, Samuel entendia que o Senhor reagiria negativamente, não permitindo esta questão, o que para sua surpresa, o Senhor fez diferente: "E disse o Senhor a Samuel: Ouve a voz do povo em tudo quanto te dizem, pois não te têm rejeitado a ti, antes a mim me têm rejeitado, para eu não reinar sobre eles" – I Sm 8.7.

Alguns eventos em torno da nação estavam causando desconforto ao povo. A sociedade israelita sabia que uma ameaça cobria os céus de Israel, advinda dos filisteus. Os filisteus dominavam o mercado, a produção e o comercio do ferro. Israel

não possuía nem homens que lidassem com os trabalhos mais simples que eram dar manutenção nas ferramentas de uso agrícola – I Sm 13.19-21. Ainda na forma Theocrática de governar, o Senhor levantava homens possuídos pelo Espírito Santo e lutavam em favor de Israel. Mas, agora, o povo estava desejando serem iguais às demais nações e ter um rei humano que lhes dessem a devida segurança. Esta questão já havia sido alertada pelo Senhor em tempos remotos como está registrado em Gn 17.6; Nm 24.17; Dt 17.15.

A confirmação de um rei

Ao fazermos uma leitura nos capítulos 9 a 11 de I Samuel, iniciamos a trajetória histórica da escolha monárquica pelo povo. Quando é feita uma leitura descuidada desses capítulos, certamente se compreendem que o Senhor estava escolhendo a Saul, por se tratar de um homem com aspectos agradáveis; um homem que sobressia a todos em altura; um homem que não possuía medo em seu coração. Aos olhos de Samuel, parecia que Saul era uma escolha ideal, alguém perfeito para reinar sobre Israel. E, não seria por menos, pois os primeiros anos de seu governo, ele criou esperanças indissolúvel no coração do povo. Todavia, o tempo é o melhor mestre para nos ensinar a verdade quanto à vida.

a) Em uma batalha contra os filisteus, Saul entendeu que ele era a causa da vitória do exército de Israel – I Sm 13.3-4. O que podemos entender aqui, é que Saul deixou de glorificar a Deus, para reter a glória para si mesmo.

b) Nesta mesma batalha, os filhos de Israel se firam alarmados pela presença do exército dos filisteus. Era algo desproporcional a diferença entre os soldados de Israel em relação aos soldados dos filisteus. Todavia, o profeta Samuel pediu que ele aguardasse o prazo de set dias, até que viesse ao acampamento em Gilgal, onde estaria oferecendo um sacrifício ao Senhor. A fé, a confiança e o autocontrole de Saul estavam sendo testado.

> c) Saul não sabia mais ele estava em uma batalha interna mais acirrada que a com os filisteus. Todavia, para vencer os filisteus ele precisa lutar com a espada, e para vencer a si próprio, ele deveria lutar com a obediência. Só que em relação a isto, ele estava desarmado. Não era somente o povo que Saul estava vendo ir embora, sua confiança em Deus, sua oportunidade de ser aprovado pelo Senhor, e sua forma de liderar, estavam indo silenciosamente, deixando-o em plena desvantagem.

A derrota de Saul foi consumada quando ele disse: "trazei-me aqui um holocausto, e ofertas pacíficas. E ofereceu o holocausto" – I Sm 13.9. Com esta atitude, Saul desconsiderou a importância do sacerdócio; negou a fidelidade de Deus e de Samuel, e provou que não estava preparado para lutar ao lado de Deus. O Senhor, porém, não deixa sua misericórdia fenecer pelas ações errôneas dos homens. O Senhor tinha mais uma oportunidade para dar a Saul.

Saul desobedece mais uma vez

O profeta Samuel foi mais uma vez ao encontro de Saul e lhe disse: Vai, pois, agora e fere a Amaleque; e destrói totalmente a tudo o que tiver, e não lhe perdoes; porém matarás desde o homem até à mulher, desde os meninos até aos de peito, desde os bois até às ovelhas, e desde os camelos até aos jumentos – I Sm 15.3. Esta era uma oportunidade de ouro para Saul se redimir diante do Senhor e do seu profeta. Era muito simples, seria só cumprir esta ordem do Senhor e seu relacionamento com o Senhor estaria estabelecido.

Todavia, o que encontramos no comportamento de Saul, foi totalmente diferente do que o Senhor lhe havia dito. Saul infringiu as ordenanças do Senhor, poupando a vida de Agague, guardou as ovelhas de melhor porte aos seus olhos, edificou um monumento em memória do que estava fazendo. Ou seja, os atos de Saul possuem critérios egoístas e nenhum aspecto de obediência. As razões desta desobediência ainda é uma incógnita.

Quando o profeta encontrou-se com Saul em Gilgal, logo ele detectou algo anormal. Samuel interroga a Saul dizendo: "Que

balido, pois, de ovelhas é este aos meus ouvidos, e o mugido de vacas que ouço"? – I Sm 15.14. Primeiro Saul não assumiu sua responsabilidade, direcionando a questão como de responsabilidade do povo – v.15; logo em seguida ele se declara responsável, porém, com desculpas escusas, pois sabia que havia mais uma vez fracassado diante do Senhor – I Sm 15.20-21. A resposta do profeta levou Saul ao delírio. O Senhor teria mais prazer em sacrifícios que em obediência? Não há como agradar ao Senhor, buscando obedecê-lo parcial ou superficialmente.

Na história monárquica de Israel, o primeiro que vestiu uma coroa real, não foi aprovado por Deus, por um único motivo: desobediência. Este elemento no caráter de Saul o perseguiu até o final de sua vida.

Monarquia Davítica – Marcada pela obediência e integridade de Davi.

O cap.16 de I Sm inicia com o Senhor legando ao profeta uma nova missão: ir até Belém, para que um novo rei possa ser ungido – I Sm 16.1. Embora Saul tenha fracassado em todos os sentidos diante do Senhor e ter sido por Ele reprovado e rejeitado (I Sm 15.26), parece que Samuel ainda nutria alguma esperança na regeneração de Saul. Todavia, o Senhor já havia declarado que um novo rei haveria de assumir a monarquia israelita. Mas, quem seria este rei? – I Sm 15.28. De quem o Senhor estava falando, quando disse que já havia alguém preparado para assumir o lugar de Saul? – I Sm 13.13-14.

A introdução de Davi na monarquia

Em primeiro lugar devemos entender que Davi foi o primeiro rei de Israel que recebeu o Espírito Santo antes de receber a cora – I Sm 16.13. O que vamos ver no ministério de Jesus Cristo – Mt 3.16. A ida de Davi para a casa real foi algo meio que proposital. Davi precisava ir se adaptando ao novo estilo de vida. Embora, as circunstâncias não eram as melhores, pois ele teve que lidar com Saul por um período de aproximadamente treze anos. Neste período de tempo, Davi não só serviu fielmente a Saul, como aprendeu a amá-lo e reverenciar a coroa que estava sobre sua cabeça.

Davi no campo de guerra

Em I Sm 17.1-58, iremos encontrar um senário descomunal, onde um só homem ostenta autoridade sobre todo o exército de Israel. Diante de tantas afrontas, Saul ficava intimidado e juntamente com ele seus soldados. A região onde eles estavam é identificada na Bíblia como Socó e Azeca, que fica no termo de Damim. Os filisteus ficavam em uma extremidade e os israelitas em outra, divida por um vale. É interessante que os filisteus não propuseram uma batalha, mas, sim, um duelo entre Golias e qualquer outro soldados do exército de Israel. Segundo a história, esta era uma prática bastante comum entre os povos da antiguidade. Os filisteus se refugiavam em seu homem experiente em guerra; Golias era sinônimo de bravura, de altruísmo. Ele estava estruturado com uma armadura que seu peso era de cinco mil ciclos de bronze (cerca de 100 quilos), a lança que possuía era grande e sua ponta pesava cerca de doze quilos. Ninguém possuía coragem suficiente para aceitar o confronto com Golias.

Todavia, um jovem que fora levar mantimentos para seus irmãos estava entrando no senário da guerra, e acabou por ouvir as afrontas que eram desferidas contra o exército do Senhor. Após algumas idas e vindas de Belém para Socó, Davi ficou sabendo de toda a história. Com uma coragem que não havia em nenhum dos homens de Israel, Davi aceita o combate e vai ao encontro do gigante Golias, que por sua altura, ele media mais de três metros. Ninguém entendia o que estava acontecendo com Davi ou o que estava motivando este jovem rapaz a aceitar tal desafio. Porém, podemos entender que a motivação em Davi pode ser entendida pelos seguintes detalhes:

> Davi era um jovem que já possuía uma certa experiência em confrontos desiguais, pois já havia enfrentado animais que são por sua vez, extremamente perigosos e temidos.
>
> Davi nutria já a unção do Espírito do Senhor que jamais se apartava de sobre ele. Diferente de todos os demais homens de guerra, Davi recebia confiança, coragem e fé, advindas do Senhor.

> Davi conseguiu entender e ver que às afrontas de Golias não atingia somente os homens, mas também a Deus. Israel não é uma nação protegida somente por um exército humano, mas os exércitos do Senhor protegem este povo. Aceitar isto para Davi seria como concordar com a opinião do adversário.
>
> Davi entendeu que esta luta agora era sua e não mais do exército de Israel. Sendo assim, ele não poderia aceitar armas que não possuía intimidade em usá-las. Rejeitar armas de outros, é uma prova de segurança e prudência. Nossas lutas, nossas armas. Davi não tinha lança, escudo, capacete e espada, assim como os demais tinham. Mas, Davi tinha algo que os demais não tinham: Fé!
>
> Davi, mesmo sendo um exímio atirador com a funda, ele não se estribou nisso. Ele sabia que suas armas seriam insuficientes em comparação com as armas de Golias. Por esta razão ele disse: "Tu vens a mim com espada, e com lança, e com escudo; porém eu venho a ti em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado" – I Sm 17.45. Este foi o grande diferencial entre Davi e todos os demais que estavam envolvidos neste confronto. Sejam filisteus, sejam israelitas.

Esta foi uma vitória de alta importância para Israel, porém, para Davi, foi o início de uma perseguição que resultaria em diversos tipos de problemas de relacionamento entre ele e Saul. Mesmo sendo Saul agora o sogro de Davi, pois esta foi à proposta que Saul fez para quem derrotasse o gigante Golias, a inveja e a insegurança de Saul, tornou-se constante e irremediável. O que consolava a Davi era saber que o filho de Saul, Jonatas, o recebia com amor de pai para filho – I Sm 18.3-4. Não há nos livros das Escrituras Sagradas, um relato de uma amizade semelhante à de Davi e Jonatas.

Diversos Eventos na Vida de Davi

A história monárquica de Israel não foi marcada somente por guerras e conflitos políticos externos. Houve diversas situações

que envolveram a vida de Saul, Davi, Jonatas, e muitos outros. Na sequência de I Samuel 18-31, os relatos são diversos em tempo, espaço, propósito e pessoas. Podemos assim, fazer um resumo de tudo o que aconteceu, para entendermos de forma panorâmica os desfechos desses acontecimentos:

I – Primeiro: *A perseguição de Saul contra Davi*.

Em razão das diversas conquistas e vitórias que Davi vinha acumulando em favor de Israel, o povo começou a honrar mais a Davi que a Saul. Este comportamento do povo incitou a Saul o desejo de matar a Davi. Os planos que Saul desenvolveu para que conseguisse matar a Davi, somaram-se vinte e uma vez – I Sm 18.11-30; 19.1-24; 20.24-27; 24.1-7; 26.1-3. Em todas elas, Davi sobreviveu, pois o Espírito Senhor estava sobre Ele.

Não foram poucas às vezes que Davi teve que fugir de Saul, somente para não levar suas mãos contra o ungindo do Senhor. Não podemos associar esta perseguição de Saul contra Davi, em relação à amizade que existia entre Jonatas e o futuro rei de Israel. Todavia, é importante ressaltar que Davi teve que aprender a administrar a admiração de Jonatas (I Sm 18.1-4) e a inveja de Saul simultaneamente – I Sm 18.7-12). Lawrence define esta questão de seguinte forma: "Celebrações, usualmente, seguiam as vitória no campo de batalhas (cf. Êx 15.20; Jz 11.34). O louvor a Davi mostra sua popularidade e explica porque Saul começou a odiá-lo e temê-lo. O homem fraco, e Saul era moralmente fraco, sempre responde com hostilidade quando outros são honrados".[19]

Não somente entre os de Judá, como de todo o Israel, não havia quem não externasse seus sentimentos favoráveis por Davi. Temendo ainda mais a Davi, Saul idealiza coloca-lo em combate contra os filisteus, pensando na possibilidade de Davi morrer em campo de guerra – vv.17-21. Para isso, ele propôs a Davi, lhe trazer cem prepúcios de filisteus. Todavia, para que Saul não se equivocasse com quem ele estava tratando, Davi lhe trousse duzentos prepúcios – v.27.

19 RICHARDS, Lawrence O. *Guia do Leitor da Bíblia... Op. cit*., p. 192.

Os ataques de Saul contra Davi

Podemos listar aqui, todas as perseguições que Saul inferiu contra Davi, que totalizaram em vinte ações na busca de matar este guerreiro do Senhor.

a) *1ª e 2ª perseguições*: Saul se posiciona contra Davi, como já fora mencionada acima – I Sm 18.8-11. A intenção de Saul, possuído por um espirito maligno, seria cravar sua lança e matar o jovem filho de Jessé.

b) *3ª perseguição*: Esta perseguição estava na mente de Saul, para que Davi pudesse ser morto em combate e em sua mão não encontrar a culpa pela morte do ungido do Senhor – I Sm 18.12-19.

c) *4ª Perseguição*: Um possível desafio era colocado sobre Davi, para que este não pudesse retroceder e, no afã de se casar com Mical, ele não rejeitasse o desafio. Esta seria a grande oportunidade de Saul ver Davi ser morto pelos filisteus – I Sm 18.20-30.

d) *5ª perseguição*: Desta vez, Saul quis usar seu filho Jonatas pera ceifar a vida de Davi. O que Saul não sabia, era que Jonatas cuidava de Davi, assim como um pai cuida de seu filho – I Sm 19.1-7.

e) *6ª perseguição*: Após uma batalha contra os filisteus, o que perece já ter virado uma rotina, Davi sai do campo de guerra vitorioso e esta vitória desperta em Saul, mais uma vez o desejo de matar a Davi, com a tentativa de cravar-lhe na parede com sua lança, Saul mais uma vez vê seu plano ser fracassado diante da habilidade de Davi – I Sm 19.8-10.

f) *7ª perseguição*: Nesta sétima tentativa, Davi contou com a ajuda de Mical sua mulher. Sabendo ela do plano de seu pai, ela avisa a Davi e lhe ajuda a fugir pela janela. Como alguém que possuía muita experiência, Mical substitui Davi por uma estátua e engana o homem que fora comissionado a trazer a morte de Davi – I Sm 19.11-14.

g) *8ª perseguição*: Saul, todavia não se importando com a notícia e que Davi estava enfermo, mandou que lhe trouxesse, mesmo que fosse encima de sua própria cama. Com esta decisão obstinada, Saul fica sabendo que havia sido enganado e que Davi estava refugiado em algum lugar – I Sm 19.15-16.

h) *9ª 10ª e 11ª perseguição*: Esta nona perseguição foi atípica em relação a todas às demais que Saul já vivenciara em suas tentativas de matar a Davi. Refugiado em Naiote, sob os cuidados de Samuel, Davi viu que o Senhor havia manifestado seu Espírito sobre todos os que estavam ali. Saul enviou quatro grupos de mensageiros para trazerem a Davi, porém, quando eles chegavam onde estava o povo aglomerado, eles começavam a profetizar e os planos de Saul, mais uma vez eram frustrados – I Sm 19.17-21.

i) *12ª perseguição*: mais uma vez Saul viu que o Senhor estava com Davi. Ao chegar a Sécu, Saul quis saber onde estava Samuel e Davi, o que lhe informaram que estavam em Naiote. Quando Saul chegou a Naiote, ele começa a profetizar e, diferente dos demais, ele fica nu por todo o dia e a noite. A razão de Saul ter despido suas vestes é geralmente ignorado pelos comentaristas. Todavia, podemos entender que esta foi uma forma de o Senhor comunicar a Saul sua atual condição diante dEle – I Sm 19.22-24.

j) *13ª 14ª e 15ª perseguição*: Em todo o contexto bíblico, encontramos vários pontos culturais de Israel. Este que está presente neste texto é uma tradição encontrada em Lv 7.20-21; 15.16; no primeiro dia os planos de Saul foram frustrados; no segundo dia, mais uma vez, e agora, parece que até a posição de Abner era confrontada pela ação de Davi; a vida de Davi corria risco constante enquanto estivesse próximo de Saul. Era preciso que Davi buscasse refúgio em outro lugar – I Sm 20.24-34.

k) *16ª perseguição*: Agora, Davi está refugiado em Queila, Abiatar, o filho de Aimeleque vai ao encontro de Davi, e

levou consigo o éfode, para uma possível consulta ao Senhor. Saul viu a possibilidade de capturar Davi em Queila, e assim, poder mata-lo. Para Davi, estar em Queila seria estar seguro, até que o Senhor lhe confirmou que Saul viria até ele e que o povo da cidade lhe entregaria nas mãos de Saul – I Sm 23.6-12.

l) *17ª perseguição*: Agora, Davi se vê na obrigação de partir de Queila, pois ali não era mais um lugar seguro, nem para ele, e nem para seus homens que agora somavam seiscentos. Partindo de Queila Davi se vê mais seguro em uma região conhecida como Zife; apesar de ser uma região árida, havia muitas cavernas e despenhadeiros. Seria um lugar ideal para Davi se esconder por algum tempo de Saul – I Sm 23.13-15.

m) *18ª perseguição*: O que Davi poderia não imaginar era que havia habitantes naquelas regiões que lhe seriam desfavoráveis diante de Saul. Os assim chamados "zifeus" foram a Gibeá, e deram a Saul a localização do esconderijo de Davi. Saul abençoou o povo e partiu no encalço de Davi – I Sm 23.19-21.

n) *19ª perseguição*: Uma busca incessante contra Davi foi interrompida por uma mensagem de que os filisteus estavam atacando o povo de Israel. Saul teve que retornar, abandonando assim o cerco contra Davi. O local de onde Davi estava, após este ocorrido, passou a chamar-se: *Selá-Hamalecote*, ou seja, Rocha do Escape. Assim, Davi foi para uma região conhecida como *En-Gedi*, que sig. "Fonte da Criança".

o) *20ª perseguição*: Foi em En-Gedi que acontece a penúltima ação de Saul contra a vida de Davi. Este lugar ficou marcado por diversas situações. Todavia, em poupar Davi a vida de Saul, é o maior destaque. Saul pode perceber a grande diferença de caráter que existia entre ele e Davi. Todavia, por mais que Davi buscasse nutrir uma vida de paz com Saul, este jamais lhe deu esta possibilidade. O que Saul queria mesmo era ceifar a vida do jovem belemita – I Sm 24.1-7.

p) *21ª perseguição*: Esta é à última de vinte e uma vez que Saul buscou pela morte de Davi. Saul volta ao deserto de Zife, e uma nova história inicia-se, porém, com semelhanças inquestionáveis. No cap.24.16-22 encontramos um cenário bem semelhante, e Davi ali poupou a vida de Saul. Aqui, mais uma vez e Davi vai poupar a vida de Saul, não sabendo que esta seria a última vez que ele iria sofrer perseguições do seu superior.

As ameaças de Saul contra Davi marcaram o Primeiro Livro de Samuel. Israel teve vários incidentes quanto ao inicio de cada etapa de sua história. No deserto, Moisés se viu em desagrado pela idolatria do povo no Sinai; na entrada de Israel em Canaã, Josué vivenciou uma derrota em Ai, por consequência dos pecados de Acã; em Juízes, o povo estava em plena apostasia ao Senhor, pois a Lei do Senhor não fora aplicada como o Senhor havia ordenado; I Samuel tivemos vários problemas introdutórios: Ana, sofrendo pela ausência de um filho, Eli pela imprudência na criação dos seus filhos, Israel vulnerável aos filisteus, por ocasião de seus pecados, etç... Não será diferente quando iniciarmos o Segundo Samuel, pois esta história ainda tem muito que comentarmos.

Segundo Samuel

Ao estudarmos a História de Israel em I Samuel, entendemos que o Senhor foi quem escolheu a Davi, para que este reinasse sobre seu povo. Aqui em II Samuel, encontramos todo o desfecho, não só deste governo, como de toda a vida de Davi. Em relação às Escrituras, Davi é mencionado por diversas vezes e homem de exímio exemplo a ser imitado, seja por Israel, como pela Igreja do Senhor. Assim como Saul esteve na liderança de Israel de 1050 a 1010 a.C. Davi esteve desde 1010 até 970 a.C.

Em primeiro lugar, devemos seguir os passos que foram dados por Davi, no que se refere a sua unção como rei de Israel:

1. Na volta de uma batalha contra os amalequita, Davi fica por dois dias em Ziclague. Sabendo da morte de Saul e

Jonatas, Davi ficou consternado e indignado com o moço que lhe trousse a notícia – II Sm 1.1-11; após Davi ter ordenado a morte do moço amalequita, ele compôs um hino em homenagem a Saul e a Jonatas – 1.12-27.

2. Com a morte de Saul e Jonatas, não havia mais nada que pudesse impedir que Davi fosse coroado rei dos judeus – II Sm 2.1-7. Apesar da popularidade de Davi, havia entre os judeus muita amabilidade quanto a sua pessoa. Destarte que entre as tribos do norte, não havia qualquer popularidade de Davi. Por esta razão, Davi ficou sendo rei somente de Judá por um tempo de sete anos e meio – II Sm 5.1-5.

3. Com o tempo e a paciência de Davi, o Senhor foi colocando todo Seu plano quanto a Davi em ação – I Cr 11.9. Os que detinham a liderança sobre as tribos do norte, foram orientados pelo Senhor quanto ao que deveriam fazer em relação a Davi – I Cr 12.32. E, assim, o Senhor colocou a Davi como rei em todo o Israel.

4. Não obstante a coroação de Davi como rei de todo o Israel, a Theocracia ainda estava em vigor neste tempo, pois quem estava no trono era Davi, mas, quem estava do governo era o Senhor. Através de Davi, o Senhor pode realizar Sua liderança sobre seu povo, pois Davi não tinha qualquer dificuldade em obedecer a tudo quanto o Senhor lhe ordenava – At 13.22.

5. Israel estava agora sob o comando de YHWH, e algo a mais ainda seria realizado. Todo o rei deve ter em seu reino uma sede para governar. Sendo assim, Davi orientado pelo Senhor, conquistou a Cidade de Jebus, às fortalezas dos jebuseus e edificou ali a Cidade de Davi (II Sm 5.7), ou a Cidade do Nosso Deus (Sl 48.1). O reinado de Davi fora expandindo e o Senhor não retirava suas mãos de sobre seu escolhido – II Sm 5.6-11.

6. Às conquistas de Davi não cessavam jamais! Às batalhas que ele enfrentava o colocava cada vez mais em destaque diante de seu povo e dos povos gentílicos. Algumas batalhas foram

marcantes na vida deste notável servo do Senhor. A primeira delas está em 5.23-35: nesta ocasião o Senhor dá a Davi orientações de ataque contra os filisteus e lhe orienta quanto a um estrondo que ele ouvirá. Não era para ele se preocupar, pois era o Senhor quem cavalgava sobre as amoreiras e ia diante dele para esta batalha; a segunda está em 23.13-17, quando três de seus valentes arriscara suas próprias vidas enfrentando a fortaleza dos filisteus, entraram em Belém e trouxeram a Davi água da fonte que ele deseja beber.

Todo este conteúdo histórico está registrado nas Escrituras Sagradas, tão somente para que hoje pudéssemos conhecer e reconhecer como o Senhor se compromete com os que estão comprometidos com Ele e com Seus projetos.

A História de Davi Continua

Não há como negar que o reinado de Davi trousse para Israel valores materiais e espirituais ainda não vistos. Assim como no futuro aconteceu grandes avivamentos entre este povo no governo de outros reis, nos dias de Davi aconteceu um grande avivamento. A liderança de Davi detinha um governo que ia do Eufrates até o Egito. Com isto, a nação de Israel obteve um tempo de altruísmo e potencialidade. Alguns eventos podem ser destacados aqui:

Primeiro evento*: o retorno da Arca da Aliança*.

Já havia se passado cerca de vinte anos que a Arca da Aliança estava em Quiriate-Jearim (I Sm 7.1-2). Todavia, para Davi, a Arca da Aliança era algo que deveria assumir alto destaque em Israel. Por esta razão, ela não poderia permanecer longe de seu território de origem.

Em II Sm 6.1-9 está registrado que o primeiro passo que Davi tomou para que a Arca pudesse voltar para seu local de origem, foi preparar trinta mil homens e ir até a cidade de Gibeá, à casa de Abinadabe, para que a Arca pudesse voltar com segurança. O que eles não buscaram do Senhor, foi justamente a orientação de como

esta Arca de veria ser conduzida. Em Nm 4.5-15 encontramos o Senhor previamente legando uma instrução quanto ao transporte da Arca (cf. I Cr 15.15). Foi justamente neste incidente que a Arca estava sendo transportada sobre um carro de boi (literalmente uma carroça), que ao passar por um caminho desnivelado o carro sacudiu e a Arca parecia que iria cair, quando Uzá estende à mão a toca imprudentemente; o Senhor não poderia ferir Sua Palavra, desta forma quem foi ferido literalmente foi Uzá.

Segundo evento*: Davi teme continuar o transporte*

Em consequência do que ocorreu com Uzá, Davi muda imediatamente a direção da Arca. Ao contrário de Jerusalém, a Arca do Senhor foi direcionada à casa de Obede-Edom (cf. II Sm 6.8-11). Após três meses deste incidente, Davi manda trazer a Arca da Aliança para Jerusalém. Não são poucos os que confirmam que a única razão de Davi ter mandado trazer a Arca da casa de Obede-Edom, foi justamente pela prosperidade que ele estava vivenciando, somente pelo fato da Arca estar presente em sua casa; por outro lado há os que consideram que as bênçãos que Obede-Edom recebera, já era o suficiente para recompensá-lo pelo cuidado que teve com o utensílio da Casa do Senhor.

Nesta ocasião, Davi arquiteta em seu coração um projeto de construir um tabernáculo para locar a Arca da Aliança, fazendo um paralelo entre o que ele vivia e o estado de acomodação da Arca (cf. II Sm 7.1-3). Natã o profeta acreditou que os pensamentos de Davi eram os pensamentos de Deus. Todavia, Deus interfere nos planos de Davi (vers.4-7), não anulando, mas sim, postergando-o, declarando que este projeto que Davi elaborou quem iria executá-lo seria Salomão, seu filho, quando tivesse assumido o trono de Israel – vers.8-17.

Mais detalhes da Davi na história

A História de Israel no período da monarquia davídica foi marcada por diversos ocorridos que não devem ser esquecidos:

a) O cap.8 define que Davi obteve vitórias sobre os filisteus (8.1); não foi diferente com Moabe (8.2); o mesmo veio acontecer com os dos sírios (8.3-8). Toí, rei de Hamate, oficializou paz com Davi, após saber de suas inumeradas conquistas (8.9-12); Davi faz os edomitas se renderem a ele, pois o Senhor o engrandecia – (8.13-14); além de ser um rei com o povo inclinado ao sua coroa, ele possuía diversos homens que foram chamados de "os valentes de Davi" – (8.15-18).

b) O cap.9 nos mostra que Davi não só detinha a grandeza da monarquia, a habilidade da guerra, a destreza de um excelente soldado do Senhor. Ele possuía um coração justo, e esta justiça chegou à vida de Mefibosete, filho de Jonatas, um dos herdeiros de Saul. Ziba foi que deu toda a informação a Davi acerca deste filho de Jonatas que vivia em Lo-Debar. Davi possuía uma aliança do Jonatas e esta aliança veio ser confirmada na vida de Mefibosete. Ziba ficou encarregado de estornar a Mefibosete todos os bens que eram de Saul. Mesmo tendo sido esquecido por longos anos, Mefibosete agora estava diante de Davi, e possuía sua herança de forma justa.

Vale lembrar aqui, que não estamos diante de um mero acontecimento histórico. O conteúdo de II Sm 9, nos leva ao entendimento analógico do que seria o ministério do Senhor Jesus Cristo. a) Primeiro, o rei Davi foi um representante legítimo do Messias de Belém. A promessa que o Deus-Pai fez no passado com Adão traria um grande benefício à humanidade no futuro, através do Deus-Filho. Segundo, a pessoa de Mefibosete é uma referência à humanidade que, por consequência do erro de um, está vivendo perdas impossíveis de se calcular. O homem tem a natureza moral de seu Criador. O pecado pode ter roubado seus bens matérias, mas, jamais lhe roubará a natureza de um príncipe escondida em seu interior, colocada pelo Rei dos reis e Senhor dos Senhores.

1. Um dia, Jesus veio e reconheceu esta humanidade caída (*coxa dos dois pés*) – Jo 1.11-13.

2. Deu-lhe o direito de resgatar a herança e ainda permanecer na mesa com o rei (*nossa entrada na Nova Aliança*) – Mt 26.19-30.

3. Agora, estamos assentados a mesa com o Rei e aguardamos um dia, a remoção da deficiência (*a natureza do pecado*) – I Co 15. 45-54; I Jo 3.2.

4. Para então obtermos a estatura de varão perfeito (*poder ficar de pé diante do Rei, sem qualquer constrangimento*) – Ef 4.13; II Tm 3.17; Tg 1.4.

A vida de Davi é um marco que a história jamais conseguirá apagar. Para Israel, Davi sempre será lembrado como um rei singular, mesmo que outros reis bons fizeram parte desta história. Somente um Rei poderá sobrepor a Davi em todos os sentidos: Jesus Cristo – O Rei dos reis. Quando Ele vier reinar em Israel, a sobra davídica será ofuscada por aquele que é a própria justiça.

A Religião de Israel

Davi, além de ter recebido do Senhor um grande talento para reinar, administrar os interesses do Senhor, ele foi também um ou o melhor compositor salmista dos tempos bíblicos. Embora, haja vista que outros cantores e compositores foram de elevado destaque na história religiosa de Israel, ninguém teve a plena comunhão com o Senhor, assim como foi o escolhido Davi. Como pastor, Davi se dedicou aos cuidados das ovelhas de seu pai Jessé; como rei, ele não deixou a desejar em pastorear o povo do Senhor.

Israel e seu histórico religioso

Em se tratando da religião de Israel, não há como fazer um paralelo entre esta e às demais que havia na antiguidade. Israel não veio conhecer o Verdadeiro Deus em Canaã. Este Deus que deveria ser singular na vida desta novata nação, já havia se revelado no passado para os ancestrais deste povo. Todavia, é necessário que se faça uma retrospectiva em relação às raízes desta religião, se desejar

adquirir uma melhor visão ou entendimento de como e quando tudo começou. Não que tenha iniciado da melhor maneira possível, pois, mesmo com os desafios e obstáculos que surgiram, Deus prevaleceu, pois tinha um projeto a ser concretizado através dos descendentes de Abraão.

a) *Como descrever esta religião*? Além de possuirmos a Bíblia, há ainda os escritos extra-bíblico que nos ajudam muito nesta compreensão. Nesses escritos, a religião de Israel adquiriu um processo de dificuldade em seu desenvolvimento, bem diferenciado em relação às demais religiões. Alguns chegam a duvidar se o que foi escrito por Moisés no Pentateuco, tem de fato, razões para ser aceito com plena confiabilidade.

b) *As primeiras informações*. O que é sugerido aqui, quando se trata da analise da religiosidade de Israel, é o máximo de cuidado, pois, para alguns, a datação das informações primitivas não são coerentes como é apresentado nos escritos mosaicos. Acreditamos que às bases da religião israelita tem sua origem em Abraão, Isaque e Jacó (Israel). Desses patriarcas, advém a fé que foi estabelecida em Israel como religião.

c) *Israel o povo de Deus*. Nos dias em que Israel peregrinou no Deserto do Sinai, já era possível ver a singularidade desta nova religião em relação a toda e qualquer outra religião conhecida no mundo antigo. Não há registro na história da humanidade que alguém ou algum povo primitivo tivesse a experiência com seus deuses ou deus, assim como Israel passou a contabilizar, iniciando no Egito e aprimorando no Deserto. O povo que foi liderado por Moisés não tinha dúvida de que o Único e Verdadeiro Deus estava se revelando a eles, e que eles deveriam creditar todo louvor, adoração e glorificação a este Deus. Israel havia sido escolhido para ser o povo de Deus e compartilhar esta revelação com todos os povos.

d) *Uma graça sem igual*. Em se tratando de uma graça singular e primitiva, Israel estava vivenciando algo notório quanto à questão de um povo eleito pelo Senhor. Se qualquer dúvida

viesse existir quanto a isto, era só Israel olhar em torno de si e perceber que não havia outro povo em que o Senhor estava revelando uma Aliança Pessoa e Nacional. Alguns preferem chamar esta "aliança" de "eleição". Paulo declara esta verdade em Ef 1.4.

e) *O reino sacerdotal*. Em Êx 19.1-6 encontramos a base histórica deste reinado e a intenção do Senhor de construir uma religião Theocrática. Como nação, Israel deveria se comprometer em servir ao Senhor como um povo exclusivo e tendo sempre em mente que o Senhor desejava ser reconhecido como o Governo Único de seu povo. O Senhor estabeleceu um ministério sacerdotal, para que o povo pudesse ter melhor acessibilidade a Sua presença. Deu a este povo um mandamento onde estava o principio moral que o Senhor queria que estivesse presente no caráter desta recém-criada nação.

A origem da religião de Israel tem como base o testemunho do deserto Sinaítico, a entrada triunfante em Canaã, a instituição de uma monarquia-theocrática, uma ponte profética entre Deus e seu povo. Esta história é limitada ao Antigo Testamento. Não fosse assim, então poderíamos estender os feitos do Senhor na revelação do Filho Unigênito, onde a singularidade desde povo continua em evidencia. Pois foi em ou através de Israel, que o Filho de Deus foi manifestado, a Igreja teve seu nascimento e o Evangelho iniciou sua peregrinação em direção a todos os povos.

A História de Israel e Sua Divisão

Com a morte do rei Davi (cf. I Rs 2.10-12) Salomão iniciou sua jornada como o novo rei de Israel. É importante que ao estudarmos esta parte da História de Israel, compreendamos que desde a morte do rei Davi até a divisão do reino de Israel em Reino do Norte e Reino do Sul, os relatos mais detalhados são encontrados nos Livros dos Reis, em relação aos Livros de Crônicas. Em se tratando da ausência de diversas informações sobre o assunto em estudo nos livros das crônicas de Israel, iremos dar mais evidente atenção aos livros dos

reis de Israel. Embora, faremos algumas alusões aos comentários de Crônicas, tão somente para suplementar as informações que estão inseridas nos Livros dos Reis.

Detalhes Quanto aos Livros de Reis

Nesta parte do estudo onde estaremos trazendo alguns detalhes sobre os Livros de Reis, podemos listar sua autoria e datação. Em relação à autoria do livro, a tradição dos judeus ou tradição judaica confere ao profeta Jeremias este mérito. Todavia, há uma grande parte dos eruditos, tanto judeus como cristãos que acreditam de forma apologética que seja Esdras o autor dessas obras. Até porque, a história dos reis finalizada com a libertação do rei Joaquim (cf. II Rs 25.27-30), o que veio acontecer em torno de 562-561 a.C. neste período, pelo que se acredita, o profeta Jeremias estava no Egito, com a idade avançada e imprópria para exercer a função de um escriba.

Pelo que podemos entender o escritor que desenvolveu esta obra, teve a sua disposição documentos que foram importantes para a construção deste documento. Ele fala de suas fontes citando nos seguintes pontos de referência:

1. O livro dos Atos de Salomão – I Rs 11.41.

2. As crônicas dos reis de Israel – I Rs 14.19.

3. As crônicas dos reis de Judá – I Rs 14.29.

4. No livro das crônicas de Natã, o profeta, e na profecia de Aías, o silonita, e nas visões de Ido, o vidente, acerca de Jeroboão, filho de Nebate? – II – Cr 9.29.

5. Nos escritos de Isaías – II Cr 26.22; 32.32; II Rs 20.20.

Nos livros que narram às histórias de Israel em todo e qualquer gênero, foram nitidamente direcionados pelo Espírito Santo. Sendo assim, tanto seja em Reis como em Crônicas, tudo de que passamos ser informados, tem plena correlação com a verdade. O propósito desses livros não se resume em declarar as particularidades dos reis

de Israel, mas sim, nos informar quanto à relação dos mesmos com a religiosidade do povo de Deus. Os líderes de Israel não poderiam jamais, se esquecerem do que Deus houvera falado através de Moisés em Dt 28.

É notável quando analisamos os métodos que os escritores veterotestamentários utilizaram para construir esta seção histórica dos reis de Israel. Uma história que contabiliza os elementos pré-divisor e pós-divisor do reino israelita, até a sua extinção em 586 a.C. Embora, o reino tenha se dividido em dois, havia ainda muita unidade em os reis do norte em relação ao do sul, no que diz respeito a suas práticas pecaminosas. Desta forma, a história, não só nos transmitem seus inúmeros pecados, como também, os juízos que o Senhor aplicou sobre cada um deles.

É sabido que nem todos os reis, tanto de Israel quanto de Judá foram maus aos olhos do Senhor. Houve os que receberam do Senhor os benefícios da obediência, pois buscaram seguir os caminhos que o Senhor estabeleceu para seu povo. Uma observação quanto a isso, é a metodologia que o Senhor utilizava para aplicar seus juízos ou benefícios sobre esta nação dividida. Em Judá, o Senhor mencionava os atos de Davi, que deveriam ser seguidos por todos os reis que assentassem no trono; em Israel, os pecados eram julgados e sentenciados, tendo como exemplo os pecados de Jeroboão. Entre todos os reis das duas partes, somente Ezequias e seu bisneto – Josias, que foram aprovados pelo Senhor sem quaisquer restrições. Os demais reis do norte, não houve algum que fosse aprovado por YHWH. Estas são algumas das informações históricas que os historiadores de Israel nos deixaram, em relação aos livros dos Reis sob a observação do Espírito Santo.

Detalhes quanto aos livros de Crônicas

Em elação aos livros dos Reis com os de Crônicas são uma versão das coisas que ocorreram de forma mais particulares entre os reis de Israel. Na construção da Bíblia Hebraica, os livros de

Crônicas estão em conjunto com os livros de Esdras e Neemias. Sendo assim, na versão hebraica, esses livros formam um só rolo. Nas versões gregas, vulgatas e católicas, eles aparecem divididos.

É aceito que a autoria desses documentos seja de Esdras, tendo assim, sua datação na parte final do séc. V a.C. Para alguns comentaristas das Escrituras Sagradas, esta aceitação não é tão aplausível, pois eles não encontram base para sustentar essas afirmações. Todavia, a forma como os documentos apresentam os detalhes históricos que formulam o período pós-exílios, não deixa dúvidas quanto à devida aceitação acima citada. Além de uma breve observação: na mesma forma de comunicação apresentada no final de II Cr 36.22-23, encontramos as mesmas palavras na iniciação de Ed 1.1-2.

A vida pós-exílio

Na ocasião em que esses documentos históricos foram construídos, ou seja, os Livros de Crônicas, já estavam residindo em Canaã, por ocasião de retorno do exilio. Os fatos históricos foram ocorridos em tempos bem distantes quanto ao tempo da escrita dos livros. Neste tempo, o povo que havia retornado do exilio, estavam vivendo no comendo do Governo Sacerdotal. Sendo assim, toda a ocupação que o povo via diante de seus olhos, giravam em manter o propósito do Templo e na observação da Lei.

A importância de Crônicas

Para muitos dos leitores dos Livros Históricos, ocorre um certo enfado em ler e estudar seu conteúdo, pois parece que duas pessoas escreveram a mesma história, porém com temas diferentes. O que na verdade não foi. Esses livros não são uma recopilação de conteúdo. O que se deve observar de imediato é que nos livros que compreendem a I e II Samuel, como I e II Reis, o historiador não se deu ao trabalho de notificar as genealogias do povo de Israel e seus antecedentes. Em Crônicas estas informações genealógicas são vastas e importantíssimas.

Além de narrar a história pela genealogia, os cronistas fizeram questão de falar dos reis Saul, Davi e Salomão, entrando mais em suas particularidades. É como se em I e II Samuel encontrássemos a razão da existência da monarquia; em I e II Reis, nós nos deparássemos com os conflitos que esses reis vivenciaram; e em I e II Crônicas os assuntos decorrem em torno das histórias mais familiares desses monarcas. Daí, a necessidade da genealogia. Outra importância desses escritos de Crônicas é analisada pelo seguinte ângulo:

> mesmo que a história apresentada nas Crônicas abranja o mesmo período que se descreve em 2 Samuel e nos livros dos Reis, o autor não tenta narrar todos os acontecimentos encontrados neste livro. Inclui só aqueles incidentes que são importantes desde o ponto de vista sacerdotal. Guarda silêncio sobre os pecados de Davi, mas relata detalhadamente o transporte da arca para Jerusalém e organização do culto ali, o pacto davídico e como Davi preparou todo o necessário para a construção do templo.[20]

Na verdade, existe uma situação nesta obra que está intrinsecamente ligada ao autor: Ele não se preocupa com outa coisa, senão em elucidar os acontecimentos que envolvem a religião de Israel. Os demais acontecimentos são adicionados, mas, não com tanta relevância quantos os atos de Davi e Salomão em relação à construção do templo e os ofícios sacerdotais. Com isso, está mais uma evidencia de que esta obra seja de Esdras, pois ele era sacerdote, cronista, historiador e mestre na Lei do Senhor.

A Divisão do Reino

Em 931 a.C o reino de Israel vive as consequências de alguns pontos em sua história: em primeiro lugar, a morte do rei Davi. Com sua morte, o povo de Israel não perdeu somente um grande e inigualável soldado, mas, um singular rei. Salomão assume o trono monárquico e coloca Israel entre às nações do mundo, a mais excelente entre todas. Todavia, não foram somente a glória e a riqueza que os israelitas viveram, eles viveram também, o tempo da idolatria.

20 Cf. HOFF, Paul. *Os Livros Históricos... Op. cit.*

Por esta razão, o autor de Crônicas não se deixa levar muito por outro assunto que não seja o relacionado com o Reino de Judá, e em especial, o que diz respeito ao Templo de Jerusalém. O autor pouco ou quase nada fala acerca dos elementos religiosos do Reino do Norte. Até porque, este reina é estruturado, desde Jeroboão, em uma forte influencia idolátrica.

Quando Salomão morre, ele já deixa o reino dividido como herança para seu filho Roboão – I Rs 11.9-12. Aqui, podemos ter algumas informações quanto a Salomão, durante os dias de seu reinado, que lhe deram todo o prestigio e popularidade:

a) *Primeiro:* Salomão não desperdiçou a oportunidade que teve de aplicar sua habilidade em comercializar. Além de ser muito estratégico no comercio, ele possuía uma rota comercial ao Norte de Israel, que lhe dava todo aparato necessário para desenvolver esta habilidade.

b) *Segundo*: Houve uma parceria entre Israel e a Fenícia, pois Salomão iniciou um comércio náutico, onde começou a produzir navios, o que era uma novidade para os israelitas. Até então, eles não haviam se destacados nos trajetos marítimos com suas próprias embarcações. Com os navios, houve a possibilidade de Israel exportar e importar produtos de alto valor, melhorando assim seu comércio e produzindo extrema riqueza para o país.

c) *Terceiro*: No reinado de Salomão, ocorreu outra forma de comércio: Salomão iniciou uma compra de cavalos cilícios, vindo da terra dos hititas, e os carros para esses cavalos ele comprava do Egito (cf. I Rs 4.26; 10.28; II Cr 1.16; 9.25-28). Em II Sm 8.4 o texto diz que Davi "jarretou" a todos os cavalos dos carros", ou seja, Davi cortou uma das pernas de todos os cavalos, tornando-os inúteis para qualquer tipo de atividades. Com isso, entendemos que Davi não nutria a intenção de formar uma cavalaria, assim como fez Salomão.

d) *Quarto*: Salomão se tornou conhecido por todos os lugares, justamente, por ser destacada a sua sabedoria – I Rs 10.1-

13. O personagem em destaque nesta referencia bíblica, é a rainha de Sabá. Esta mulher veio de Sabá, uma região que fica localizada na Arábia, hoje conhecida como: Yêmem, situada a 2.400 quilômetros de Jerusalém. Não somente ela, mas, todos os reis da terra, iam até Salomão, atraídos pela sua sabedoria.

e) *Quinto*: Salomão, não só sobressaiu em sabedoria aos demais homens de sua época, como também em riquezas. Segundo Hoff, "à medida que sua fama crescia e aumentava suas riquezas, Salomão deixou-se arrastar pelos sentimentos, até sua grande sabedoria tornar-se cega. Ele não soube administrar suas riquezas nem sua grandeza com moderação. Fez centenas de escudos de ouro que só serviram como objeto de ostentação. Não esteve contente com o trono simples, como o que tivera seu pai Davi, mas desejou para si um trono superior ao de qualquer outro rei da época. Tudo o que ele fazia, o fazia extravagantemente e em grande escala. Calcula-se que até 15.000 pessoas sentavam-se A e na mesa real, entre as mil mulheres do harém de Salomão, os funcionários da corte, os embaixadores de outras nações e os visitantes"[21]. Essas ações de Salomão, em princípio, não pareciam ser nada demais, mas, com o tempo, elas causaram danos em seu relacionamento com o único Rei que ele jamais deveria ter abandonado.

f) *Sexto*: Salomão não se conteve apenas com um único casamento. Além ser seus casamentos são serem realizados por amo, mas, somente por uma questão de politica, ele foi sucumbido pela idolatria de suas esposas. Se a vida de Salomão foi de disputa com os demais reis da terra, no que diz respeito à aquisição de riquezas, às mulheres não ficaram fora disso. Ele sobressaiu os demais reis na construção de seus haréns. Todavia, o Senhor já estava para colocar limites nos atos de Salomão.

21 HOFF, Paul. *Os Livros Históricos... Op. cit.*, p. 192; 193.

g) *Sétimo*: Salomão não só adquiriu fama, gloria, riquezas e pomposidade, ele adquiriu também alguns inimigos como: *a)* Hadade, o edomeu – I Rs 11.14-22; *b)* Rezom, e Jeroboão – I Rs 11.23-26. Desde que o Senhor se levantou contra Salomão, ele não teve mais paz, mesmo que seu nome do hb. "*Shelomon*" viesse significar "pacifico", oriundo de "Shalom" que é "Paz".

Os atos finais da vida de Salomão contrastam paradoxalmente com os primeiros. Sua sabedoria tornou-se insensatez plena. Os custos que eram financiados pelos altos impostos pagos pela sociedade, resultaram em aspecto de escravidão. O povo estava vivendo como oprimidos por reis vassalos, homens tiranos. Daí, a razão pela qual o Senhor agiu na divisão do reino de Israel – I Rs 11.27-36. Desta forma, Salomão morreu, e a única riqueza que ele deixou para seu filho, foi um reino dividido, e muitos problemas para serem solucionados – I Rs 11.40-43.

Futuros Eventos da História de Israel

Estaremos iniciando aqui, um comentário histórico sobre a história monárquica de Israel, na qualidade de reino dividido. Sendo assim, veremos alguns detalhes sobre os reis que formaram o governo do Reino do Norte – Israel e do Reino do Sul – Judá. Lembrando que, essas duas divisões não foram só divididas pelos pecados de Salomão. Os demais reis que vieram posteriormente, também pecaram abertamente contra Deus, e esses pecados resultaram em outra divisão: Os dois cativeiros – Assírio e Babilônico.

Em primeiro lugar, iremos comentar sobre os fatos relacionados ao Reino do Norte – Israel. Pois este reino durou um tempo menor que o do Reino do Sul. Mesmo que tendo menos tempo de duração, capitalizou uma maior quantidade de reis.

Reino do Norte – Israel: Os efeitos dos monarcas nortistas foram em sua plenitude, danosos aos israelitas. Nenhum deles foi

bem-sucedido com esses governos. Veremos aqui alguns detalhes sobre esta questão:

O Reinado de Jeroboão.

O reinado de Jeroboão foi visto mais como uma fortaleza militar, bem semelhante à liderança monárquica de Saul. Mesmo sendo reconhecido como um grande líder militar, Jeroboão não soube fazer uma politica de economia para Israel, não administrando às arrecadações tributárias do povo. Os aspectos militares de Israel não ocuparam espaço na mente de Jeroboão, o que não o levou a interessar por uma localidade especifica de cultos e adorações, até que seus sacerdotes estabelecesse esta cobrança. Alguns pontos podem ser destacados aqui:

• Jeroboão – 931-909 a.C. Jeroboão manteve seu reinado por um período de 22 anos.

• Ele era da tribo de Efraim, levantou-se contra Salomão, por ocasião de uma ação politica que não veio a concordar (cf. I Rs 11.26-40); conservou seu reinado de vinte e dois anos marcado por constantes guerras – I Rs 14.30; 15.6; II Cr 13.2.

• Estando em conflito com Judá, e diretamente contra Deus pela idolatria (II Cr 11.13-15), o Senhor envia um profeta anônimo que fala de maneira firme contra a idolatria implantada por Jeroboão – I Rs 13.1-6.

• Esta profecia foi proferida cerca de: 322 anos antes do nascimento de Josias e veio se cumprir 348 após sua predição – II Rs 23.1-3; 17-18.

• Assim, o Senhor condenou toda a descendência de Jeroboão (cf. I Rs 14.10-11).

Embora, Jeroboão fora avisado pelo profeta Aias que ele reinaria sobre Israel, o Senhor Lhe advertiu quanto à obediência que ele deveria prestar ao Senhor, como critério de tornar sua descendência perpetua em Israel – I Rs 11.29-38. Após receber a

coroa como rei do Rino do Norte, Jeroboão fez o contrário do que havia sido dito pelo Senhor, implantando um circuito de idolatria que abrangeu todo o território nortista de Israel.

No histórico do Reino do Norte está registrada uma quantidade de 19 reis: 1) Jeroboão – 930-909 a.C; 2) Nadabe – 909-908 a.C; 3) Baasa – 908-886 a.C; 4) Elá – 886-885 a.C.; 5) Zirri – 885 a.C; 6) Onri – 885-874 a.C.; 7) Acabe – 874-853 a.C.; 8) Acazias – 853-852 a.C.; 9) Jorão – 852-841 a.C.; 10) Jeú – 841-814 a.C.; 11) Jeoacaz – 814-798 a.C; 12) Jeoás – 798-782 a.C; 13) Jeroboão II – 793-753 a.C; 14) Zacarias – 753 a.C.; 15) Salum – 752 a.C.; 16) Menaém – 752-742 a.C.; 17) Pecaías – 742-740 a.C; 18) Peca – 752-732 a.C; 19) Oséias – 732-722 a.C.

Este histórico monárquico poderia ter sido diferente, se os reis tivessem buscado andar em obediência ao Senhor. Como esta não foi à realidade em nenhum deles, houve diversas dinastias, oriundas de vários reis que não se aplicam a uma sequência familiar.

O Reino do Sul – Judá: Se o reinado nortista não demorou muito para ser sucumbido pelos seus pecados, o reinado sulista não foi tão imediato assim. Desde que o reino Unido de Israel fora dividido em dois polos distintos, o Reino do Sul, que teve sua iniciação com Roboão, filho de Salomão em 931 a.C, manteve-se como um pequeno estado, tendo como Jerusalém sua capital. Assim que o Reino do Norte foi tomado pela Assíria, Judá iniciou um governo representativo, ocupando a responsabilidade de dar continuidade à ocupação da terra que lhes fora dada pelo Senhor, mediante a aliança Abraâmica – Gn 12.7.

Aqui, podemos entender mais um pouco sobre esta monarquia sulista, estudando os livros de Crônicas, pois nos Livros de Reis a atenção é maior para o Reino do Norte. A história de Judá em Crônicas narra desde Davi até a destruição de Jerusalém. Em Crônicas, Judá aparece como sendo o verdadeiro reinado israelita e Jerusalém é apresentada como a Cidade Santa, o que faz deste Reino do Sul, uma base para todos os cumprimentos proféticos direcionados ao futuro Messias. Foi justamente de Jerusalém que

toda a linhagem monárquica de Davi se manteve, até que em 586 a.C ocorreu o ápice do cativeiro babilônico.

Os Monarcas de Judá

Aqui, mais uma vez, iremos prescrever a listagem dos monarcas que lideraram este povo até o tempo do cativeiro. Embora, não iremos comentar sobre todos os reis de Judá, mas, daremos uma breve atenção ao primeiro monarca do reino dividido: Roboão.

O reinado de Roboão.

O que iremos detalhar aqui confere com o que lemos no livro de Crônicas – II Cr 11.1-4. Durante a iniciação do reinado de Roboão, ele andou na presença do Senhor, servindo-Lhe e fazendo tudo conforme Davi seu pai fazia – II Cr 11.17. Roboão fortaleceu cidades (15 cidades no total) de Judá, como também de Benjamim, que cobriam o território do Sul, se aproximando do Egito. Agiu semelhantemente como seu pai, unindo-se em casamento com várias mulheres, alimentando seu harém, até com mulheres que eram suas parentas próximas – II Cr 11.18-21.

Todavia, após estar o reinado de Roboão fortalecido, enriquecido e consolidado, tanto ele, como todo o povo se desviou dos caminhos do Senhor e começaram a praticar a idolatria – I Rs 14.22-24. A idolatria voltará a ser vista em alto relevo na Terra da Promessa. Isso pode estar acontecendo, devido ao fato de a mão de Roboão ser amonita e ter conduzido ensinamentos heréticos ao filho quando em sua infância – II Cr 12.13-14. Por esta razão, Roboão foi punido pelo Senhor, pois não preparou seu coração para buscar obedecer a Lei do Senhor – II Cr 12.14.

Os demais reis que fizeram a composição dinástica de Israel podem ser listados aqui, como o foi os reis do Reino do Norte: 1) Roboão – 931-913 a.C; 2) Abias – 913-910 a.C; 3) Asa – 910-869 a.C; 4) Josafá – 872-848 a.C; 5) Jorão – 848-841 a.C; 6) Acazias – 841 a.C; 7) Atalia – 841-835 a.C; 8) Joás – 835-796 a.C; 9)

Amazias – 796-767 a.C; 10) Uzias – 790-739 a.C; 11) Jotão – 750-732 a.C; 12) Acaz – 732-716 a.C; 13) Ezequias – 716-686 a.C; 14) Manassés – 696-942 a.C; 15) Amom – 642-640 a.C; 16) Josias – 640-609 a.C; 17) Jeoacaz 609 a.C; 18) Jeoaquim ou Eliaquim – 609-597 a.C; 19) Joaquim ou Jeconias – 597 a.C; 20) Zedequias – 597-586 a.C.

Esta lista de reis nos coloca em uma posição onde podemos ver os homens que foram avaliados pelo Senhor, como sendo homens bons, médios, regulares, maus e extremamente perversos. Todavia, como o Senhor não está limitado aos atos dos homens para realizar Seus maravilhosos atos, não houve quem pudesse fazer qualquer coisa que interrompesse os planos do Senhor, como fora dito por Jó – Jó 42.2.

O Período Interbíblico na História de Israel

Este tempo da história de Israel, conhecido como "*Período Interbíblico*", foi marcado por um gráfico constante no que diz respeito aos conflitos mundiais. Esses conflitos, embora estejam no território gentílico, de forma direta ou indireta, comprometia o povo de Israel. Isso, se levarmos em consideração que esses conflitos estavam associados aos governos que nutriam com suas politicas o cativeiro do povo de Deus. Esta época está marcada pelo destaque de quatro grandes governos:

1) O Governo Medo-Persa – 537-330 a.C.

2) O Governo Grego ou Alexandrino – 330-167 a.C.

3) O Governo Macabeu ou Asmoneu – 167-63 a.C.

4) O Governo Romano – 63 a.C até 476 d.C.

O Governo Medo-Persa – 537-330 a.C.

O período medo-persa foi prolongado no que diz respeito ao Império Babilônico. No tempo do Império Medo-Persa, vários foram os personagens judeus que se destacaram. Entre eles, podemos

destacar: Esdras, Neemias, Mardoqueu e Ester. Nos dias de Neemias muitos judeus foram repatriados a sua terra natal, o templo já estava reconstruído, porém, os muros da cidade estavam ainda destruídos. Neemias foi o responsável pela liberação dos recursos necessários para realizar a restauração dos muros e das portas da Cidade de Jerusalém.

Na metade do séc. IV a.C., uma revolta fez que muitos judeus retornassem ao cativeiro babilônico, como para outras regiões sob o domínio dos Medo-Persas, na voz de comendo de Artaxerxes Ochus (Segundo alguns informes, Artaxerxes III - 425 a.C. 338 a.C., originalmente conhecido como Oco (em latim: Ochus), foi o décimo Xá do Império Aquemênida). "Oco" do babilônico "Ú-ma-kuš" era o nome de antes de subir ao trono sendo geralmente referido como Artaxerxes III Oco, mas no Irã ele é conhecido como "Ardexir III". No período final deste império, além da derrocada para os gregos, ocorreu um desligamento entre os judeus e os samaritanos; outro fator foi à substituição do idioma hebraico pelo aramaico de forma generalizada, além de o judaísmo vir tonar parte integrante dos moradores da Galiléia.

O Governo Grego ou Alexandrino – **330-167 a.C.**

O tempo do Império Grego foi de um resultado extraordinário para o mundo de então. Não somente a política revolucionou o mundo, como também diversas formas de culturas foram contagiadas pela cultura grega. Partindo da Macedônia ao encontro de todo o mundo primitivo, iniciando pelas conquistas do rei Filipe, pai de Alexandre, até o tempo do Império, a Grécia atingiu resultados surpreendentes. Alexandre Magno ou O Grande foi quem ergueu os pilares imperiais de seu povo, após ter herdado o trono de seu pai Filipe. Foi através de Alexandre que os judeus iniciaram uma história de privilégios e com liberdade de implantar sua fé sem restrições ao Verdadeiro Deus entre os gregos. Os que assim foram alcançados pela fé em YHWH, passaram a serem vistos como "prosélitos". Todavia, os

judeus também se envolveram com as filosofias gregas e demais práticas de suas culturas.

Após a morte de Alexandre, havia quatro homens que eram vistos como de alta confiança, e foram eles quem recebeu o direito de herdar este governo. O Império Grego foi dividido entre esses quatro homens identificados como: Cassandro, Ptolomeu, Selêuco e Lisímaco. Em 301 a.C., foram diversas situações decorrentes de uma grande disputa pela liderança sobre a Judeia. Os egípcios na ordem dos Ptolomeus conflitavam com os sírios na ordem dos Selêucidas, e isso por um período de aproximadamente I século. Os judeus não possuíam em atividade uma dinastia. Sendo assim, nesta ocasião quem respondia pelo governo judeu eram os sacerdotes. Com algumas prerrogativas de benefícios advindo desta brica politica de domínios, esse sacerdócio passou a ter alguns privilégios outorgados pelos governos interessados em implantar uma sede de governo no território judaico. Uma dinastia sacerdotal foi estabelecida, tendo como ponto de apoio uma espécie de senado.

No que se refere aos conceitos da Lei de Deus para que o sacerdócio de Israel fosse administrado somente pelos que viessem da Tribo de Levi e da casa de Arão, parece não estar mais em credibilidade. Algo, o sacerdócio não é mais visto como ministério, mas, sim, como cargo. Um cargo que concedia regalias e por esta razão passou a ser desejado por muitos.

O Governo Macabeu ou Asmoneu – 167-63 a.C.

O período conhecido como a "Era dos Macabeus", foi marcado por diversos conflitos religiosos entre os sacerdotes conservadores e os ligados a Antíoco Epifânio. Após a morte de Matias em 166 a.C., o termo "Macabeus" tem sua origem na palavra "Martelo", que veio ser utilizado no tempo de Judas o terceiro filho de Matias. Judas veio morrer em uma batalha conhecida como "A Batalha de Elasa" em 161 a.C. Foi, a partir desta datação, que surgiu uma dinastia conhecida como "Asmonea". Nesta ocasião houve diversos conceitos de defesa pela ordem e

conservação do sacerdócio e os rituais mosaicos segundo a Lei do Senhor. Foi neste tempo que surgiu os "Chasidim" praticantes de atos piedosos e influentes no que diz respeito ao movimento Macabeu. Foram eles que conseguiram conduzir o povo a uma restauração na conservação à fé que veio desde a Dispensação dos Patriarcas.

Em 165 a.C., o templo veio vivenciar uma restauração; os utensílios da casa do Senhor foram outra vez consagrados; através de muitas batalhas o povo foi liberto das influências sírias; o que se refere à rivalidade existente no Monte Gerizim veio ao fim, pois Samaria foi destruída em 129 a.C; e a liderança dos Macabeus recebeu autenticidade de governo sacerdotal perpetuamente, até que um legitimo rei de Israel se levantasse.

Todavia, em um tempo de grandes mudanças, uma maioria dos judeus se voltou para a influência dos conflitos gentílicos. Nesta ocasião os mais atingidos por esta situação foram os Chasidim, que nutriam sue fé e esperança somente no Deus de Israel. Todavia, entre os que já não conservavam esta mesma fé, surgiu uma oposição e, justamente nos dias de Hircano (135-106 a.C) que veio ser reconhecida como "Fariseus" do hb. "Perushim" que sig. "Separatistas", colocando assim os conceitos do judaísmo em ameaças. Pelo fato de os "fariseus" serem dedicados ao conhecimento sistemático de Lei do Senhor, eles foram recebendo o reconhecimento da sociedade.

Um personagem por nome de "Alexandre Janeu" (165-78 a.C.) que se posicionou sofreu um ataque em sua posição como sumo-sacerdote, porém sua esposa Alexandra (78-69 a.C.), agora viúva, conseguiu fazer uma ordem de interesses religiosos e políticos distintos, colocando assim seu filho Hircano II como o Sumo Sacerdote. Desde então, a ordem passou a reinar entre os judeus, mesmo com a oposição dos assim conhecidos "Escribas e Fariseus".

O Governo Romano – **63 a.C até 476 d.C.**

Chegamos ao tempo da revelação dos romanos. Nesta ocasião, enquanto os fariseus se enriqueciam com as diversas

alterações de lideranças e governos que produziam oportunidades de lucros indevidos, principalmente sobre os saduceus que eram formados por uma estirpe de pessoas ricas, influentes na sociedade e que nutriam alta posição social. Os fariseus construíram sua sede na Cidade de Jerusalém, e se sujeitavam a tudo o que era contrário aos bons princípios éticos e morais, sem contar a influência greco-romana.

Os resultados negativos para os judeus pioraram quando Antípater, o idumeus, fortalecido pela política romana regeu este povo até sua morte em 43 a.C. esta posição foi dada ao seu herdeiro Herodes o Grande em 37 a.C. Roma lhe concedeu toda ajuda possível e o elevou a rei sob toda a Judéia. Segundo alguns historiadores, Herodes o Grande era bastante versátil: Por nascimento ele era Idumeu; por profissão ele era judeu; por necessidade ele era romano; por cultura ele era grego. Herodes se mostrou uma pessoa sem escrúpulos e trazia temor por onde passava, para proteger seu governo. Ele exerceu os cargos da mais alta confiança no governo sob a influência de pessoas de diversos lugares como os sacerdotes de Babilônia e de Alexandria. Os que vieram ocupar os cargos da mais alta posição neste tempo, após sua morte em 4 a.C., foram seus três filhos:

a) Filipe – Este governou o território leste do Jordão;

b) Antipas – Este veio ter o comando da Galiléia e da Peréia;

c) Arquelau: Este sujeitou ao seu governo os residentes da Judéia e Samaria.

Quando Arquelau morreu, seu governo foi direcionado ao Império Romano que deteve direto domínio de poder colocar quem desejasse para ali liderar o povo. Entre os anos de 26 1 36 d.C., quem esteve neste governo sob a influência de Roma foi Pôncio Pilatos, que detinha o titulo de "Procurador". Diante de tudo isso, podemos entender que a história de Israel que teve seu início em Gn 12.1-3 sob a Aliança Abraâmica ou Patriarcal, o Senhor veio preparando todo o terreno para o nascimento de Seu Filho Unigênito, que um

dia governará este povo, assim como toda a humanidade por um Governo que não terá fim.

Conclusão

Tudo que o podemos compreender, relacionado à História de Israel, é que os planos do Senhor não se limitam ao tempo e nem as influências humanas. Tudo que o Senhor determinou e profetizou até o nascimento de Jesus Cristo se cumpriram fielmente. Sendo assim, não nos resta qualquer dúvida de que aquilo que ainda deve se cumprir, finalizando as promessas com Israel, se cumprirá e não tardará. Amém.

Referências

BARCLAY, William. *Palavras Chaves do Novo Testamento*. 1 ed. São Paulo. Editora Vida Nova, 2010.

BRIGHT, John. *História de Israel*. 1 ed. São Paulo: Editora Paulus, 2003.

DICIONÁRIO Bíblico. *Um guia de estudos e entendimento do Livro dos livros*. São Paulo: DCL, 2010.

HERRILL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. 4 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

HOFF, Paul. *Os Livros Históricos*: A poderosa atuação de Deus no meio do seu povo. 4 ed. São Paulo. Editora Vida, 2003.

RICHARDS, Lawrence O. *Guia do Leitor da Bíblia*. Uma análise de Gênesis a Apocalipse capítulo por capítulo. 9 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

ROBINSON, Edward. Léxico Grego do Novo Testamento. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléia de Deus – CPAD, 2012.

VINE, W. F. UNGER, Merril F. WHITE. William Jr. *Dicionário VINE*. O Significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento. 1 ed. Rio de Janeiro. CPAD: Casa Publicadora das Assembléia de Deus, 2002.

WIKIPÉDIA. *Essênios*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ess%C3%AAnios#:~:text=Os%20Ess%C3%AAnios%20ou%20Ess%C3%A9nios%20(Issi,foi%20mencionado%20por%20autores%20antigos.

(27) 3376-0363

facebook.com/EditoraMilfontes

@espacomilfontes

Conheça mais sobre a Editora Milfontes.
Acesse nosso site e descubra as novidades que preparamos para Você.
Editora Milfontes, a cada livro uma nova descoberta!

Este impresso foi composto utilizando-se as famílias tipográficas Cormorant Garamond e Minion Pro.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.

MILFONTES